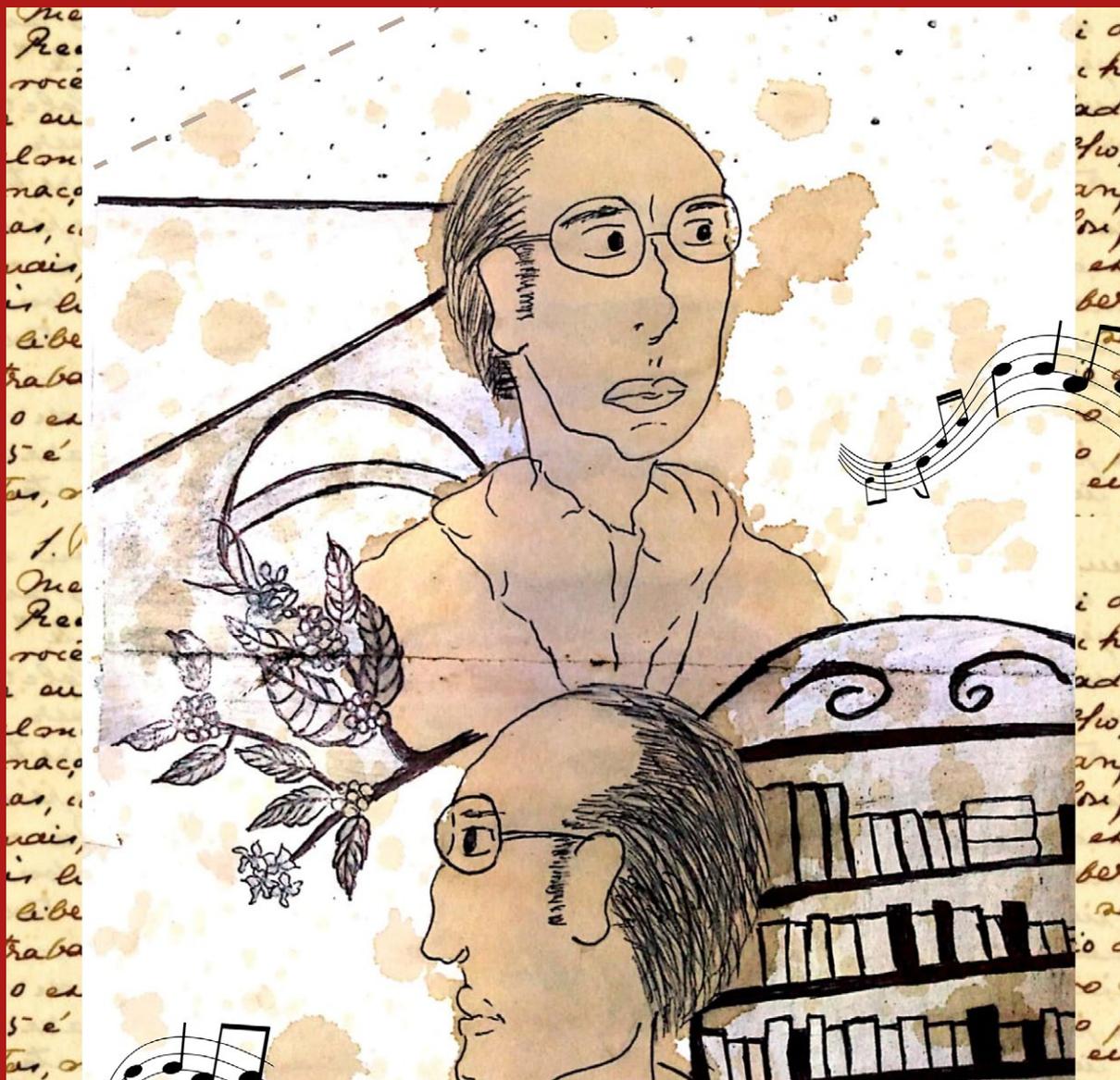


MÁRIO DE ANDRADE

CONTOS SELECIONADOS



MÁRIO DE ANDRADE

CONTOS SELECIONADOS

Seleção e organização: Sophia Aguiar et al.

Editor

Rogério Barbosa da Silva

Publicação da LED – Editora Laboratório do curso de Letras- CEFET-MG

Série - E-leituras

Belo Horizonte
2025

Projeto: Série e-Leituras

Volume: “Mário de Andrade – Contos Seleccionados”

Editor da série E-leituras: Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva

Equipe:

Seleção de textos:

Amanda Lima Bárbara Soares – Bianca Rodrigues – Camila Marques – Deborah Moreira – Dimíttria Ferreira – Gláuber Fraga – Hélio Viana – Igor Silva – Isabella Teixeira – Isabelle Campos – Mariana Bittencourt – Mariane de Sousa – Marina Guedes – Priscila Marcelino – Sâmara Cipriano – Sophia Aguiar

Preparação textual:

Amanda Lima – Isabelle Campos – Marina Guedes – Mariane de Sousa

Produção e organização de aratextos:

Bianca Rodrigues – Camila Marques – Dimíttria Ferreira – Isabella Teixeira

Revisão:

Gláuber Fraga Hélio – Viana Igor Silva

Projeto Gráfico/Diagramação:

Barbara Soares Silva – Deborah Moreira – Mariana Bittencourt – Sâmara Cipriano – Sophia Aguiar

Ilustração:

Barbara Soares Silva

Revisão editorial: Rogério Barbosa da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA

M341

Mário de Andrade [recurso eletrônico]: contos seleccionados / Seleção e organização: Sophia Aguiar et al.. Belo Horizonte: LED, 2025.

102 p. (E-Leituras)

ISBN: 978-65-87948-56-0

1. Contos brasileiros. I. Título.

CDD: B869.3

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

SUMÁRIO

NOTA PARA ESTA EDIÇÃO	5
MÁRIO DE ANDRADE:A ARTE DO CONTO E A VIDA COMUM	6
NARRADOR PERSONAGEM	10
TEMPO DA CAMISOLINHA	11
VESTIDA DE PRETO	17
FREDERICO PACIÊNCIA	23
O PERU DE NATAL	34
BRASÍLIA	38
NARRADOR OBSERVADOR	48
ATRÁS DA CATEDRAL DE RUÃO	49
NELSON	64
HISTÓRIA COM DATA	73
CONTO DE NATAL	88
OS SÍRIOS	94
BREVE CRONOLOGIA	98
OBRAS DO AUTOR	99

NOTA PARA ESTA EDIÇÃO

Esta edição teve como propósito o estudo de processos editoriais no curso de Letras - Tecnologias de Edição, culminando com a realização de um projeto editorial de autor em domínio público. Para tanto, recorreremos aos textos disponibilizados a partir das obras editadas originalmente pela Editora Itatiaia (*Obra Imatura* - Há Uma Gota De Sangue Em Cada Poema - Primeiro Andar - A Escrava Que Não É Isaura. 3ª ed, Belo Horizonte, 1980) e Ed. Villa Rica (*Contos Novos*. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1996). No desejo de oferecermos um trabalho de qualidade, foram também realizados o cotejo e o estudo de edições especializadas, como as realizadas pela Profa. Telê Ancona Lopes e sua equipe de pesquisadores. Para os contos de "Primeiro Andar", seguimos algumas orientações das edições: ANDRADE, Mário de, 1893-1945. *Obra imatura*. Estabelecimento de texto Aline Nogueira Marques; coordenadora da edição: Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Agir, 2009. Para os de "Contos novos": ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. Estabelecimento do texto por Hugo Camargo Rocha, Aline Nogueira Marques; Edição coordenada por Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

Em geral, as edições das obras de Mário de Andrade têm seguido o plano deixado pelo autor, primando por manter a intenção do criador e a unidade de seu projeto escritural. Mário de Andrade era muito cioso da sua produção literária e chegou a classificar alguns de seus contos como "Contos piores", sendo alguns posteriormente dados como prontos, como informa o autor no prólogo de *Contos novos*. Quanto à *Obra imatura*, a edição que tem servido de base para as várias reedições disponíveis é a segunda, preparada pelo próprio Mário. Nela, o autor inclui uma "Nota à 2ª edição", em que demonstra os seus cuidados e suas idiossincrasias de escritor:

Da primeira edição só guardei os contos, por curiosidade o mais antigo que não destruí, feito lá pelos vinte e um anos, "Conto do Natal", e mais "Caçada de Macuco", "Caso Pançudo", "Galo que não cantou", "Eva", "Brasília", "História com data". Foram retirados o horrível "Cocoricó", uma vergonha, e... ara! várias outras vergonhas. (Andrade, 2009, p. 71)

Na advertência, que manteve desde a 1ª edição, Mário em tom de desculpas e esclarecimentos diz que os contos incluídos em "Primeiro andar", são os que se salvaram de "um dilúvio de manuscritos [nas gavetas] recorridos muitas vezes" e acrescenta:

É verdade, livro sem outros valores que esses: carinho e enganos bem iludidos de aprendiz. Muita literatice muita frase enfeitada. Não faz mal, ao menos publicando-se me liberta duma vez do meu passado e dos namoros artísticos dele. Agora vou gastar meu dia bem descansado sem esses exames-de-consciência que fazem a gente parar de supetão contemplando a distância atrás num juízo crítico impossível, fiz bem? fiz mal? (...) (Andrade, 2009, p. 73).

Para além do jeito próprio de Mário de Andrade encarar seus escritos, nesta edição buscamos o caminho da seleção, o que nos permite, a partir da experiência de leitores jovens estudantes de letras, selecionarmos um conjunto de seus contos dialogando com aqueles eleitos para os Contos novos, e só publicados após a morte do autor. Curiosamente, os contos de "Primeiro andar", reunidos em *Obra imatura*, vieram à luz ainda em vida do autor.

Para melhor informação do leitor, deixamos assinalados ao final dos contos, a procedência e as datas. Nos "contos imaturos", digamos assim, era algo essencial para a exposição do processo escritural do autor.

MÁRIO DE ANDRADE: A ARTE DO CONTO E A VIDA COMUM

Com esta publicação, **Mário de Andrade - Contos selecionados**, o oitavo período do curso de Letras do CEFET-MG, em projeto coordenado pelo Professor Rogério Barbosa da Silva, presta homenagem ao Modernismo Brasileiro no ano de seu centenário. O trabalho apresenta uma antologia a partir de textos presentes em *Obra imatura*, de 1943, livro que se divide em seções compostas por poesias, contos, e ensaio crítico, e *Contos Novos*, de 1947. Ambos os textos contaram com outras edições.

Mário de Andrade escreveu em uma de suas conhecidas poesias, o seguinte verso: “Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta.” Um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna e um dos autores mais importantes do Modernismo Brasileiro, Mário era poeta, romancista, contista, ensaísta, músico, musicólogo e chegou a realizar viagens etnológicas pelo interior do Brasil. Foi o autor do anteprojeto que criou o SPHAN, posteriormente denominado IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). O autor nasceu em São Paulo, no dia 09 de outubro de 1893, e morreu em plena fase produtiva, aos 51 anos, na mesma cidade, em 25 de fevereiro de 1945. Foi um dos grandes responsáveis por espalhar o projeto modernista pelos quatro cantos do Brasil, principalmente por meio de cartas trocadas com jovens escritores. Era pesquisador da cultura popular, mas desconfiava de regionalismos fechados, pensando sempre em produções que portassem características locais e, ao mesmo tempo, trouxessem marcas cosmopolitas.

O autor de *Macunaíma* fez de sua existência uma doação ao Brasil, pensado por ele de forma múltipla, também como “trezentos e cinquenta”, mas cada região poderia influenciar outra, com algumas de suas peculiaridades. Os traços se mesclariam, respeitando vocações de cada lugar, e contribuiriam para a composição de obras que pudessem conter a identidade cultural do país, criações que representariam o Brasil com seu “timbre” peculiar no mundo, pensado por Mário como “concerto das nações”. Em vez da imitação daquilo que se produzia no exterior, o interesse seria trazer à tona a potência inventiva nacional. A busca pela renovação da consciência artística nacional, a releitura diferencial de movimentos vanguardistas, o interesse pelo questionamento de linguagens e expressões conservadoras e ultrapassadas – presas cegamente a academias ou a correntes estéticas estrangeiras – combinava, nos projetos do escritor, com o interesse pela cultura popular, pela “sabença” cultural das pessoas comuns, pela valorização do escultor barroco, do cantador nordestino, da sambista carioca, da índia amazônica, do seringueiro do Norte, do músico e pintor sacro do interior paulista, etc. A fase final do projeto mariodeandradino seria um libertar-se da preocupação com o “nacional” pois os dados típicos de expressões do país, após anos de pesquisa e atividade criativa, já estariam presentes no inconsciente dos artistas e poderiam ser utilizados de forma mais espontânea. A arte, assim, se tornaria mais livre e ao mesmo tempo poderia expressar “dicções” brasileiras de forma menos programática. Os criadores poderiam preocupar-se mais com a composição, a linguagem, a diversidade dos temas e menos com uma proposta estética que pode às vezes limitar a invenção. Mário tinha plena noção desse aspecto ligado à produção artístico-literária.

Em carta a Carlos Drummond de Andrade, datada de 10 de novembro de 1924, o paulista sugere ao jovem amigo mineiro – que até então, diante dos avanços da civilização europeia, portava certa vergonha de ser brasileiro – uma espécie de estética da existência. O poeta de Itabira vivia mergulhado em leituras filosóficas francesas pessimistas, valorizando principalmente altas literaturas, principalmente estrangeiras. Mário propunha a Drummond abrir-se, sem culpa, às coisas simples do dia a dia, à sabedoria das pessoas comuns, à criação dos pares brasileiros. Seria necessário mudar o foco das grandes bibliotecas e longos de-

bates intelectuais e contemplar também os acontecimentos cotidianos, a arte feita no país. Diz Mário: “E então parar e puxar conversa com gente chamada [grifo meu] baixa e ignorante! Como é gostoso! Fique sabendo duma coisa, se não sabe ainda: é com essa gente que se aprende a sentir e não com a inteligência e a erudição livresca.” Na mesa carta Mário diz não descartar a grande arte: “Eu tanto aprecio uma boa caminhada a pé até o alto da Lapa como uma tocata de Bach (...).”

O interesse inicial da antologia que ora chega a nossas mãos é possibilitar o contato de alunos do CEFET com contos do escritor, mas o projeto tem potencial para ampliar bastante o número de leitores. O livro apresenta, entre outros pontos, o mérito de trazer à luz alguns textos pouco conhecidos do escritor. Notamos, na linguagem mariodeandradiana, o interesse em buscar uma linguagem clara, precisa, inclusive valorizando expressões da oralidade popular. A conversa cotidiana, a imaginação que alcança altas voltagens a partir de circunstâncias corriqueiras, os dramas de pessoas comuns compõem as narrativas. Alguns contos dialogam, inclusive, com o gênero crônica. Reflexões sobre temas como a morte e a vida, a amizade e o amor, a perda e a conquista, o medo e o desejo transitam entre a modelagem literária elegante, a imaginação pulsante e a precisão discursiva.

Conto de Natal, talvez um dos primeiros contos do autor, escrito em 1914, trata de um viajante que chega, às dez horas da noite, à cidade de São Paulo. Vinha cansado e carregava uma mala. Seria um sírio ou um judeu. A estranha figura termina por provocar alterações nas expectativas de uma festa. Talvez a confusão entre duas datas: a festa de nascimento do novo ano e o festejo de Natal tenha gerado, no viajante, pensamentos e ações levantam questões em torno do sentido de encontros profanos ou religiosos. O final do enredo deixa instigante pista aberta a reflexões dos leitores e das leitoras.

Em **O peru de Natal**, um dos contos mais conhecidos de Mário, observamos o primeiro Natal familiar após o falecimento do pai do narrador, Juca. O pai deixara saudades, mas era de “natureza cinzenta”, “um ser desprovido de qualquer lirismo”. O narrador anuncia que queria comer peru no jantar a ser feito naquela noite, o que gera certo espanto, devido ao luto recente. Só havia peru naquela casa em aniversários. Mas a sugestão acaba sendo aceita pela família. Após a Missa do Galo, o encontro natalino começa, reles, como todos os anteriores, apresenta uma fase de tristeza devido à lembrança do falecido, mas termina com o compartilhamento, o afeto mútuo, o desrecale familiar. Os convivas redescobrem a arte de viverem juntos.

Nelson traz-nos outra história sobre um estranho que chega à cidade. Em uma roda de rapazes que tomam chope em um bar, começa-se a especulação sobre a origem daquela figura que bebe solitário em uma das mesas. Cada um dos amigos vai compondo a imagem do desconhecido, não se sabe até que ponto por informações verdadeiras ou pura fantasia. O fato é que o enredo vai se costurando nessa roda de chope entre os companheiros. Assim, ficamos conhecendo um pouco sobre a vida do simples e solitário Nelson. Além disso, este e outros contos da antologia contribuem para que nossa percepção de mundo vá se descortinando, e assim possamos alcançar maior compreensão e demonstrar maior respeito frente ao “outro”, ao diferente. O conto assinala como as pessoas comuns, desconhecidas, os simples viajantes, ao contrário do que apresentam à primeira vista, podem carregar histórias, repertórios, saberes que funcionam, inclusive, para compor ricos enredos literários. O texto traz um convite para pensarmos sobre a importância da verdadeira hospitalidade aos que vêm de distantes paragens.

Frederico Paciência trata da história de uma grande e não comum amizade entre dois colegas de ginásio: Juca – o mesmo nome do narrador de “O peru de Natal” e Frederico. O narrador não era muito estudioso, mostrava-se fraco, sentia-se feio e desestimulado diante da vida. Mas ao tornar-se amigo de Frederico – personagem que, mais que beleza, transmitia firmeza e franqueza – algo novo surge, inclusive o ânimo com o estudo. A felicidade acompanha os parceiros nos longos passeios pelos bairros da cidade e nos momentos de conversa regados a calma e compreensão. Mas como sabemos, o mundo dá suas voltas e o dever é

sempre incerto. Após tanta paciência, espera, indecisão, a “amizade eterna” chega a uma encruzilhada, gerando indagações sobre a visão da vida como a arte do encontro. Torna-se importante ressaltar a coragem do autor em publicar texto com tal temática – não o único em sua obra –, adiantando em muito discussões contemporâneas relativas ao respeito à diversidade.

Atrás da catedral de Ruão narra a história de Mademoiselle, espécie de dama-de-companhia e professora de Francês de duas jovens estudantes, as irmãs Lúcia e Alba, filhas de Dona Lúcia, figuras de classe alta paulistana. Os vários trechos em Francês, presentes no conto, sinalizam a ideia de distinção social da família e o afastamento que o grupo vive em relação ao Brasil real. Sugerem, ainda, uma linguagem que nem todos entendem, um certo código confidencial existente entre as personagens, dado que, inclusive, pode influenciar o leitor não conhecedor de Francês a se esforçar para chegar aos sentidos da escrita. A francesa possuía uma imaginação delirante, provocada pela solidão amorosa, o que promovia sensações “freudianas” nas irmãs. Mais uma vez temos contato com um conto em que fantasias de personagens se mesclam à realidade criando ambientes ficcionais de alta tensão. O texto se aproxima de um conto policial, entrelaçando medo paranoico e desejo, signos que giram na mente da singela Mademoiselle e provocam a curiosidade tanto das irmãs, como de leitores e leitoras.

A narrativa **Brasília**, de 1921, não apresenta nenhuma relação com a capital federal, inaugurada por JK em 1956. O texto remete-nos à história de um primeiro secretário da Embaixada da França que facilmente estreitou contatos com pessoas de destaque na sociedade carioca. Inquietava-o o desejo da burguesia brasileira de valorizar mais a cultura francesa que a nacional. Pretendia conhecer uma mulher brasileira que ignorasse o Francês. Conheceu Iolanda. Mas o desenvolvimento da narrativa nos leva a descobrir que a brasileira ideal não era nada mais que as projeções do estrangeiro. Conto amoroso, com sabor de sedução e pitadas de crítica ao pouco interesse da burguesia local pelo próprio país, assunto esse presente no debate modernista e presente nesta história escrita em 1921, um ano antes da famosa Semana.

História com data lembra alguns textos de ficção científica, devido a experimento médico realizado a fim de evitar a morte de jovem de importante família. Há o interesse em evitar o sofrimento pela ausência de pessoa querida. Ao mesmo tempo, o doutor, almeja provar, à Sociedade de Medicina e Cirurgia suas altas capacidades, desejando se tornar notável mundialmente. Mas nem tudo corre como planejado. Questões relativas à ética médica e ao fato de se dar mais valor a certas vidas que a outras podem ser despertadas pelo enredo.

Em **Tempo da camisolinha** tomamos contato com narrativa sobre uma criança inteligente, sensível que vivia usando uma camisolinha – vestimenta utilizada por crianças, entre o final do século XIX e início do século XX, no Brasil. O texto inicia-se com uma análise de fotografia da infância do narrador. As descrições cuidadosas demonstram relações entre literatura e imagem. O retrato mostra o narrador-personagem, de camisolinha, e seu irmão, quatro anos mais velho, com roupa de marinheiro. A foto desperta a lembrança de uma viagem da família para a praia. O menino ficava o dia todo de camisolinha e, em vez de entrar no mar, e gostava de ficar olhando os trabalhadores construir um canal. Um dia ganha de um pescador três estrelas do mar, acontecimento que na verdade faz girar a roda fundamental da narrativa.

O conto **Os sírios** – fragmento do romance inacabado “O café” – oferece aos leitores a vida conjugal – se assim podemos dizer – de Nedim, ex-mascate que enriquecera e construíra um hotel, com café na parte de baixo e fora buscar uma mulher para viver com ele “não se sabia onde”. Cada um tomava conta de uma parte do empreendimento. A companheira não era das mais amáveis. À noite, jogavam gamão. Ali eles revelavam o que escondiam nas relações cotidianas entre eles, fregueses e as pessoas do lugar. À noite, solitários, no quarto, transportavam todo o instinto de roubo, trapaça, malícia que a vida cotidiana os impedia de praticar. Assim como outros, o texto demonstra a capacidade da literatura de ir além das aparências e apresentar homens e mulheres em sua intimidade mais crua, distante de qualquer máscara

social.

O texto *Vestida de preto* inicia-se com uma pequena e inconclusa reflexão metalinguística sobre o gênero conto, conceito que voltará a surgir em outras passagens. A seguir, como bom mestre de ficção, o narrador-personagem, outra vez nomeado como Juca, assinala que a história a ser narrada é verdadeira. Diz que tem amado sempre, a si mesmo, à mãe e depois a uma prima. Maria foi o primeiro e eterno amor do narrador. Não havia nada entre eles quando brincavam juntos, enquanto crianças. Existia mais uma ternura imensa, uma vontade de estar a sós. Mesmo as brincadeiras em que fingiam estar casados eram inocentes, dotadas de fantasia e prazer pelo encontro. O primeiro e único beijo veio aos nove ou dez anos, um beijo rápido. Não houve mais nada e a personagem sentira-se puro. Mas a Tia Velha viera interromper o sonho e a própria noção de inocência que a personagem carregava. Por volta de quinze anos, ocorre outro marcante encontro entre os primos, mas desta vez o episódio afasta-os talvez devido à falta de maior entendimento da circunstância, por parte do narrador. O enredo encontra-se com outros deste livro devido a temas ligados à família, infância, adolescência, amizade, ao amor e à vida escolar. Assim como no poema “Quadri-lha”, de Drummond, o texto apresenta desencontros. A moça casa-se com outro e parte pelo mundo. Um dia volta, Juca a reencontra, mulher pronta, bela e toda de preto. A imagem-acontecimento faz o enredo revirar. Quais são as verdades e as mentiras da literatura e do amor?

Quando lemos os contos mariodeandradeanos – relacionando-os à grande obra do autor – fica-nos a ideia da dedicação, do empenho, do tempo voltado à escrita dos textos de ficção. As narrativas assinalam percepções sobre o passar dos dias, a experiência humana, tentativas de se propor outras formas de vida. Os enredos portam memórias antigas, angústias, desejos realizados ou silenciados, afetos e desencontros. Podem funcionar como material para oficina sobre a arte do conto. Tudo parece ter sido planejado com cuidado, método, e plena consciência do ofício. Mas não podemos nos esquecer da sensibilidade e do talento do artista. Os textos presentes nesta antologia – mesmo apresentando produções de diferentes épocas – nos mostram um escritor maduro que detém a marca de grandes contistas. Nas narrativas, Mário mergulha inteiramente na linguagem, nos enredos, nos corpos e nas consciências das personagens, nos espaços e tempos ficcionais. Apresenta ricas perspectivas sobre os temas abordados e chega a polvilhar, em certos momentos, alguns traços autobiográficos. Assim, cria, de modo mais liberto, menos pautado por paradigmas da poética do modernismo – e ao mesmo tempo absorvendo do movimento ricos ensinamentos – excelentes histórias brasileiras e universais.

Boa leitura!

Roniere Menezes
CEFET-MG, CNPq

NARRADOR PERSONAGEM

Falar do narrador implica compreendermos o ponto de vista de quem conta a história. O narrador personagem narra sob a perspectiva de quem está envolvido na história contada. Então, observe quem é o narrador desses contos? Como ele está envolvido? É pessoal ou é apenas testemunha dos fatos narrados? Observe!

TEMPO DA CAMISOLINHA

A feiura dos cabelos cortados me fez mal. Não sei que noção prematura de sordidez dos nossos atos, ou exatamente, da vida, me veio nessa experiência da minha primeira infância. O que não pude esquecer, e é minha recordação mais antiga, foi, dentre as brincadeiras que faziam comigo para me desemburrar da tristeza em que ficara por me terem cortado os cabelos, alguém, não sei mais quem, uma voz masculina falando: “Você ficou um homem, assim!” Ora eu tinha três anos, fui tomado de pavor. Veio um medo lancinante de já ter ficado homem naquele tamanhinho, um medo medonho, e recomecei a chorar.

Meus cabelos eram muitos bonitos, dum negro quente, acastanhado nos reflexos. Caíam pelos meus ombros em cachos gordos, com ritmos pesados de molas de espiral. Me lembro de uma fotografia minha desse tempo, que depois destruí por uma espécie de polidez envergonhada... Era já agora bem homem e aqueles cabelos adorados na infância, me pareceram de repente como um engano grave, destruí com rapidez o retrato. Os traços não eram felizes, mas na moldura da cabeleira havia sempre um olhar manso, um rosto sem marcas, franco, promessa de alma sem maldade. De um ano depois do corte dos cabelos ou pouco mais, guardo outro retrato tirado junto com Totó, meu mano. Ele, quatro anos mais velho que eu, vem *garboso* e completamente infantil numa bonita roupa marinheira; eu, bem menor, inda conservo uma camisolinha de veludo, muito besta, que minha mãe por economia teimava utilizar até o fim.

Guardo esta fotografia porque se ela não me perdoa do que tenho sido, aos menos me explica. Dou a impressão de uma monstruosidade insubordinada. Meu irmão, com seus oito anos é uma criança integral, olhar vazio de experiência, rosto rechonchudo e lisinho, sem caráter fixo, sem malícia, a própria imagem da infância. Eu, tão menor, tenho esse quê repulsivo do anão, pareço velho. E o que é mais triste, com uns sulcos vividos descendo das abas voluptuosas do nariz e da boca larga, entreaberta num risinho *pérfido*. Meus olhos não olham, espreitam. Fornecem às claras, com uma facilidade teatral, todos os indícios de uma segunda intenção.

Não sei por que não destruí em tempo também essa fotografia, agora é tarde. Muitas vezes passei minutos compridos me contemplando, me buscando dentro dela. E me achando. Comparava-a com meus atos e tudo eram confirmações. Tenho certeza que essa fotografia me fez imenso mal, porque me deu muita preguiça de reagir. Me proclamava demasiadamente em mim e afogou meus possíveis anseios de perfeição. Voltemos ao caso que é melhor.

Toda a gente apreciava os meus cabelos cacheados, tão lentos! e eu me envaidecia deles, mais que isso, os adorava por causa dos elogios. Foi por uma tarde, me lembro bem, que meu pai suavemente murmurou uma daquelas suas decisões irrevogáveis: “É preciso cortar os cabelos desse menino.” Olhei de um lado, de outro, procurando um apoio, um jeito de fugir daquela ordem, muito aflito. Preferi o instinto e fixei os olhos já lacrimosos em mamãe. Ela quis me olhar compassiva, mas me lembro como se fosse hoje, não aguentou meus últimos olhos de inocência perfeita, baixou os dela, oscilando entre a piedade por mim e a razão possível que estivesse no mando do chefe. Hoje, imagino um egoísmo grande da parte dela, não reagindo. As camisolinhas, ela as conservaria ainda por mais de ano, até que se acabassem feitas trapos. Mas ninguém percebeu a delicadeza da minha vaidade infantil. Deixassem que eu sentisse por mim, me incutissem aos poucos a necessidade de cortar os cabelos, nada: uma decisão à antiga, brutal, impiedosa, castigo sem culpa, primeiro convite às revoltas íntimas: “É preciso cortar os cabelos desse menino”.

Tudo o mais são memórias confusas ritmadas por gritos horríveis, cabeça sacudida com violência, mãos enérgicas me agarrando, palavras aflitas me mandando com raiva entre piedades infecundas, dificuldades irritadas do cabeleireiro que se esforçava em ter paciência e me dava terror. E o pranto, afinal. E no último e prolongado fim, o chorinho doloridíssimo, convulsivo, cheio de visagens próximas atrocidades, um desespero desprendido de tudo, uma fixação emperrada em não querer aceitar o consumado.

Me davam presentes. Era razão pra mais choro. Caçoavam de mim: choro. Beijos de mamãe: choro. Recusava os espelhos em que me diziam bonito. Os cadáveres de meus cabelos guardados naquela caixa de sapatos: choro. Choro e recusa. Um não-conformismo navalhante que de um momento pra outro me virava homem-feito, cheio de desilusões, de revoltas, fácil para todas as ruindades. De noite fiz questão de não rezar; e minha mãe, depois de várias tentativas, olhou o lindo quadro de Nossa Senhora do Carmo, com mais de século na família dela, gente empobrecida mas diz que nobre, o olhou com olhos de imploração. Mas eu estava com raiva da minha madrinha do Carmo.

E o meu passado se acabou pela primeira vez. Só ficavam como demonstrações desagradáveis dele, as camisolinhas. Foi dentro delas, camisolas de fazendinha barata (a gloriosa, de veludo, era só para as grandes ocasiões), foi dentro ainda das camisolinhas que parti com os meus pra Santos, aproveitar as férias do Totó sempre fraquinho, um junho.

Havia aliás outra razão mais tristonha pra essa vilegiatura aparentemente festiva de férias. Me viera uma irmãzinha aumentar a família e parece que o parto fora desastroso, não sei direito... Sei que mamãe ficara quase dois meses de cama, parálitica, e só principiara mesmo a andar premida pelas obrigações da casa e dos filhos. Mas andava mal, se encostando nos móveis, se arrastando, com dores insuportáveis na voz, sentindo puxões nos músculos das pernas e um desânimo vasto. Menos tratava da casa que se iludia, consolada por cumprir a obrigação de tratar da casa. Diante da iminência de algum desastre maior, papai fizera um esforço espantoso para o seu ser que só imaginava a existência no trabalho sem receio, todo assombrado com os progressos financeiros que fazia e a subida de classe. Resolvera aceitar o conselho do médico, se dera férias também, e levava mamãe aos receitados banhos de mar.

Isso foi, convém lembrar, ali pelos últimos anos do século passado, e a praia do José Menino era quase um deserto longe. Mesmo assim, a casa que papai alugara não ficava na praia exatamente, mas numa das ruas que a ela davam e onde uns operários trabalhavam diariamente no alimento de um dos canais que carreavam o enxurro da cidade para o mar do golfo. Aí vivemos perto de dois meses, casão imenso e vazio, lar improvisado cheio de deficiências, a que o desmazelo doentio de mamãe ainda melancolizava mais, deixando pousar em tudo um ar de mau trato e passagem.

É certo que os banhos logo lhe tinham feito bem, lhe voltaram as cores, as forças, e os puxões dos nervos desapareciam com rapidez. Mas ficara a lembrança do sofrimento muito grande e próximo, e ela sentia um prazer perdoável de representar naquelas férias o papel largado da convalescente. A papai então o passeio deixara bem menos pai, um ótimo camarada com muita fome e condescendência. Eu é que não tomava banho de mar nem que me batessem! No primeiro dia, na roupinha de baeta calçada, como era a moda de então, fora com todos até a primeira onda, mas não sei que pavor me tomou, dera tais gritos, que nem mesmo o exemplo sempre invejado de meu mano mais velho me fizera mais entrar naquelas águas vivas. Me parecia morte certa, vingativa, um castigo inexplicável do mar, que o céu de névoa de inverno deixava cinzento e mau, enfarruscado, cheio de ameaças impiedosas. E até hoje detesto banho de mar... Odiei o mar, e tanto, que nem as caminhadas na praia me agradavam, apesar da companhia agora deliciosa e faladeira de papai. Os outros que fossem passear, eu ficava no terreno maltratado da casa, algumas árvores frias e um capim amarelo,

nas minhas conversas com as formigas e o meu sonho grande. Ainda apreciava mais ir até à borda barrenta do canal, onde os operários me protegiam de qualquer perigo. Papai é que não gostava muito disso não, porque tendo sido operário um dia e subido de classe por esforço pessoal e Deus sabe lá que sacrifícios, considerava operário má companhia pra filho de negociante mais ou menos. Porém mamãe intervinha com o “deixa ele!” de agora, fatigado, de convalescente pela primeira vez na vida com vontades; e lá estava eu dia inteiro, sujando a barra da camisolinha na terra amontoada do canal, com os operários.

Vivia sujo. Muitas vezes agora até me faltavam, por baixo da camisola, as calcinhas de encobrir as coisas feias, e eu sentia um esporte de inverno em levantar a camisola na frente pra o friozinho entrar. Mamãe se incomodava muito com isso, mas não havia calcinhas que chegassem, todas no varal enxugando ao sol fraco. E foi por causa disso que entrei a detestar minha madrinha, Nossa Senhora do Carmo. Não vê que minha mãe levava pra Santos aquele quadro antigo de que falei e de que ela não se separava nunca, quando me via erguendo a camisola no gesto indiscreto, me ameaçava com a minha encantadora madrinha: — “Meu filho, não mostra isso, que feio! repare: sua madrinha está te olhando na parede!” Eu espiava pra minha madrinha do Carmo na parede, e descia a camisolinha, mal convencido, com raiva da santa linda, tão apreciada noutros tempos, sorrindo sempre e com aquelas mãos gordas e quentes. E desgostoso ia brincar no barro do canal, botando a culpa de tudo no quadro secular. Odiei minha madrinha santa.

Pois um dia, não sei o que me deu de repente, o desígnio explodiu, nem pensei: largo correndo os meus brinquedos com o barro, barafusto porta a dentro, vou primeiro espiar onde mamãe estava. Não estava. Fora passear na praia matinal com papai e Totó. Só a cozinheira no fogão perdida, conversando com a ama da Mariazinha nova. Então podia! Entrei na sala da frente, solene, com uma coragem desenvolta, heroica, de quem perde tudo mas se quer libertar. Olhei francamente, com ódio, a minha madrinha santa, eu bem sabia, era santa, com os doces olhos se rindo para mim. Levantei quanto pude a camisola e empinando a barriguinha, mostrei tudo pra ela. “Tó! que eu dizia, olhe! olhe bem! tó! olhe bastante mesmo!” E empinava a barriguinha de quase me quebrar pra trás.

Mas não sucedeu nada, eu bem imaginava que não sucedia nada.... Minha madrinha do quadro continuava olhando pra mim, se rindo, a boba, não zangando comigo nada. E eu saí muito firme, quase sem remorso, delirando num orgulho tão corajoso no peito, que me arrisquei a chegar sozinho até a esquina da praia larga. Estavam uns pescadores ali mesmo na esquina, conversando, e me meti no meio deles, sempre era uma proteção. E todos eles eram casados, tinham filhos, não se amolavam proletariamente com os filhos, mas proletariamente davam muita importância pra o filhinho de “seu dotô” meu pai, que nem era doutor, graças a Deus.

Ora se deu que um dos pescadores pegara três lindas estrelas-do-mar e brincava com elas na mão, expondo-as ao solzinho. E eu fiquei num delírio de entusiasmo por causa das estrelas-do-mar. O pescador percebeu logo meus olhos de desejo, e sem paciência pra ser bom devagar, com brutalidade, foi logo me dando todas.

— Tome pra você, que ele disse, estrela-do-mar dá boa sorte.

— O que é boa sorte, hein?

Ele olhou rápido os companheiros porque não sabia explicar o que era boa sorte. Mas todos estavam esperando e ele arrancou meio bravo:

— Isto é... não vê que a gente fica cheio de tudo... dinheiro, saúde...

Pigarreou fatigado. E depois de me olhar com um olho indiferentemente carinhoso, acrescentou mais firme:

— Seque bem elas no sol que dá boa sorte.

Isso nem agradei, fui numa chispada luminosa pra casa esconder minhas estrelas-do-mar. Pus as três ao sol, perto do muro lá no fundo do quintal onde ninguém chegava, e entre feliz e inquieto fui brincar no canal. Mas quem disse brincar! me dava aquela vontade amante de ver minhas estrelas e voltava numa chispada luminosa contemplar as minhas tesoureiras de boa sorte. A felicidade era tamanha e o desejo de contar minha glória, que até meu pai se inquietou com o meu fastio no almoço. Mas eu não queria contar. Era um segredo contra tudo e todos, a arma certa da minha vingança, eu havia de machucar bastante Totó, e quando mamãe se incomodasse com o meu sujo, não sei não... mas pelo menos ela havia de dar um trupicão de até dizer “ai!”, bem feito! As minhas estrelas-do-mar estavam lá escondidas junto do muro me dando boa sorte. Comer? pra que comer? elas me davam tudo, me alimentavam, me davam licença pra brincar no barro, e se Nossa Senhora, minha madrinha, quisesse se vingar daquilo que eu fizera pra ela, as estrelas me salvavam, davam nela, machucavam muito ela, isto é... muito eu não queria não, só um bocadinho, que machucassem um pouco, sem estragar a cara tão linda da pintura, só pra minha madrinha saber que agora eu tinha a boa sorte, estava protegido e nem precisava mais dela, tó! ai que saudades das minhas estrelas-do-mar!... Mas não podia desistir do almoço pra ir espíá-las, Totó era capaz de me seguir e querer uma pra ele, isso nunca!

— Esse menino não come nada, Maria Luísa!

— Não sei o que é isso hoje, Carlos! Meu filho, coma ao menos a goiabada...

Que goiabada nem mané goiabada! eu estava era pensando nas minhas estrelas, doído por enxergá-las. E nem bem o almoço se acabou, até disfarcei bem, e fui correndo ver as estrelas-do-mar.

Eram três, uma menorzinha e duas grandonas. Uma das grandonas tinha as pernas um bocado tortas para o meu gosto, mas assim mesmo era muito mais bonita que a pequetinha, que trazia um defeito imenso numa das pernas, faltava a ponta. Essa decerto não dava boa sorte não, as outras é que davam: e agora eu havia de ser sempre feliz, não havia de crescer, minha madrinha gostosa se rindo sempre, mamãe completamente sarada me dando brinquedos, com papai não se amolando por causa dos gastos. Não! a estrela pequenina dava boa sorte também, nunca que eu largasse de uma delas!

Foi então que aconteceu o caso desgraçado de que jamais me esquecerei no seu menor detalhe. Cansei de olhar minhas estrelas e fui brincar no canal. Era já na hora do meio-dia, hora do almoço, da janta, do não-sei-o-que dos operários, e eles estavam descansando jogados na sombra das árvores. Apenas um porém, um portuga magruço e bárbaro, de enorme bigodões, que não me entrava nem jamais dera importância pra mim, estava assentado num monte de terra, afastado dos outros, ar de melancolia. Eu brincava por ali tudo, mas a solidão do homem me preocupava, quase me doía, e eu rabeava umas olhadelas para a banda dele, desejoso de consolar. Fui chegando com ar de quem não quer e perguntei o que ele tinha. O operário primeiro deu de ombros, português, bruto, bárbaro, longe de consentir na carícia da minha pergunta infantil. Mas estava com uns olhos tão tristes, o bigode caía tanto, desolado, que insisti no meu carinho e perguntei mais outra vez o que ele tinha. “Má sorte” ele resmungou, mais a si mesmo que a mim.

Eu porém é que ficara aterrado. Minha Nossa Senhora! aquele homem tinha má sorte! Aquele homem enorme com tantos filhinhos pequenos e uma mulher parálitica na cama!... E no entanto eu era feliz, feliz! e com três estrelinhas-do-mar pra me darem sorte... É certo: eu

pusera imediatamente as três estrelas no diminutivo, porque se houvesse de ceder alguma ao operário, já de antemão eu desvalorizava as três, todas as três, na esperança desesperada de dar apenas a menor. Não havia diferença mais, eram apenas três “estrelinhas”-do-mar. Fiquei desesperado. Mas a lei se riscara iniludível no meu espírito: e se eu desse boa sorte ao operário na pessoa da minha menor estrelinha pequetinha?... Bem que podia dar a menor, era tão feia mesmo, faltava uma das pontas, mas sempre era uma estrelinha-do-mar. Depois: o operário não era bem vestido como papai, não carecia de uma boa sorte muito grande não. Meus passos tontos já me conduziam para o fundo do quintal fatalizadamente. Eu sentia um sol de rachar completamente forte. Agora é que as estrelinhas ficavam bem secas e davam uma boa sorte danada, acabava duma vez a paralisia da mulher do operário, os filhinhos teriam pão e Nossa Senhora do Carmo, minha madrinha, nem se amolava de enxergar o pintinho deles. Lá estavam as três estrelinhas, brilhando no ar do sol, cheias de uma boa sorte imensa. E eu tinha que me desligar de uma delas, da menorzinha estragada, tão linda! justamente a que eu gostava mais, todas valiam igual, porque a mulher do operário não tomava banhos de mar? mas sempre, ah meu Deus que sofrimento! eu bem não queria pensar mas pensava sem querer, deslumbrado, mas a boa mesmo era a grandona perfeita, que havia de dar mais boa sorte pra aquele malvado de operário que viera, cachorro! dizer que estava com má sorte. Agora eu tinha que dar pra ele a minha grande, a minha sublime estrelona-do-mar!...

Eu chorava. As lágrimas corriam francas listrando a cara sujinha. O sofrimento era tanto que os meus soluços nem me deixavam pensar bem. Fazia um calor horrível, era preciso tirar as estrelas do sol, senão elas secavam demais, se acabava a boa sorte delas, o sol me batia no coco, eu estava tonto, operário, má sorte, a estrela, a paralítica, a minha sublime estrelona-do-mar! Isso eu agarrei na estrela com raiva, meu desejo era quebrar a perna dela também pra que ficasse igualzinha à menor, mas as mãos adorantes desmentiam meus desígnios, meus pés é que resolveram correr daquele jeito, rapidíssimos, pra acabar de uma vez com o martírio. Fui correndo, fui morrendo, fui chorando, carregando com fúria e carícia a minha maiorzona estrelinha-do-mar. Cheguei pro operário, ele estava se erguendo, toquei nele com aspereza, puxei duro a roupa dele:

— Tome! eu soluçava gritado, tome a minha... tome a estrela-do-mar! dá... dá, sim, boa sorte!...

O operário olhou surpreso sem compreender. Eu soluçava, era um suplício medonho.

— Pegue depressa! faz favor! depressa! dá boa sorte mesmo!

Aí, que ele entendeu, pois não me aguentava mais! Me olhou, foi pegando na estrela, sorriu por trás dos bigodões portugas, um sorriso desacostumado, não falou nada felizmente que senão eu desatava a berrar. A mão calosa quis se ajeitar em concha pra me acarinhar, certo! ele nem media a extensão do meu sacrifício! e a mão calosa apenas roçou por meus cabelos cortados.

Eu corri. Eu corri pra chorar à larga, chorar na cama, abafando os soluços no travesseiro sozinho. Mas por dentro era impossível saber o que havia em mim, era uma luz, uma Nossa Senhora, um gosto maltratado, cheio de desilusões claríssimas, em que eu sofria arrependido, vendo inutilizar-se no infinito dos sofrimentos humanos a minha estrela-do-mar.

[de *Contos Novos*, 1939-1943]

Glossário

Garboso: porte e presença imponentes.

Pérfido: enganador, falso, traiçoeiro.

Visagens: Trejeitos exagerados, caretas.

Vilegiatura: Período de tempo ou temporada que pessoas da cidade passam na praia, montanha ou no campo, em férias, recreação ou repouso.

Baeta: Tecido felpudo e grosseiro de lã.

Barafusto: Entrar violenta ou precipitadamente.

Brincabrinçar: Caso de palavra-valise. Vocábulo que resulta da combinação da parte inicial de uma palavra com a parte final de outra.

Iniludível [ineludível]: Que não se pode eludir; inescapável, inevitável.

VESTIDA DE PRETO

Tanto andam agora preocupados em definir o conto que não sei bem se o que vou contar é conto ou não, sei que é verdade. Minha impressão é que tenho amado sempre... Depois do amor grande por mim que brotou aos três anos e durou até os cinco mais ou menos, logo o meu amor se dirigiu para uma espécie de prima longínqua que frequentava a nossa casa. Como se vê, jamais sofri do **complexo de Édipo**, graças a Deus. Toda a minha vida, mamãe e eu fomos muito bons amigos, sem nada de amores perigosos.

Maria foi o meu primeiro amor. Não havia nada entre nós, está claro, ela como eu nos seus cinco anos apenas, mas não sei que divina melancolia nos tomava, se acaso nos achávamos juntos e sozinhos. A voz baixava de tom, e principalmente as palavras é que se tornavam mais raras, muito simples. Uma ternura imensa, firme e reconhecida, não exigindo nenhum gesto. Aquilo aliás durava pouco, porque logo a criança chegou. Mas tínhamos então uma raiva impensada dos manos e dos primos, sempre exteriorizada em palavras ou modos de irritação. Amor apenas sensível naquele instinto de estarmos sós.

E só bem mais tarde¹, já pelos nove ou dez anos, é que lhe dei nosso único beijo, foi maravilhoso. Se a criança estava toda junta naquela casa sem jardim da Tia Velha, era fatal brincarmos de família, porque assim Tia Velha evitava correrias e estragos. Brinquedo aliás que nos interessava muito, apesar da idade já avançada para ele. Mas é que na casa de Tia Velha tinha muitos quartos, de forma que casávamos rápido, só de boca, sem nenhum daqueles cerimoniais de mentira que dantes nos interessavam tanto, e cada par fugia logo, indo viver no seu quarto. Os melhores interesses infantis do brinquedo, fazer comidinha, amamentar bonecas, pagar visitas, isso nós deixávamos com generosidade apressada para os menores. Íamos para os nossos quartos e ficávamos vivendo lá. O que os outros faziam, não sei. Eu, isto é, eu com Maria, não fazíamos nada. Eu adorava principalmente era ficar assim sozinho com ela, sabendo várias safadezas já mas sem tentar nenhuma. Havia, não havia não, mas sempre como que havia um perigo iminente que ajuntava o seu crime à intimidade daquela solidão. Era suavíssimo e assustador.

Maria fez uns gestos, disse algumas palavras. Era o aniversário de alguém, não lembro mais, o quarto em que estávamos fora convertido em dispensa, cômodas e armários cheios de pratos de doces para o chá que vinha logo. Mas quem se lembrasse de tocar naqueles doces, no geral secos, fáceis de disfarçar qualquer roubo! estávamos longe disso. O que nos deliciava era mesmo a grave solidão.

Nisto os olhos de Maria caíram sobre o travesseiro sem fronha que estava sobre uma cesta de roupa suja a um canto. E a minha esposa teve uma invenção que eu também estava longe de não ter. Desde a entrada no quarto eu concentrara todos os meus instintos na existência daquele travesseiro, o travesseiro cresceu como um danado dentro de mim e virou crime. Crime, não, “pecado” que é como se dizia naqueles tempos cristãos... E por causa disto eu conseguira não pensar até ali, no travesseiro.

— Já é tarde, vamos dormir — Maria falou.

Fiquei estarecido, olhando com uns fabulosos olhos de imploração para o travesseiro quentinho, mas quem disse travesseiro ter piedade de mim. Maria, essa estava simples demais para me olhar e surpreender os efeitos do convite: olhou em torno e afinal, vasculhando na cesta de roupa suja, tirou de lá uma toalha de banho muito quentinha que estendeu sobre

¹ Acrescentou-se o advérbio “bem”. Adotamos a posição do texto estabelecido por Hugo Camargo Rocha e Aline Nogueira Marques na edição coordenada por Telê Ancona Lopez, Nova Fronteira, 2012.

o assoalho. Pôs o travesseiro no lugar da cabeceira, cerrou as venezianas da janela sobre a tarde, e depois deitou, arranjando o vestido pra não amassar.

Mas eu é que nunca havia de pôr a cabeça naquele restico de travesseiro que ela deixou pra mim, me dando as costas. Restico sim, apesar do travesseiro ser grande. Mas imaginem numa cabeleira explodindo, os famosos cabelos assustados de Maria, citação obrigatória e orgulho de família. Tia Velha, muito ciumenta por causa duma neta preferida que ela imaginava deusa, era única a pôr defeito nos cabelos de Maria.

— Você não vem dormir também? — ela perguntou com fragor, interrompendo o meu silêncio trágico.

— Já vou — que eu disse — estou conferindo a conta do armazém.

Fui me aproximando incomparavelmente sem vontade, sentei no chão tomando cuidado em sequer tocar no vestido, puxa! também o vestido dela estava completamente assustado, que dificuldade! Pus a cara no travesseiro sem a menor intenção de. Mas os cabelos de Maria, assim era pior, tocavam de leve no meu nariz, eu podia espirrar, marido não espirra. Senti, pressenti que espirrar seria muito ridículo, havia de ser um espirrão enorme, os outros escutavam lá da sala-de-visita longínqua, e daí é que o nosso segredo se desvendava todinho.

Fui afundando o rosto naquela cabeleira e veio a noite, senão os cabelos (mas juro que eram cabelos macios) me machucavam os olhos. Depois que não vi nada, ficou fácil continuar enterrando a cara, a cara toda, a alma, a vida, naqueles cabelos, que maravilha! até que o meu nariz tocou num pescocinho roliço. Então fui empurrando os meus lábios, tinha uns bonitos lábios grossos, nem eram lábios, era beijo, minha boca foi ficando encanudada até que encontrou o pescocinho roliço. Será que ela dorme de verdade?... Me ajeitei muito sem-cerimônia, mulherzinha! e então beijei. Quem falou que este mundo é ruim! só recordar ... Beijei Maria, rapazes! eu nem sabia beijar, está claro, só beijava mamãe, boca fazendo bulha, contato sem nenhum calor sensual.

Maria, só um leve entregar-se, uma levíssima inclinação pra trás me fez sentir que Maria estava comigo em nosso amor. Nada mais houve. Não, nada mais houve. Durasse aquilo uma noite grande, nada mais haveria porque é engraçado como a perfeição fixa a gente. O beijo me deixara completamente puro, sem minhas curiosidades nem desejos de mais nada, adeus pecado e adeus escuridão! Se fizera em meu cérebro uma enorme luz branca, meu ombro bem que doía no chão, mas a luz era violentamente branca, proibindo pensar, imaginar, agir. Beijando.

Tia Velha, nunca eu gostei de Tia Velha, abriu a porta com um espanto barulhento. Percebi muito bem, pelos olhos dela, que o que estávamos fazendo era completamente feio.

— Levantem!... Vou contar pra sua mãe, Juca!

Mas eu, levantando com a lealdade mais cínica deste mundo!

— Tia Velha me dá um doce?

Tia Velha — eu sempre detestei Tia Velha, o tipo da bondade Berlitz, injusta, sem método — pois Tia Velha teve a malvadez de escorrer por mim todo um olhar que só alguns anos mais tarde pude compreender inteiramente. Naquele instante, eu estava só pensando em disfarçar, fingindo uma inocência que poucos segundos antes era real.

— Vamos! saiam do quarto!

Fomos saindo muito mudos, numa bruta vergonha, acompanhados de Tia Velha e os pratos que ela viera buscar para a mesa de chá.

O estranhíssimo é que principiou, nesse acordar à força provocado por Tia Velha, uma indiferença inexplicável de Maria por mim. Mais que indiferença, frieza viva, quase antipatia. Nesse mesmo chá inda achou jeito de me maltratar diante de todos, fiquei zozzo.

Dez, treze, quatorze anos... Quinze anos. Foi então o insulto que julguei definitivo. Eu estava fazendo um ginásio sem gosto, muito arrastado, cheio de revoltas íntimas, detestava estudar. Só no desenho e nas composições de português tirava as melhores notas. Vivía nisso: dez nestas matérias, um, zero, em todas as outras. E todos os anos era aquela já esperada fatalidade: uma, duas bombas (principalmente em matemáticas) que eu tomava apenas o cuidado de apagar nos exames de segunda época.

Gostar, eu continuava gostando muito de Maria, cada vez mais, conscientemente agora. Mas tinha uma quase certeza que ela não podia gostar de mim, quem gostava de mim!... Minha mãe... Sim, mamãe gostava de mim, mas naquele tempo eu chegava a imaginar que era só por obrigação. Papai, esse foi sempre insuportável, incapaz duma carícia. Como incapaz de uma repreensão também. Nem mesmo comigo, a tara da família, ele jamais ralhou. Mas isto é caso pra outro dia. O certo é que, decidido em minha desesperada revolta contra o mundo que me rodeava, sentindo um orgulho de mim que jamais buscava esclarecer, tão absurdo o presentia, o certo é que eu já principiava me aceitando por um caso perdido, que não adiantava melhorar.

Esse ano até fora uma bomba só. Eu entrava da aula do professor particular, quando enxerguei a saparia na varanda e Maria entre os demais. Passei bastante encabulado, todos em férias, e os livros que eu trazia na mão me denunciando, lembrando a bomba, me achincalhando em minha imperfeição de caso perdido. Esbocei um gesto falsamente alegre de bom-dia, e fui no escritório pegado, esconder os livros na escrivaninha de meu pai. Ia já voltar para o meio de todos, mas Matilde, a peste, a implicante, a deusa estúpida que Tia Velha perdia com suas preferências:

— Passou seu namorado, Maria.

— Não caso com bombeado — ela respondeu imediato, numa voz tão feia, mas tão feia, que parei estarecido. Era a decisão final, não tinha dúvida nenhuma. Maria não gostava mais de mim. Bobo de assim parado, sem fazer um gesto, mal podendo respirar.

Aliás um caso recente vinha se ajuntar ao insulto pra decidir de minha sorte. Nós seríamos até pobretões, comparando com a família de Maria, gente que até viajava na Europa. Pois pouco antes, os pais tinham feito um papel bem indecente, se opondo ao casamento duma filha com um rapaz diz-que pobre mas ótimo. Houvera rompimento de amizade, mal-estar na parentagem toda, o caso virara escândalo mastigado e remastigado nos comentários de hora de jantar. Tudo por causa do dinheiro.

Se eu insistisse em gostar de Maria, casar não casava mesmo, que a família dela não havia de me querer. Me passou pela cabeça comprar um bilhete de loteria. “Não caso com bombeado”... Fui abraçando os livros de mansinho, acariciei-os junto ao rosto, pousei a minha boca numa capa, suja de pó suado, retirei a boca sem desgosto. Naquele instante eu não sabia, hoje sei: era o segundo beijo que eu dava em Maria, último beijo, beijo de despedida, que o cheiro desagradável do papelão confirmou. Estava tudo acabado entre nós dois.

Não tive mais coragem pra voltar à varanda e conversar com... os outros. Estava com uma raiva desprezadora de todos, principalmente de Matilde. Não, me parecia que já não tinha raiva de ninguém, não valia a pena, nem de Matilde, o insulto partira dela, fora por causa

dela, mas eu não tinha raiva dela não, só tristeza, só vazio, não sei.. creio que uma vontade de ajoelhar. Ajoelhar sem mais nada, ajoelhar ali junto da escrivanhinha e ficar assim, ajoelhar. Afinal das contas eu era um perdido mesmo, Maria tinha razão, tinha razão, tinha razão, que tristeza!...

Foi o fim? Agora é que vem o mais esquisito de tudo, ajuntando anos pulados. Acho que até não consigo contar bem claro tudo o que sucedeu. Vamos por ordem: pus tal firmeza em não amar Maria mais, que nem meus pensamentos me traíram. De resto a mocidade raiava e eu tinha tudo a aprender. Foi espantoso o que se passou em mim. Sem abandonar meu jeito de “perdido”, o cultivando mesmo, ginásio acabado, eu principiara gostando de estudar. Me batera, súbito, aquela vontade irritada de saber, me tornara estudiosíssimo. Era mesmo uma impaciência raivosa, que me fazia devorar bibliotecas, sem nenhuma orientação. Mas brilhava, fazia conferências *empoladas* em sociedadinhas de rapazes, tinha ideias que assustavam todo o mundo. E todos principiavam maldando que eu era muito inteligente mas perigoso.

Maria, por seu lado, parecia uma doida. Namorava com Deus e todo o mundo, aos vinte anos fica noiva de um rapaz bastante rico, noivado que durou três meses e se desfez de repente, pra dias depois ela ficar noiva de outro, um diplomata riquíssimo, casar em duas semanas com alegria desmedida, rindo muito no altar e partir em busca duma embaixada europeia, com o secretário chique seu marido.

Às vezes meio tonto com estes acontecimentos fortes, acompanhados meio de longe, eu me recordava do passado, mas era só pra sorrir da nossa infantilidade e devorar numa tarde um livro incompreensível de filosofia. De mais a mais, havia a Rose pra de-noite, e uma linda namoradinha oficial, a Violeta. Meus amigos me chamavam de “jardineiro”, e eu punha na coincidência daquelas duas flores uma força de destinação fatalizada. Tamanha mesmo que topando numa livraria com *The Cardener* de Tagore, comprei o livro e comecei estudando o inglês com loucura. Mário de Andrade conta num dos seus livros que estudou o alemão por causa duma *emboaba tordilha*... eu também: meu inglês nasceu duma Violeta e duma Rose.

Não, nasceu de Maria. Foi quando uns cinco anos depois, Maria estava pra voltar pela primeira vez ao Brasil, a mãe dela, queixosa de tamanha ausência, conversando com mamãe na minha frente, arrancou naquele seu jeito de gorda desabrida:

— Pois é, Maria gostou tanto de você, você não quis!... e agora ela vive longe de nós.

Pela terceira vez fiquei estarecido neste conto. Percebi tudo num tiro de canhão. Percebi ela doidejando, noivando com um, casando com outro, se atordoando com dinheiro e brilho. Percebi que eu fora uma besta, sim agora que principiava sendo alguém, estudando por mim fora dos ginásios, vibrando em versos que muita gente já considerava. E percebi horrorizado, que Rose! nem Violeta, nem nada! era Maria que eu amava como louco! Maria é que amava sempre, como louco: oh como eu vinha sofrendo a vida inteira, desgraçadíssimo, aprendendo a vencer só de raiva, me impondo ao mundo por *despique*, me superiorizando em mim só por vingança de desesperado. Como é que eu pudera me imaginar feliz, pior: ser feliz, sofrendo daquele jeito! Eu? eu não! era Maria, era exclusivamente Maria toda aquela superioridade que estava aparecendo em mim... E tudo aquilo era uma desgraça muito cachorra mesmo. Pois não andavam falando muito de Maria? Contavam que pintava o sete, ficara célebre com as extravagâncias e aventuras. Estivera pouco antes às portas do divórcio, com um caso escandaloso por demais, com um pintor de nomeada que só pintava efeitos de luz. Maria falada, Maria bêbeda, Maria passada de mão em mão, Maria pintada nua...

Se dera como que uma transposição de destinos...

E tive um pensamento que ao menos me salvou no instante: se o que tinha de útil agora em mim era Maria, se ela estava se transformando no Juca imperfeitíssimo que eu fora, se eu era apenas uma projeção dela, como ela agora apenas uma projeção de mim, se nos trocáramos por um estúpido engano de amor: mas ao menos que eu ficasse bem ruim, mas bem ruim mesmo outra vez, pra me igualar a ela de novo. Foi a razão da briga com Violeta, impiedosa, e a farra dessa noite — bebedeira tamanha que acabei ficando desacordado, numa série de vertigens, com médico, escândalo, e choro largo de mamãe com minha irmã.

Bom, tinha que visitar Maria, está claro, éramos “gente grande” agora. Quando soube que ela devia ir a um banquete, pensei comigo: “ótimo, vou hoje logo depois de jantar, não encontro ela e deixo o cartão”. Mas fui cedo demais.

Cheguei na casa dos pais dela, seriam nove horas, todos aqueles requiffes de gente ricaça, criado que leva cartão numa salva de prata, etc. Os da casa estavam ainda jantando. Me introduziram na saletinha da esquerda, uma espécie de luís-quinze muito sem-vergonha, dourado por inteiro, dando pro hol central. Que fizesse o favor de esperar, já vinham.

Contemplando a gravura cor-de-rosa, senti de sopetão que tinha mais alguém na saleta, virei. Maria estava na porta, olhando pra mim, se rindo, toda vestida de preto. Olhem: eu sei que a gente exagera em amor, não insisto. Mas se eu já tive a sensação da vontade de Deus, foi ver Maria assim, toda de preto vestida, fantasticamente mulher. Meu corpo soluçou todinho e tornei a ficar estarecido.

— Ao menos diga boa-noite, Juca...

“Boa-noite, Maria, eu vou-me embora...” meu desejo era fugir, era ficar e ela ficar mas, sim, sem que nos tocássemos sequer. Eu sei, eu juro que sei que ela estava se entregando a mim, me prometendo tudo, me cedendo tudo quanto eu queria, naquele se deixar olhar, sorrindo leve, mãos unidas caindo na frente do corpo, toda vestida de preto. Um segundo, me passou na visão devorá-la numa hora estilhaçada de quarto de hotel, foi horrível. Porém, não havia dúvida: Maria despertava em mim os instintos da perfeição. Balbuciei afinal um boa-noite muito indiferente, e as vozes amontoadas vinham do hol, dos outros que chegavam.

Foi este o primeiro dos quatro amores eternos que fazem de minha vida uma grave condensação interior. Sou falsamente um solitário. Quatro amores me acompanham, cuidam de mim, vêm conversar comigo. Nunca mais vi Maria, que ficou pelas Europas, divorciada afinal, hoje dizem que vivendo com um austríaco interessado em feiras internacionais. Um aventureiro qualquer. Mas dentro de mim, Maria... bom: acho que vou falar banalidade.

[de *Contos Novos*, Rio, 1939-São Paulo, 17/02/1943]

Glossário

Complexo de Édipo: Expressão criada por Freud e inspirada na tragédia grega Édipo Rei; designa o conjunto de desejos amorosos e hostis que o menino enquanto ainda criança experimenta com relação a sua mãe.

Ralhou: Repreender em voz alta, com severidade. Censurar com veemência (Michaelis, 2022)

Sapária: Expressão pejorativa para indicar um grupo de indivíduos grosseiros, corja.

Empoladas: Pomposas, exageradas, ostentosas.

Emboaba tordilha: A expressão diz respeito ao modo como os paulistas denominavam os portugueses, emboabas. No caso, uma referência a uma moça de origem portuguesa, e cheia de sardas. No poema "XXXIV, Louvação da emboaba tordilha", aparece como a musa brasileira, com seus cabelos provavelmente ruivos. Cf.: *Losango Cáqui*: <https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=92611#XXXIV>

Despique: Ato ou efeito de despicar(-se); desforra, desafronta, desagravo.

Requiffes: Adorno ou enfeite rebuscado. Excesso de formalidades.

FREDERICO PACIÊNCIA

Frederico Paciência... Foi no ginásio... Éramos de idade parecida, ele pouco mais velho que eu, quatorze anos.

Frederico Paciência era aquela solaridade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E aquela cabeloça pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que ele falava.

Senti logo uma simpatia deslumbrada por Frederico Paciência, me aproximei franco dele, imaginando que era apenas por simpatia. Mas se ligo a insistência com que ficava junto dele a outros atos espontâneos que sempre tive até chegar na força do homem, acho que se tratava dessa espécie de saudade do bem, de aspiração ao nobre, ao correto, que sempre fez com que eu me adornasse de bem pelas pessoas com quem vivo. Admirava lealmente a perfeição moral e física de Frederico Paciência e com muita sinceridade o invejei. Ora, em mim sucede que a inveja não consegue se resolver em ódio, nem mesmo em animosidade: produz mas uma competência divertida, esportiva, que me leva à imitação. Tive ânsias de imitar Frederico Paciência. Quis ser ele, ser dele, me confundir naquele esplendor, e ficamos amigos.

Eu era o tipo do fraco. Feio, minha coragem não tinha a menor espontaneidade, tendência altiva para os vícios, preguiça. Inteligência incessante mas principalmente difícil. Além do mais, naquele tempo eu não tinha nenhum êxito pra estímulo. Em família era silenciosamente considerado um caso perdido, só porque meus manos eram muito bonzinhos e eu estourado, e enquanto eles tiravam distinções no colégio, eu tomava bombas.

Uma ficou famosa, porque eu protestei gritado em casa, e meu Pai resolveu tirar a coisa a limpo, me levando com ele ao colégio. Chamado pelo diretor, lá veio o marista, irmão Bicudo o chamávamos, trazendo na mão um burro de Virgílio em francês, igualzinho ao que me servira na cola. Meio que turtuviei mas foi um nada. Disse arrogante:

— Como que o senhor prova que eu coleii!

Irmão Bicudo nem me olhou. Abriu o burro quase na cara de Papai, tremia de raiva:

— Seu menino traduz latim muito bem!... mas não sabe traduzir francês!

Papai ficou pálido, coitado. Arrancou:

— Seu padre me desculpe.

Não falou mais nada. Durante a volta era aquele mutismo, não trocou sequer um olhar comigo. Foi esplêndido mas quando o condutor veio cobrar as passagens no bonde, meu Pai tirou com toda a naturalidade os níqueis do bolsinho mas de repente ficou olhando muito o dinheiro, parado, olhando os níqueis, perdido em reflexões inescrutáveis. Parecia decidir da minha vida, ouvi, cheguei a ouvir ele dizendo “Não pago a passagem desse menino”. Mas afinal pagou.

Frederico Paciência foi minha salvação. A sua amizade era se entregar, amizade era pra tudo. Não conhecia reservas nem ressalvas, não sabia se acomodar humanamente com os conceitos. Talvez por isto mesmo, num como que instinto de conservação, era camarada de

toda a gente, mas não tinha grupos preferidos nem muito menos amigos. Não há dúvida que se agradava de mim, inalteravelmente feliz de me ver e conversar comigo. Apenas eu percebia, irritado, que era a mesma coisa com todos. Não consegui ser discreto.

Depois da aula, naquela pequena parte do caminho que fazíamos juntos até o largo da Sé, puxando o assunto para os colegas, afinal acabei, bastante atrapalhado lhe confessando que ele era o meu “único” amigo. Frederico Paciência entreparou num espanto mudo, me olhando muito. Apressou o passo pra pegar a minha dianteira pequena, eu numa comoção envergonhada, já nem sabendo de mim, aliviado em minha sinceridade. Chegara a esquina em que nos separávamos, paramos. Frederico Paciência estava maravilhoso, sujo do futebol, suado, corado, derramando vida. Me olhou com uma ternura sorridente. Talvez houvesse, havia um pouco de piedade. Me estendeu a mão a que mal pude corresponder, e aquela despedida de costume, sem palavra, me derrotou por completo. Eu estava envergonhadíssimo, me afastei logo, humilhado, andando rápido pra casa, me esconder. Porém Frederico Paciência estava me acompanhando!

— Você não vai pra casa já!

— Ara... estou com vontade de ir com você...

Foram quinze minutos dos mais sublimes de minha vida. Talvez que pra ele também. Na rua violentamente cheia de gente e de pressa, só vendo os movimentos estratégicos que fazíamos, ambos só olhos, calculando o andar deste transeunte com a soma daqueles dois mais vagarentos, para ficarmos sempre lado a lado. Mas em minha cabeça que fantasmagorias divinas, devotamentos, heroísmos, ficar bom, projetos de estudar. Só na porta de casa nos separamos, de novo esquerdos, na primeira palavra que trocávamos amigos aquele “até-logo” torto.

E a vida de Frederico Paciência se mudou para dentro da minha. Me contou tudo o que ele era, a mim que não sabia fazer o mesmo. Meio que me rebaixava meu Pai ter sido operário em mocinho. Mas quando o meu amigo me confessou que os pais dele fazia só dois anos que tinham casado, até achei lindo. Pra que casar! é isso mesmo! O pior é que Frederico Paciência depusera tal confiança em mim, me fazia tais confissões sobre instintos nascentes que me obrigava a uma elevação constante de pensamento. Uns dias quase o odiei. Me bateu clara a intenção de acabar com aquela “infância”. Mas tudo estava tão bom.

Os domingos dele me pertenceram. Depois da missa fazíamos caminhadas enormes. Um feriado chegamos a ir até a Cantareira a pé. Continuou vindo comigo até a porta de casa. Uma vez entrou. Mas eu não gostava de ver ele na minha família, detestei até Mamãe junto dele, ficavam todos muito baços. Mas me tornei familiar na casa dele, eram só os pais, gente vazia, enriquecida à pressa, dando liberdade excessiva ao filho, espalhafatosamente envaidecida daquela amizade com o colega de “família boa”.

Me lembro muito bem que pouco depois, uns cinco dias, da minha declaração de amizade, Frederico Paciência foi me buscar depois da janta. Saímos. Principiava o costume daqueles passeios longos no silêncio arborizado dos bairros. Frederico Paciência falava nos seus ideais, queria ser médico. Adverti que teria que fazer os estudos no Rio e nos separaríamos. Em mim, fiz mas foi calcular depressa quantos anos faltavam para me livrar do meu amigo. Mas a ideia da separação o preocupou demais. Vinha com propostas, ir com ele, estudar medicina, ou ser pintor pois que eu já vivia desenhando a caricatura dos padres.

Fiquei de pensar e, dialogando com as aspirações dele, pra não ficar atrás, meio que menti. Acabei mentindo duma vez. Veio aquele prazer de me transportar pra dentro do romance, e tudo foi se realizando num romance de bom-senso discreto, pra que a mentira não transparecesse, e onde a coisa mais bonita era minha alma. Frederico Paciência então me

olhava com os olhos quase úmidos, alargados, de êxtase generoso. Acreditava. Acreditou tudo. De resto, não acreditar seria inferioridade. E foi esse o maior bem que guardo de Frederico Paciência, porque uma parte enorme do que de bom e de útil tenho sido vem daquela alma que precisei me dar, pra que pudéssemos nos amar com franqueza.

No ginásio a nossa vida era uma só. Frederico Paciência me ensinava, me assoprava respostas nos momentos de aperto, jurando depois com riso que era pela última vez. A permanência dele em mim implicava aliás um tal ou qual esforço da minha parte pra estudar, naquele regime de estudo abortivo que, sem eu ainda atinar que era errado, me revoltava. Um dia ele me surpreendeu lendo um livro. Fiquei horrorizado mas imediatamente uma espécie de curiosidade perversa, que eu disfarçava com aquela intenção falsa e jamais posta em prática de acabar com “aquela amizade besta”, me fez não negar o que lia. Era uma “História da Prostituição na Antiguidade”, dessas edições clandestinas portuguesas que havia muito naquela época. E heróico, embora sempre horrorizado, passei o livro a ele. Folheou, examinou os títulos do índice, ficou olhando muito o desenho da capa. Depois me deu o livro.

- Tome cuidado com os padres.
- Ah... está dentro da pasta, eles não veem.
- E se examinarem as pastas...
- Pois se examinarem acham!

Passamos o tempo das aulas disfarçando bem. Mas no largo da Sé, Frederico Paciência falou que hoje carecia ir já pra casa, ficando logo engasgadíssimo na mentira. Mas como eu o olhasse muito, um pouco distraído em observar como é que se mentia sem ter jeito, ele inda achou força pra esclarecer que precisava sair com a Mãe. E, já despedidos um do outro, meio rindo de lado, ele me pediu o livro pra ler. Tive um desejo horrível de lhe pedir que não pedisse o livro, que não lesse aquilo, de jurar que era infame. Mas estava por dentro que era um caos. Me atravessava o convulsionamento interior a ideia cínica de que durante todo o dia presentira o pedido e tomara cuidado em não me prevenir contra ele. E dizer agora tudo o que estava querendo dizer e não podia, era capaz de me diminuir. E afinal o que o livro contava era verdade... Se recusasse, Frederico Paciência ia imaginar coisas piores. Na aparência, fui tirando o livro da mala com a maior naturalidade, gritando por dentro que ainda era tempo, bastava falar que ainda não acabara de ler, quando acabasse... Depois dizia que o livro não prestava, era imoral, o rasgara. Isso até me engrandeceria... Mas estava um caos. E até que ponto a esperança de Frederico Paciência ter certas revelações... E o livro foi entregue com a maior naturalidade, sem nenhuma hesitação no gesto. Frederico Paciência ainda riu pra mim, não pude rir. Sentia um cansaço. E puro. E impuro.

Passei noite de beira-rio. Nessa noite é que todas essas ideias da exceção, instintos espantados, desejos curiosos, perigos desumanos me picavam com uma clareza tão dura que varriam qualquer gosto. Então eu quis morrer. Se Frederico Paciência largasse de mim... Se se aproximasse mais... Eu quis morrer. Foi bom entregar o livro, fui sincero, pelo menos assim ele fica me conhecendo mais. Fiz mal, posso fazer mal a ele. Ah que faça! ele não pode continuar aquela “infância”. Queria dormir, me debatia. Quis morrer.

No dia seguinte Frederico Paciência chegou tarde, já principiadas as aulas. Sentou como de costume junto de mim. Me falou um bom dia simples mas que imaginei tristinho, preocupado. Mal respondi, com uma vontade assustada de chorar. Como que havia entre nós dois um sol que não permitia mais nos vermos mutuamente. Eu, quando queria segredar alguma coisa, era com os outros colegas mais próximos. Ele fazia o mesmo, do lado dele. Mas ainda foi ele quem venceu o sol.

No recreio, de repente, eu bem que só tinha olhos pra ele, largou o grupo em que conversava, se dirigiu reto pra mim. Pra ninguém desconfiar, também me apartei do meu grupo e fui, como que por acaso, me encontrar com ele. Paramos frente a frente. Ele abaixou os olhos, mas logo os ergueu com esforço. Meu Deus! Por que não fala! O olho, o procuro nos olhos, lhe devorando os olhos internados, mas o olho com tal ansiedade, com toda a perfeição do ser, implorando me tornar sincero, verdadeiro, digníssimo, que Frederico Paciência é que pecou. Baixou os olhos outra vez, tirando de nós dois qualquer exatidão. Murmurou outra coisa:

— Pus o livro na sua mala, Juca. Acho bom não ler mais essas coisas.

Percebi que eu não perdera nada, fiquei numa alegria doida. Ele agora estava me olhando na cara outra vez, sereno, generoso, e menti. Fui de uma sem-vergonhice grandiosa, menti apressadamente, com um tal calor de sinceridade que eu mesmo não chegava bem a perceber que era tudo mentira. Mas falei comprido e num momento percebi que Frederico Paciência não estava acreditando mais em mim, me calei. Fomos nos ajuntar aos colegas. Era tristeza, era tristeza sim o que eu sentia, mas com um pouco também de alegria de ver o meu amigo *espezinhado*, escondendo que não me acreditava, sem coragem pra me censurar, humilhado na insinceridade. Eu me sentia superior!

Mas essa tarde, quando saímos juntos no passeio, numa audácia firme de gozar Frederico Paciência não dizendo o que sentia, eu levava um embrulho bem feitinho comigo. Quando Frederico Paciência perguntou o que era, ri só de lábios feito uma caçoada amiga, o olhando de lado, sem dizer nada. Fui desfazendo bem saboreado o embrulho, era o livro. Andava, olhava sempre o meu amigo, riso no beijo, brincador, conciliador, absolvido. E de repente, num gesto brusco, arrebentei o volume em dois. Dei metade ao meu amigo e principiei rasgando miudinho, folha por folha, a minha parte. Aí Frederico Paciência caiu inteiramente na armadilha. O rosto dele brilhou numa felicidade irritada por dois dias de trégua, e desatamos a rir. E as ruas foram sujadas pelos destroços irreconstituíveis da “História da Prostituição na Antiguidade”. Eu sabia que ficava um veneno em Frederico Paciência, mas isso agora não me inquietava mais. Ele, inteiramente entregue, confessava, agora que estava liberto do livro, que ler certas coisas, apesar de horríveis, “dava uma sensação esquisita, Juca, a gente não pode largar”.

Diante de uma amizade assim tão agressiva, não faltavam bocas de serpentes. Frederico Paciência, quando a indireta do gracejo foi tão clara que era impossível não perceber o que pensavam de nós, abriu os maiores olhos que lhe vi. Veio uma palidez de crime e ele cegou. Agarrou o ofensor pelo *gasnete* e o dobrou nas mãos inflexíveis. Eu impassível, assuntando. Foi um custo livrar o canalha. Forcejavam pra soltar o rapaz daquelas mãos endurecidas numa fatalidade *estertorante*. Eu estava com medo, de assombro. Falavam com Frederico Paciência, o sacudiam, davam nele, mas ele quem disse acordar! Só os padres que acorreram com o *alarido* e um bedel atleta, conseguiram apartar os dois. O canalha caiu desacordado no chão. Frederico Paciência só grunhia “Ele me ofendeu”, “Ele me ofendeu”. Afinal — todos já tinham tomado o nosso partido, está claro, com dó de Frederico Paciência, convencidos da nossa pureza — afinal uma frase de colega esclareceu os padres. O castigo foi grande mas não se falou de expulsão.

Eu não. Não falei nada, não fiz nada, fiquei firme. No outro dia o rapaz não apareceu no colégio e os colegas inventaram boatos medonhos, estava gravíssimo, estava morto, iam prender Frederico Paciência. Este, soturno. Parecia nem ter coragem pra me olhar, só me falava o indispensável, e imediato afinei com ele, *soturnizado* também. Felizmente não nos veríamos à saída, ele detido pra escrever quinhentas linhas por dia durante uma semana — castigo habitual dos padres. Mas no segundo dia o canalha apareceu. Meio ressabiado, é certo, mas completamente recomposto. Tinha chegado a minha vez.

Calculadamente avisei uns dois colegas que agora era comigo que ele tinha que se haver. Foram logo contar, e embora da mesma força que eu, era visível que ele ficou muito inquieto. Inventei uma dor de cabeça pra sair mais cedo, mas os olhos de todos me seguindo, proclamavam o grande espetáculo próximo. Na saída, acompanhado de vários curiosos, ele vinha muito pálido, falando com exagero que se eu me metesse com ele usava o canivete. Saí da minha esquina, também já alcançado por muitos, e convidei o outro pra descermos na várzea perto. Eu devia estar pálido também, sentia, mas nada covarde. Pelo contrário: numa lucidez gélida, imaginando jeito certo de mais bater que apanhar. Mas o rapaz fraquejou, precipitando as coisas, que não! que aquilo fora uma brincadeira besta dele, aí um soco nas fuças o interrompeu. O sangue saltou com fúria, o rapaz avançou pra cima de mim, mas vinha como sem vontade, descontrolado, eu gélido. Outro soco lhe atingiu de novo o nariz. Ele num desespero me agarrou pelo meio do corpo, foi me dobrando, mas com os braços livres, eu malhava a cara dele, gostando do sangue me manchando as mãos. Ele gemeu um “ai” flébil, quis chorar num bufido infantil de dor pavorosa. Não sei, me deu uma repugnância do que ele estava sofrendo com aqueles socos na cara, não pude suportar: com um golpe de energia que até me tonteou, botei o cotovelo no queixo dele, e um safanão o atirou longe. Me agarraram. O rapaz, completamente desatinado, fugiu na carreira.

Um as censuras rijas de transeuntes, nem me incomodei, estava sublime de segurança. Qualquer incerteza, qualquer hesitação que me nascesse naquele alvoroço interior em que eu *escachoava*, a imagem, mas única, exclusiva realidade daquilo tudo, a imagem de Frederico Paciência estava ali pra me mover. Eu vingara Frederico Paciência! Com a maior calma, peguei na minha mala que um colega segurava, nem disse adeus a ninguém. Fui embora compassado. Tinha também agora um sol comigo. Mas um sol ótimo, diferente daquele que me separa de meu amigo no caso do livro. Não era glória nem vanglória, nem volúpia de ter vencido, nada. Era um equilíbrio raro — esse raríssimo de quando a gente age como homem-feito, quando se é rapaz. Puro. E impuro.

Procurei Frederico Paciência essa noite e contei tudo. Primeiro me viera a vaidade de não contar, bancar o superior, fingindo não dar importância à briga, só pra ele saber de tudo pelos colegas. Mas estava grandioso demais pra semelhante inferioridade! Contei tudo, detalhe por detalhe. Frederico Paciência me escutou, eu percebia que ele escutava devorando, não podendo perder um respiro meu. Fui heróico, antes: fui artista! Um como que sentimento de beleza me fez ajuntar muito pouca fantasia à descrição, desejando que ela fosse bem simples. Quando acabei, Frederico Paciência não disse uma palavra só, não aprovou, não desaprovou. E uma tristeza nos envolveu, a tristeza mais feliz de minha vida. Como estava bom, era quase sensual, a gente assim passeando os dois, tão tristes...

Mas de tudo isso, do livro, da invencionice dos colegas, da nossa revolta exagerada, nascera entre nós uma primeira, estranha frieza. Não era medo da calúnia alheia, era como um quebrar de esperanças insabidas, uma desilusão, uma espécie amarga de desistência. Pelo contrário, como que *basofientos*, mais diante de nós mesmos que do mundo, nasceu de tudo isso o nos aproximarmos fisicamente um do outro, muito mais que antes. O abraço ficou cotidiano em nossos bons-dias e até-logos.

Agora falávamos insistentemente de nossa “amizade eterna”, projetos de nos vermos diariamente a vida inteira, juramentos de um fechar os olhos do que morresse primeiro. Comentando às claras o nosso amor de amigo, como que procurávamos nos provar que daí não podia nos vir nenhum mal, e principalmente nenhuma realização condenada pelo mundo. Condenação que aprovávamos com assanhamento. Era um jogo de cabeças unidas quando sentávamos pra estudar juntos, de mãos unidas sempre, e alguma vez mais rara, corpos enlaçados nos passeios noturnos. E foi aquele beijo que lhe dei no nariz depois, depois não,

¹ Frase acrescentada, de acordo com texto estabelecido por Hugo Camargo Rocha e Aline Nogueira Marques na edição de Contos Novos, coordenada por Telê Ancona Lopes, (Nova Fronteira, 2012).

de repente no meio duma discussão rancorosa sobre se Bonaparte era gênio, eu jurando que não, ele que sim. — Besta! — Besta é você! Dei o beijo, nem sei! parecíamos estar afastados léguas um do outro nos odiando. Frederico Paciência recuou, derrubando a cadeira. O barulho facilitou nosso fragor interno, ele avançou, me abraçou com ansiedade, me beijou com amargura, me beijou na cara em cheio dolorosamente. Mas logo nos assustou a sensação de condenados que explodiu, nos separamos conscientes. Nos olhamos no olho e saiu o riso que nos acalmou. Estávamos verdadeiros e bastantes ativos na verdade escolhida². Estávamos nos amando de amigo outra vez; estávamos nos desejando, exaltantes no ardor, mas decididos, fortíssimos, sadios.

— Precisamos tomar mais cuidado.

Quem falou isso? Não sei se fui eu se foi ele, escuto a frase que jorrou de nós. Jamais fui tão grande na vida.

Mas agora já éramos amigos demais um do outro, já o convívio era alimento imprescindível de cada um de nós, para que o cuidado a tomar decidisse um afastamento. Continuamos inseparáveis, mas tomando cuidado. Não havia mais aquele jogo de mãos unidas, de cabeças confundidas. E quando por distração um se apoiava no outro, o afastamento imediato, rancoroso deste, desapontava o inocente.

O pior eram as discussões, cada vez mais numerosas, cada vez porventura mais procuradas. Quando a violência duma briga, “Você é uma besta!”, “Besta é você!”, nos excitava fisicamente demais, vinha aquela imagem jamais confessada do incidente do beijo, a discussão caía de chofre. A mudez súbita corrigia com brutalidade o caminho do mal e perseverávamos deslumbradamente fiéis à amizade. Mas tudo, afastamento, correções, discussões quebradas em meio, só nos fazia desoladamente conscientes, em nossa hipocrisia generosa, de que aquilo ou nos levava para infernos insolúveis, ou era o princípio dum fim.

Com a formatura do ginásio descobrimos afinal um pretexto para iniciar a desagregação muito negada, e mesmo agora impensada, da nossa amizade. Falo que era “pretexto” porque me parece que tinha outras razões mais ponderosas. Mas Frederico Paciência insistia em fazer exames ótimos aquele último ano. Eu não pudera me resolver a estudos mais severos, justo num ano de curso em que era de praxe os examinadores serem condescendentes. Na aparência, nunca nos compreendêramos tão bem, tanto eu aceitava a honestidade escolar do meu amigo, como ele afinal se dispusera a compreender minha aversão ao estudo sistemático. Mas a diferença de rumos o prendia em casa e me deixava solto na rua. Veio uma placidez.

Tinha outras razões mais amargas, tinha os bailes. E havia a Rose aparecendo no horizonte, muito indecisa ainda. Se pouco menos de ano antes, conhecêramos juntos para que nos servia a mulher, só agora nos dezesseis anos, é que a vida sexual se impusera entre os meus hábitos. Frederico Paciência parecia não sentir o mesmo orgulho de demonstração e nem sempre queria me acompanhar. Às vezes me seguia numa contrariedade sensível. O que me levava ao despeito de não o convidar mais e a existir um assunto importantíssimo pra ambos, mas pra ambos de importância e preocupações opostas. A castidade serena de meu amigo, eu continuava classificando de “infâncias”. Frederico Paciência, por seu lado, se escutava com largueza de perdão e às vezes certa curiosidade os meus descobrimentos de amor, contados quase sempre com minúcia raivosa, pra machucar, eu senti mais de uma vez que ele se fatigava em meio da narrativa insistente e se perdia em pensamentos de mistério, numa melancolia grave. E eu parava de falar. Ele não insistia. E ficávamos contrafeitos, numa solidão brutalmente física.

² Frase acrescentada, de acordo com texto estabelecido por Hugo Camargo Rocha e Aline Nogueira Marques na edição de Contos Novos, coordenada por Telê Ancona Lopes, (Nova Fronteira, 2012).

Mas ainda devia ter razões mais profundas para aquela desagregação sutil de amizade, desagregação, insisto, em que não púnhamos reparo. É que tínhamos nos preocupado demais com o problema da amizade, pra que a nossa não fosse sempre um objeto, é pena, mas bastante exterior a nós, um objeto de experimentação. De forma que passada em dois anos toda a aventura da amizade nascente, com suas audácias e incidentes, aquele prazer sereno da amizade cotidiana se tornara um “caso consumado”. E isso para a nossa rapazice necessariamente instável, não interessava quase. Nos amávamos agora com verdade perfeita mas sem curiosidade, sem a volúpia de brincar com fogo, sem aprendizado mais. E fora em defesa da amizade mesma que lhe mudáramos a... a técnica de manifestação. E esta técnica, feita de afastamentos e paciências, naquele estádio de verdades muito preto e branco, era uma pequena, voluntária desagregação impensada. De maneira que adquiríamos uma convicção falsa de que estávamos nos afastando um do outro, por incapacidade, ou melhor: por medo de nos analisarmos em nossa desagregação verdadeira, entenda quem quiser. No colégio éramos apenas colegas. De noite não nos encontrávamos mais, ele estudando. Mas que domingos sublimes agora, quando algum piquenique detestado mas aceito com prazer espetacular muito fingido, não vinha perturbar nosso desejo de estarmos sós. Era uma ventura incontável esse encontro dominical, quanta franqueza, quanto abandono, quanto passado nos enobrecendo, nos aprofundando e era como uma carícia longa, velha, entediada. Vivíamos por vezes meia hora sem uma palavra, mas em que nossos espíritos, nossas almas entreconhecidas se entendiam e se irmanavam com silêncio vegetal.

Estou lutando desde o princípio destas explicações sobre a desagregação da nossa amizade, contra uma razão que me pareceu inventada enquanto escrevia, para sutilizar psicologicamente o conto. Mas agora não resisto mais. Está me parecendo que entre as causas mais insabidas, tinha também uma espécie de despeito desprezador de um pelo outro... Se no começo invejei a beleza física, a simpatia, a perfeição espiritual normalíssima de Frederico Paciência, e até agora sinto saudades de tudo isso, é certo que essa inveja abandonou muito cedo qualquer aspiração de ser exatamente igual ao meu amigo. Foi curtíssimo, uns três meses, o tempo em que tentei imitá-lo. Depois desisti, com muito propósito. E não era porque eu conseguisse me reconhecer na impossibilidade completa de imitá-lo, mas porque eu, sinceramente, sabe-me lá por quê! não desejava mais ser um Frederico Paciência!

O admirava sempre em tudo, mesmo porque até agora o acho cada vez mais admirável, até em sua vulgaridade que tinha muito de ideal. Mas pra mim, para o ser que eu me queria dar, eu... eu corrigia Frederico Paciência. E é certo que não o corrigia no sentido da perfeição, sinceramente eu considerava Frederico Paciência perfeito, mas no sentido de uma outra concepção do ser, às vezes até diminuída de perfeição. A energia dele, a segurança serena, sobretudo aquela como que incapacidade de errar, aquela ausência do erro, não me interessavam suficientemente pra mim. E eu me surpreendia imaginando que se as possuísse, me sentiria diminuído.

E enfim eu me pergunto ainda até que ponto, não só para o meu ideal de mim, mas para ele mesmo, eu pretendia modificar, “corrigir” Frederico Paciência no sentido desse outro indivíduo ideal que eu desejara ser, de que ele fora o ponto-de-partida?... É certo que ele sempre foi pra comigo muito mais generoso, me aceitou sempre tal como eu era, embora interiormente, estou seguro disso, me desejasse melhor. Se satisfazia de mim para amigo, ao passo que a mim desde muito cedo ele principiou sobrando. Assim: o nos afastarmos um do outro em nossa cotidianidade, o que chamei já agora erradamente, tenho certeza, de “desagregação”, era mais apenas um jeito da amizade verdadeira. Era mesmo um aperfeiçoamento de amizade, porque agora nada mais nos interessava senão o outro tal como era, em nossos encontros a sós: nos amávamos pelo que éramos, tal como éramos, desprendidamente, gratuitamente, sem o instinto imperialista de condicionar o companheiro a ficções de nossa inteira fabricação. Estou convencido que perseveraríamos amigos pela vida inteira, se ela, a tal, a vida, não se encarregasse de nos roubar essa grandeza.

Pouco depois de formados, ano que foi de hesitação pra nós, eu querendo estudar pintura mas “isso não era carreira”, ele medicina, mas os negócios prendendo a São Paulo a gente dele, uma desgraça me aproximou de Frederico Paciência: morreu-lhe o Pai. Me devotei com sinceridade. Nascera em mim uma experiência, uma... sim, uma paternidade crítica em que as primeiras hesitações de Frederico Paciência puderam se apoiar sem reserva.

Meu amigo sofreu muito. Mas, sem indicar insensibilidade nele (aliás era natural que não amasse muito um pai que fora indiferentemente bom) me parece que a dor maior de Frederico Paciência não foi perder o Pai, foi a decepção que isso lhe dava. Sentiu um espanto formidável essa primeira vez que deparou com a morte. Mas fosse decepção, fosse amor, sofreu muito. Fui eu a consolar e consegui o mais perfeito dos sacrifícios, fiquei muito mudo, ali. O melhor alívio para a infelicidade da morte é a gente possuir consigo a solidão silenciosa duma sombra irmã. Vai-se pra fazer um gesto, e a sombra adivinha que a gente quer água, e foi buscar. Ou de repente estende o braço, tira um fiapo que pegou na vossa roupa preta.

Dois dias depois da morte, ainda marcados pelas cenas penosas do enterro, a Mãe de Frederico Paciência chorava na saleta ao lado, se deixando conversar num grupo de velhas, quando ouvimos:

– Rico! (com erre fraco, era o apelido caseiro do meu amigo).

Fomos logo. De pé, na frente da coitada, estava um homem de luto, plastron, nos esperando. E ela angustiada:

– Veja o que esse homem quer!

Viera primeiro apresentar os pêsames.

–... conheci muito o vosso defunto pai, coitado. Nobre caráter... Mas como a sua excelentíssima progenitora poderá precisar de alguém, vim lhe oferecer os meus préstimos. Orgulho-me de ter em nosso cartório a melhor clientela de São Paulo. Para ficar livre das formalidades do inventário (e mostrava um papel) é só a sua excelentíssima...

Não sei o que me deu, tive um heroísmo:

– Saia!

O homem me olhou com energia desprezadora.

– Saia, já falei!

O homem era forte. Fiz um gesto pra empurrá-lo, ele recuou. Mas na porta quis reagir de novo e então o crivei, o crivamos de socos, ele desceu a escada do jardim caicaindo. Outra vez no quarto, era natural, estávamos muito bem-humorados. Contínhamos o riso pela conveniência da morte, mas foi impossível não sorrir com a lembrança do homem na escada.

– Deite pra descansar um pouquinho.

Ele deitou, exagerando a fadiga, sentindo gosto em obedecer. Sentei na borda da cama, como que pra tomar conta dele, e olhei o meu amigo. Ele tinha o rosto iluminado por uma frincha de janela vespertina. Estava tão lindo que o contemplei embevecido. Ele principiou lento, meio menino, reafirmando projetos. Iriam logo para o Rio, queria se matricular na Faculdade. O Rio... Mamãe é carioca, você já não sabia?... Tenho parentes lá. Com os lábios se movendo rubros naquele ondular de fala propositalmente fatigada. Eu olhava só. Frederico Paciência percebeu, pára de falar de repente, me olhando muito também. Percebi o mutismo dele, entendi por que era, mas não podia, custei a retirar os olhos daquela boca tão linda. E quando os nossos olhos se encontraram, quase assustei porque Frederico Paciência me olhava, também como eu estava, com olhos de desespero, inteiramente confessado. Foi um segundo trágico, de tão exclusivamente infeliz. Mas a imagem do morto se interpõe com uma presença enor-

me, recente por demais, dominadora. Talvez nós não pudéssemos naquele instante vencer a fatalidade em que já estávamos, o morto é que venceu.

Depois de dois meses de preparativos que de novo afastaram muito Frederico Paciência de mim, veio a separação. A última semana de nossa amizade (não tem dúvida: a última. Tudo o mais foram idealismos, vergonhas, abusos de preconceitos), a última semana foram dias de noivado pra nós, que de carícias! Mas não quisemos, tivemos um receio enorme de provocar um novo instante como aquele de que o morto nos salvara. Não se trocou palavra sobre o sucedido e forcejamos por provar um ao outro a inexistência daquela realidade estrondosa, que nos conservara amigos tão desarrazoados mas tão perfeitos por mais de três anos. Positivamente não valia a pena sacrificar perfeição tamanha e varrer a florada que cobria o lodo (e seria o lodo mais necessário, mais “real” que a florada?) numa aventura insolúvel. Só que agora a proximidade da separação justificava a veemência dos nossos transportes. Não saíamos da casa dele, com vergonha de mostrar a um público sem nuances, a impaciência das nossas carícias. Mudos, muitas vezes abraçados, cabeças unidas, naquele sofá trazido da sala de visitas, que ficara ali. Quando um dizia qualquer coisa, o outro concordava depressa, porque, mais que a complacência da despedida, nos assustava demais o perigo de discutir. E a única vez em que, talvez esquecido, Frederico Paciência se atirou sobre a cama porque o sono estava chegando, fiquei hirto, excessivamente petrificado, olhando o chão com tão desesperada fixidez, que ele percebeu. Ou não percebeu e a mesma lembrança feroz o massacrou. Foi levantando disfarçado. E de repente, quase gritando, é que falou:

— Mas Juca, o que você tem?

Eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Ele sentou e ficamos assim sem falar mais. E era assim que ficávamos aquelas horas exageradamente brevíssimas de adeus. Depois um vulto imaterial de senhora, sacudindo a cabeça, querendo sorrir, lacrimosa, nos falava:

— Meu filhos, são onze horas!

Frederico Paciência vinha me trazer até casa. Sofríamos tanto que parece impossível sofrer com tamanha felicidade. E toda noite era aquilo: a boca rindo, os olhos cheios de lágrimas. Sucedeu até que depois de deixado, eu batesse de novo à porta, fosse correndo alcançar Frederico Paciência, e o acompanhasse à casa dele outra vez. E agora íamos abraçados, num desespero infame de confessar descaradamente ao universo o que nunca existira entre nós dois. Mas assim como em nossas casas agora todos nos respeitavam, enlutados na previsão dum drama venerável de milagre, nos deixando ir além das horas e quebrar quaisquer costumes, também os transeuntes tardios, farristas bêbados e os vivos da noite, nos miravam, não diziam nada, deixando passar.

Afinal a despedida chegou mesmo. Curta, arrastada, muito desagradável, com aquele trem custando a partir, e nós ambos já muito indiferentes um pelo outro, numa já apenas recordação sem presença, que não entendíamos nem podia nos interessar. O sorriso famoso que quer sorrir mas está chorando, chorando muito, tudo o que a vida não chorou. “Então? adeus” “Qual! até breve!”; “Você volta mesmo?...” ; “Juro que volto!” O soluço que engasga na risada alegre da partida, enfim livre! O trem partindo. Aquela sensação nítida de alívio. Você vai andando, vê uma garota, e já está noutra mundo. Tropeça num do grupo que sai da estação, “Desculpe!”, ele vos olha, é um rapaz, os dois riem, se simpatizam, poderia ser uma amizade nova. E as luzes miraculosas, rua de todos.

Cartas. Cartas carinhosíssimas fingindo amizade eterna. Em mim despertara o interesse das coisas literárias: fazia literatura em cartas. Cartas não guardadas que ficam por aí, tomando lugar, depois jogadas fora pela criada, na limpeza. Cartas violentamente reclamadas, por causa da discussão com a criadinha, discussões conscientemente provocadas porque a criadinha era gorda. Cartas muito pouco interessantes. O que contávamos do que estava se passando com nossas vidas, Rico na medicina, eu na música e fazendo versos, o caso até

chateava o outro. Sim: tenho a certeza que a ele também aporrinhava o que eu dizia. As cartas se espaçavam.

Foi quando um telegrama veio me contando que a Mãe de Frederico Paciência morrera. Não resistira à morte do marido, como um médico bem imaginara. É indizível o alvoroço em que estourei, foi um deslumbramento, explodiu em mim uma esperança fantástica, fiquei tão atordoado que saí andando solto pela rua. Não podia pensar: a realidade estava ali. A Mãe de Rico, que me importava a Mãe de Frederico Paciência! E o que é mais terrível de imaginar: mas nem a ele o sofrimento inegável lhe importava: a morte lhe impusera o desejo de mim. Nós nos amávamos sobre cadáveres. Eu bem que percebia que era horrível. Mas por isso mesmo que era horrível, pra ele mais forte que eu, isso era decisório. E eu me gritava por dentro, com o mais deslavado dos cinismos conscientes, fingindo e sabendo que fingia: Rico está me chamando, eu vou. Eu vou. Eu preciso ir. Eu vou.

Desta vez o cadáver não seria empecilho, seria ajuda, o que nos salvou foi a distância. Não havia jeito de eu ir ao Rio. Era filho-família, não tinha dinheiro. Ainda assim pedi pra ir, me negaram. E quando me negaram, eu sei, fiquei feliz, feliz! Eu bem sabia que haviam de me negar, mas não bastava saber. Como que eu queria tirar de cima de mim a responsabilidade da minha salvação. Ou me tornar mais consciente da minha pobreza moral. Fiquei feliz, feliz! Mandeí apenas “sinceros pêsames” num telegrama.

Foi um fim bruto, de muro. Ainda me lembrei de escrever uma carta linda que ele mostrasse a muitas pessoas que ficavam me admirando muito. Como ele escreve bem! diriam. Mas aquele telegrama era uma recusa formal. Sei que em mim era sempre uma recusa desesperada, mas o fato de parecer formal, me provava que tudo tinha se acabado entre nós. Não escrevi. E Frederico Paciência nunca mais me escreveu. Não agradeceu os pêsames. A imagem dele foi se afastando, se afastando, até se fixar no que deixo aqui.

Me lembro que uma feita, diante da irritação enorme dele comentando uma pequena que o abraçara num baile, sem a menor intenção de trocadilho, só pra falar alguma coisa, eu soltara:

— Paciência, Rico.

— Paciência me chamo eu!

Não guardei este detalhe para o fim, pra tirar nenhum efeito literário, não. Desde o princípio que estou com ele pra contar, mas não achei canto adequado. Então pus aqui porque, não sei... essa confusão com a palavra “paciência” sempre me doeu malestarentemente. Me queima feito uma caçoada, uma alegoria, uma assombração insatisfeita.

[de *Contos Novos*, São Paulo, 1924-1942]

Glossário

Burro: (*fig.; pop.*) dicionário; um dicionário de Virgílio em francês.

Entreparou: deteve-se um pouco.

Espantados: espantado, cheio de soberba.

Espezinhado: (*fig.*) que foi tratado com desprezo, arrogância; humilhado.

Gasnete [gasganete]: parte anterior do pescoço; goela.

Estertorante: que está em estertor; agonizante.

Alarido: gritaria, berreiro, vozeria.

Soturnizado: tristonho, sombrio.

Flébil: lacrimoso; sem força.

Escachoava: jorrar [como a água]. Aqui diz respeito à excitação interior do personagem.

Basofientos: Dados a bravatas; fanfarronice, jactância, vanglória.

Plastron: variante francesa da palavra Palastrom que significa “palastrão”, isto é, gravata larga, que cobre o peito, de pontas cruzadas obliquamente. Também veste colocada sobre o peito; peitilho de camisa.

O PERU DE NATAL

O nosso primeiro Natal de família, depois da morte de meu pai acontecida cinco meses antes, foi de consequências decisivas para a felicidade familiar. Nós sempre fomos familiarmente felizes, nesse sentido muito abstrato da felicidade: gente honesta, sem crimes, lar sem brigas internas nem graves dificuldades econômicas. Mas, devido principalmente à natureza cinzenta de meu pai, ser desprovido de qualquer lirismo, de uma exemplaridade incapaz, acolchoado no medíocre, sempre nos faltara aquele aproveitamento da vida, aquele gosto pelas felicidades materiais, um vinho bom, uma estação de águas, aquisição de geladeira, coisas assim. Meu pai fora de um bom errado, quase dramático, o puro-sangue dos desmancha-prazeres.

Morreu meu pai, sentimos muito, etc. Quando chegamos nas proximidades do Natal, eu já estava que não podia mais pra afastar aquela memória *obstruente* do morto, que parecia ter sistematizado pra sempre a obrigação de uma lembrança dolorosa em cada almoço, em cada gesto mínimo da família. Uma vez que eu sugerira à mamãe a ideia dela ir ver uma fita no cinema, o que resultou foram lágrimas. Onde se viu ir ao cinema, de luto pesado! A dor já estava sendo cultivada pelas aparências, e eu, que sempre gostara apenas regularmente de meu pai, mais por instinto de filho que por espontaneidade de amor, me via a ponto de aborrecer o bom do morto.

Foi decerto por isto que me nasceu, esta sim, espontaneamente, a ideia de fazer uma das minhas chamadas "loucuras". Essa fora aliás, e desde muito cedo, a minha esplêndida conquista contra o ambiente familiar. Desde cedinho, desde os tempos de ginásio, em que arranjava regularmente uma reprovação todos os anos; desde o beijo às escondidas, numa prima, aos dez anos, descoberto por Tia Velha, uma detestável de tia; e principalmente desde as lições que dei ou recebi, não sei, de uma criada de parentes: eu consegui no reformatório do lar e na vasta parentagem, a fama conciliatória de "louco". "É doido, coitado!" falavam. Meus pais falavam com certa tristeza condescendente, o resto da parentagem buscando exemplo para os filhos e provavelmente com aquele prazer dos que se convencem de alguma superioridade. Não tinham doidos entre os filhos. Pois foi o que me salvou, essa fama. Fiz tudo o que a vida me apresentou e o meu ser exigia para se realizar com integridade. E me deixaram fazer tudo, porque eu era doido, coitado. Resultou disso uma existência sem complexos, de que não posso me queixar um nada.

Era costume sempre, na família, a ceia de Natal. Ceia reles, já se imagina: ceia tipo meu pai, castanhas, figos, passas, depois da Missa do Galo. Empanturrados de amêndoas e nozes (quanto discutimos os três manos por causa dos quebra-nozes...), empanturrados de castanhas e monotonias, a gente se abraçava e ia pra cama. Foi lembrando isso que arrebentei com uma das minhas "loucuras":

— Bom, no Natal, quero comer peru.

Houve um desses espantos que ninguém não imagina. Logo minha tia solteirona e santa, que morava conosco, advertiu que não podíamos convidar ninguém por causa do luto.

— Mas quem falou de convidar ninguém! essa mania... Quando é que a gente já comeu peru em nossa vida! Peru aqui em casa é prato de festa, vem toda essa parentada do diabo...

— Meu filho, não fale assim...

— Pois falo, pronto!

E descarreguei minha gelada indiferença pela nossa parentagem infinita, diz-que vin-da de bandeirantes, que bem me importa! Era mesmo o momento pra desenvolver minha teoria de doido, coitado, não perdi a ocasião. Me deu de sopetão uma ternura imensa por mamãe e titia, minhas duas mães, três com minha irmã, as três mães que sempre me divini-zaram a vida. Era sempre aquilo: vinha aniversário de alguém e só então faziam peru naquela casa. Peru era prato de festa: uma imundície de parentes já preparados pela tradição, inva-diam a casa por causa do peru, das empadinhas e dos doces. Minhas três mães, três dias an-tes já não sabiam da vida senão trabalhar, trabalhar no preparo de doces e frios finíssimos de bem feitos, a parentagem devorava tudo e ainda levava embrulhinhos pros que não tinham podido vir. As minhas três mães mal podiam de exaustas. Do peru, só no enterro dos ossos, no dia seguinte, é que mamãe com titia ainda provavam num naco de perna, vago, escuro, perdido no arroz alvo. E isso mesmo era mamãe quem servia, catava tudo pro velho e pros filhos. Na verdade ninguém sabia de fato o que era peru em nossa casa, peru resto de festa.

Não, não se convidava ninguém, era um peru pra nós, cinco pessoas. E havia de ser com duas farofas, a gorda com os miúdos, e a seca, douradinha, com bastante manteiga. Queria o papo recheado só com a farofa gorda, em que havíamos de juntar ameixa preta, nozes e um cálice de xerez, como aprendera na casa da Rose, muito minha companheira. Está claro que omiti onde aprendera a receita, mas todos desconfiaram. E ficaram logo naquele ar de incenso assoprado, se não seria tentação do Dianho aproveitar receita tão gostosa. E cerveja bem gelada, eu garantia quase gritando. É certo que com meus “gostos”, já bastante afinados fora do lar, pensei primeiro num vinho bom, completamente francês. Mas a ternura por ma-mãe venceu o doido, mamãe adorava cerveja.

Quando acabei meus projetos, notei bem, todos estavam felicíssimos, num desejo da-nado de fazer aquela loucura em que eu estourara. Bem que sabiam, era loucura sim, mas to-dos se faziam imaginar que eu sozinho é que estava desejando muito aquilo e havia jeito fácil de empurrarem pra cima de mim a... culpa de seus desejos enormes. Sorriam se entrelhan-do, tímidos como pombas desgarradas, até que minha irmã resolveu o consentimento geral:

— É louco mesmo!...

Comprou-se o peru, fez-se o peru, etc. E depois de uma Missa do Galo bem mal rezada, se deu o nosso mais maravilhoso Natal. Fora engraçado: assim que me lembrara de que final-mente ia fazer mamãe comer peru, não fizera outra coisa aqueles dias que pensar nela, sentir ternura por ela, amar minha velhinha adorada. E meus manos também, estavam no mesmo ritmo violento de amor, todos dominados pela felicidade nova que o peru vinha imprimindo na família. De modo que, ainda disfarçando as coisas, deixei muito sossegado que mamãe cortasse todo o peito do peru. Um momento aliás, ela parou, feito fatias um dos lados do pei-to da ave, não resistindo àquelas leis de economia que sempre a tinham entorpecido numa quase pobreza sem razão.

— Não senhora, corte inteiro! Só eu como tudo isso!

Era mentira. O amor familiar estava por tal forma incandescente em mim, que até era capaz de comer pouco, só pra que os outros quatro comessem demais. E o diapasão dos outros era o mesmo. Aquele peru comido a sós, redescobria em cada um o que a quotidia-nidade abafara por completo, amor, paixão de mãe, paixão de filhos. Deus me perdoe mas estou pensando em Jesus... Naquela casa de burgueses bem modestos, estava se realizando um milagre digno do Natal de um Deus. O peito do peru ficou inteiramente reduzido a fatias amplas.

— Eu que sirvo!

“É louco, mesmo” pois por que havia de servir, se sempre mamãe servira naquela casa! Entre risos, os grandes pratos cheios foram passados pra mim e principiei uma distribuição heroica, enquanto mandava meu mano servir a cerveja. Tomei conta logo de um pedaço admirável da “casca”, cheio de gordura e pus no prato. E depois vastas fatias brancas. A voz severizada de mamãe cortou o espaço angustiado com que todos aspiravam pela sua parte no peru:

— Se lembre de seus manos, Juca!

Quando que ela havia de imaginar, a pobre! que aquele era o prato dela, da Mãe, da minha amiga maltratada, que sabia da Rose, que sabia meus crimes, a que eu só lembrava de comunicar o que fazia sofrer! O prato ficou sublime.

— Mamãe, este é o da senhora! Não! não passe não!

Foi quando ela não pode mais com tanta comoção e principiou chorando. Minha tia também, logo percebendo que o novo prato sublime seria o dela, entrou no refrão das lágrimas. E minha irmã, que jamais viu lágrima sem abrir a torneirinha também, se esparramou no choro. Então principiei dizendo muitos desaforos pra não chorar também, tinha dezenove anos... Diabo de família besta que via peru e chorava! coisas assim. Todos se esforçavam por sorrir, mas agora é que a alegria se tornara impossível. É que o pranto evocara por associação a imagem indesejável de meu pai morto. Meu pai, com sua figura cinzenta, vinha pra sempre estragar nosso Natal, fiquei danado.

Bom, principiou-se a comer em silêncio, lutosos, e o peru estava perfeito. A carne mansa, de um tecido muito tênue boiava fagueira entre os sabores das farofas e do presunto, de vez em quando ferida, inquietada e redesejada, pela intervenção mais violenta da ameixa preta e o estorvo petulante dos pedacinhos de noz. Mas papai sentado ali, gigantesco, incompleto, uma censura, uma chaga, uma incapacidade. E o peru, estava tão gostoso, mamãe por fim sabendo que peru era manjar mesmo digno do Jesusinho nascido.

Principiou uma luta baixa entre o peru e o vulto de papai. Imaginei que gabar o peru era fortalecê-lo na luta, e, está claro, eu tomara decididamente o partido do peru. Mas os defuntos têm meios visguentos, muito hipócritas de vencer: nem bem gabei o peru que a imagem de papai cresceu vitoriosa, insuportavelmente obstruidora.

— Só falta seu pai...

Eu nem comia, nem podia mais gostar daquele peru perfeito, tanto que me interessava aquela luta entre os dois mortos. Cheguei a odiar papai. E nem sei que inspiração genial, de repente me tornou hipócrita e político. Naquele instante que hoje me parece decisivo da nossa família, tomei aparentemente o partido de meu pai. Fingi, triste:

— É mesmo... Mas papai, que queria tanto bem a gente, que morreu de tanto trabalhar pra nós, papai lá no céu há de estar contente... (hesitei, mas resolvi não mencionar mais o peru) contente de ver nós todos reunidos em família.

E todos principiaram muito calmos, falando de papai. A imagem dele foi diminuindo, diminuindo e virou uma estrelinha brilhante do céu. Agora todos comiam o peru com sen-

sualidade, porque papai fora muito bom, sempre se sacrificara tanto por nós, fora um santo que “você, meus filhos, nunca poderão pagar o que devem a seu pai”, um santo. Papai virara santo, uma contemplação agradável, uma inestorvável estrelinha do céu. Não prejudicava mais ninguém, puro objeto de contemplação suave. O único morto ali era o peru, dominador, completamente vitorioso.

Minha mãe, minha tia, nós, todos alagados de felicidade. Ia escrever “felicidade gustativa”, mas não era só isso não. Era uma felicidade maiúscula, um amor de todos, um esquecimento de outros parentescos distraidores do grande amor familiar. E foi, sei que foi aquele primeiro peru comido no recesso da família, o início de um amor novo, acomodado, mais completo, mais rico e inventivo, mais complacente e cuidadoso de si. Nasceu de então uma felicidade familiar pra nós que, não sou exclusivista, alguns a terão assim grande, porém mais intensa que a nossa me é impossível conceber.

Mamãe comeu tanto peru que um momento imaginei, aquilo podia lhe fazer mal. Mas logo pensei: ah, que faça! mesmo que ela morra, mas pelo menos que uma vez na vida coma peru de verdade!

A tamanha falta de egoísmo me transportara o nosso infinito amor... Depois vieram umas uvas leves e uns doces, que lá na minha terra levam o nome de “bem-casados”. Mas nem mesmo este nome perigoso se associou à lembrança de meu pai, que o peru já convertera em dignidade, em coisa certa, em culto puro de contemplação.

Levantamos. Eram quase duas horas, todos alegres, bambeados por duas garrafas de cerveja. Todos iam deitar, dormir ou mexer na cama, pouco importa, porque é bom uma insônia feliz. O diabo é que a Rose, católica antes de ser Rose, prometera me esperar com uma champanha. Pra poder sair, menti, falei que ia a uma festa de amigo, beijei mamãe e pisquei pra ela, modo de contar onde é que ia e fazê-la sofrer seu bocado. As outras duas mulheres beijei sem piscar. E agora, Rose!...

[de *Contos Novos*, versão definitiva: agosto, 1938-1942]

Glossário

Obstruente [obstruente]: que obstrui; no caso impede o fluxo da vida.

Xerez: Vinho branco e licoroso da Andaluzia.

Diapasão: (fig): padrão; quer dizer que outros familiares comportavam-se da mesma forma.

Fagueira: agradável, suave.

BRASÍLIA

a Sérgio Milliet

Diziam-me em criança que eu era espírito de contradição... Não sei. É bem verdade porém que dois meses depois de abordar o Brasil um desejo alastrou-se por mim de tal forma a inutilizar-me algum tempo como obsessão.

Primeiro secretário da Embaixada de França entrara desde logo na alta sociedade carioca. Desejado e aplaudido. Creio mesmo que nem precisaria do bilhete de ingresso do meu cargo para os cariocas da elite me receberem com simpatia. Nas pátrias novas sem verdadeiras tradições de meio, qualquer estrangeiro que jogue o pôquer dance o fox-trot e possua o dinheiro necessário para concorrer às subscrições de caridade tem títulos de nobreza suficientes para ouvir o seu nome anunciado com aceitação geral nas casas mais douradas pela distinção. Há, fora o esnobismo forçado, um como anseio coletivo de expansão, uma necessidade de aumento do clã – condições imprescindíveis de progresso e vitória. A ambição em cócegas aplaina todos os preconceitos de *estirpe*. Há sobretudo no fundo dessas elites incipientes o doloroso desejo de igualar as velhas sociedades, as nobrezas tradicionais de nomes mofados por lazeres inenarráveis e sangue coado nas estripulias dalgum salteador medieval. Há finalmente, perdoem-me a insistência, talvez a saudade antecipada duma história, duma nobiliarquia e duma decadência inexistentes.

Assim conheci em pouco tempo essa gente carioca oscilante entre brilho e grandeza. Muito mais brilho que grandeza. Apertei dedos de todas as grossuras e elasticidades. Beijei mãos rosadas vermelhas palidíssimas. Se nos primeiros dias essa desigualdade me deu prazer, um velho gosto de ordem, de proporção (não fosse eu francês) fez-me enjoar logo dessa mascarada. Irritava-me sobretudo nessa gente o esforço para imitar as civilizações da Europa. E Paris. Ninguém desconhecia Paris. Os homens vinham falar-me de Montmartre com a mais insultante das ignorâncias. Jean Rictus!... suspirava um mais erudito. E ficava camarada. Pagava-me o café. Nem ao menos café! Eram chás de manipulação inglesa licores conhaque. E se eu mostrava desejo de comer aquelas bananas jogadas no mostrador tratavam-me de original corridos de vergonha. A senha das mulheres então era a Comédia Francesa. E paravam comumente em Geraldty. Que de esclarecimentos espalhei sobre as heroínas do sr. Bourget! Morri de irritação.

Não abandonara a França para vir encontrar do outro lado do mundo uma reprodução reduzida e falsa de coisas já vistas e assuntos resolvidos. Queria conhecer o Brasil. Observar-lhe os costumes. Um fraco pelos índios, por solenes mulatas gordas e suadas num calor de fornalha. É mesmo bem possível que na minha curiosidade sonhadora e orgulhosa de civilizado, quem sabe? Um novo continente por descobrir... Rios gigantescos feras insaciáveis... Novas raças. Novos hábitos. Nova língua.

Essa vontade de aprender o brasileiro é que acabou por transformar em cólera a minha irritação. Antegozava durante a viagem as delícias de soletrar língua nova cheia de mistérios para mim. Como seria *electricité* em português? e *unanimisme*? e *grain de beauté*...

Língua doce melodiosa colorida solar... Mas em plena capital do Brasil eu me via na impossibilidade de aprender o idioma da terra. Todos, todos respondiam-me em francês! No hotel como na embaixada, nos cafés e nos salões bastava eu chegar numa roda o francês tornava-se geral. Até a mais tímida virgem de seda azul respondia-me em francês à pergunta que lhe fazia em português ou espanhol, língua em que já naquela época me seria impossível morrer de fome. Se lhe implorava falasse português sorria cheia de vergonha. Co-

legial pegada em falta. – Em português! Notei mesmo que a muitas era mais familiar a minha língua que a do país. Ridículo.

Foi então que nasceu o tal desejo de que falei atrás. Desejo antipatriótico inconfessável. Invencível porém. Descobrir mulher brasileira inteligente elegante bela que ignorasse o francês. Amá-la-ia. Faria dela a minha amante brasileira. Nova recordação para esta memória barba-azul...

Quem sabe? Na alta sociedade paulistana “gente caipira” como desdenhavam entre superioridades de beicinhos estendidos as cariocas.

Era dezembro. Conhecera um moço paulista de fina educação. Convidara-me a passar uns tempos na fazenda do pai perto de Campinas. Arranjei quinze dias de liberdade. Parti.

Diferença tangível realmente. Havia uma expressão mais assentada, mais tradição na sociedade paulista. E a tal história do salteador: gente orgulhosa dum bandeirante onívoro que andara a matar tapuias e colher pedrinhas por ambição. Em todo caso notava-se uma solidez bem raçada naquela roda neblinosa e de pouca fala. Falta visível de... de audácia social. Isso: de audácia social. Mas essa solidez começava já a desequilibrar-se dissolvida pela onda vivaz e cantadeira dos novos-ricos estrangeiros gente benemérita para os progressos do país mas dum cômico irresistível. Infelizmente mulher que ignorasse o francês era também ali uma quimera. Se me fosse dado mover-me por mim era bem possível que descobrisse o “ideal” na burguesia menos endinheirada mas havia os cicerones obrigatórios, conhecidos novos que se honravam de me exhibir no salão da senhora tal ou da senhora tal. E o amigo a me rodear de delicadezas...

Na fazenda um patriarca magro lento queimado de sol, perguntador recebeu-me com bondade seca mas sincera. Em francês. Seriam dias de possível encanto... O mais amarelo dos sóis ronronando sobre os cafezais. Fogos flores frutas perfumes. Tudo bom abundante. Tudo pletórico. Mordí-me de desejos, sensualidades. De amor. Mas preso pela obsessão cada vez mais forte. Desejava. Mas desejava essa mulher. Pintava-a em alucinações. Como era linda! Boa! Como era minha! Andei inglês, maleducado, neurastênico. Imaginava-a berliosianamente orquestrada de mil belezas graça vigor – paisagem de cor viva onde espriar minhas ânsias impacientes. E essa América parecia-me mais difícil de achar que a do navegador. Essa mulher...

Despedi-me do amigo em São Paulo. Voltei. A lembrança de que iria encontrar em Petrópolis as mesmas francesinhas lindas e fáceis aterrou-me. Vagueei sozinho na capital, idiotizado pelo fogo. Perdi-me dentro da solidão.

E daquela casinha da rua corcunda de Santa Teresa saiu o vulto mais que branco. Passou por mim. Véu cerrado, sujo pelas manchas dos olhos. O grumete duma cansada ilusão clamou “Terra!” em mim. Parei. Seguia-a. No fim da segunda esquina tomou o bonde que chegava. Fui obrigado a correr para alcançá-lo. As manchas cinzentas do véu voltaram-se para mim. Fixaram-me. Acreditei que um sorriso bipartiu os lábios dela.

O bonde ia tristonho sem ninguém. Hora propícia. Sentara-me dois bancos atrás da presa. Dois ancos atrás, sem razão. Olhos escravizados àquele pescoço moreno. Oh a branca estridente crua das mulheres do meu país! Aquele pano de nuca multicolor desvendava-me uma enciclopédia de mistérios voluptuosos. Detestei a timidez tão rara em mim que me fizera sentar distanciado daquela nuca. Aproximar-me agora seria confessar o primeiro temor... Deixei-me ficar. Que corpo! Talvez nem fosse tão perfeito assim. Eu é que devia delirar.

Por duas vezes durante o trajeto pretextando acompanhar uma janela que passava ela se voltou. Saltou do bonde. Saltei. Entramos pela cidade. Caminhava rápida ondulantemente. Ao entrar na porta dum sobrado apoiou-se à placa do dentista. Olhou para trás. Entendi. Corredor escuro logo quebrado por uma escada já côncava nos degraus. Casa antiga. Dr.

Rodrigues Filho. Gabinete Dentário. Segundo andar. Encostei-me à porta disposto a esperar. A falar-lhe. Andei. Cheguei até a porta, olhando a rua. Voltava-me num pressentimento, era ela! Gente que saía. Gente que entrava. Quanto tempo?

Agora ela descia. Calçava as luvas muito ocupada parando nos degraus tão lenta! Verdadeiramente imperial o seu descer. Eu estava tão perturbado tão obcecado que lhe dirigi esta frase incrível num começo de galanteio:

— Parlez-vous français?¹

Afinal nada indicara nela uma brasileira. Podia ser argentina, turca. E principalmente uma brasileira que desconhecesse o francês...

Parou. Dirigiu para mim os olhos do véu. Admirada. Depois sorriu. Murmurou quase trêmula:

— Não.

Aquele “não” tão desusado tão novo para mim! Entrevira-o já tantas vezes em conversas esvoaçantes a meu lado nas ruas. Repetira-o muito, aplicadamente com o professor.

— Não é naom. É não. Duma vez.

Eu repetia. O outro não se satisfazia. O luzir de olhos denunciava-lhe o desdém satisfeito.

Mas agora naqueles lábios importava em outra beleza nunca imaginada. Era um “não” consentimento. Afirmativa. Amei o “não”. Amei aquele tremor. E que maravilhosa voz a dela! Contralto pensativo, cálido. Crepúsculos de fazenda. Não sabia que pensar, como agir. Todo o meu traquejo no trabalhar as amantes se perdera. Fui infantil, palavra. Quis continuar a conversa e suspirei:

— Merci.

Foi dela esta frase vaga com certa ironia:

— Parece-me que o senhor não gosta de franceses...

— Je suis français! respondi-lhe com patriotismo. Pus-me a dizer-lhe muitas coisas atabalhoadamente. Temia que partisse. Quis desculpar o ridículo da primeira pergunta. Ela olhava para mim admirada. Indecisa. Sorria. Atalhou mansamente:

— Não posso compreendê-lo, senhor.

Na minha pressa eu falava em francês. Com mais calma traduzi malemal o que dissera para o espanhol bordando a fala com fáceis frases brasileiras. Ela adivinhou até o que eu não contava. Confessou sem irritação mas certa:

— Pois consegui o que desejava. Sou bem brasileira e não falo o francês.

1 N. E. - As traduções do francês encontram-se ao final deste conto. Clique na expressão para acessá-las.

Andou para a porta. Toquei-lhe no braço.

— Não fuja assim! Dê-me tempo ao menos de...

Voltou-se outra vez. Tinha na voz uma espécie de acidez que lhe ia mal. Talvez uma desilusão. Fustigou-me:

— Mas eu creio que deve estar satisfeito: descobriu-me! Ou quer ainda mandar a minha fotografia aos jornais da sua terra?

Neguei fingindo calma a sorrir. Disse que a queria para mim.

— E o senhor crê que basta um francês querer para as brasileiras obedecerem?

Estava perdido se não me fizesse animal. Ou *clown*. Ela era ágil na inteligência. Precisava diverti-la. O palhaço era melhor que o animal. Se me pusesse a responder-lhe certamente as lutas de espírito poriam ainda maior distância entre nós. E franqueza: não estava certo de vencer. Não atentei à ironia dura. Fiz-me bastante animal e muito *clown*, isto é, fui homem. Aproximei-me dela quase mau. Falei-lhe de amor. Creio que fui engraçado. Pus vitória na voz. Soube tocar-lhe as fibras pois me escutou.

Distinguia-lhe agora mais intimamente o rosto. Boca franca de lábios gordos com muito de infantil. As narinas vibravam translúcidas de vidro. E os olhos pesados fluíam-lhe em olhares de tal forma consistentes, olhares materiais que eu gozava a impressão sensível deles baterem em mim. Alastravam-se como líquido grosso por minha pele causando-me sensações de beijo que escaldasse. Era bela!

Quando num ímpeto de maior desejo aproximei-me tanto que os nossos corpos se tocaram pesou a mão abandonada no meu peito.

— Vem gente!

Vinha. Agarrei-lhe o braço. Estávamos próximo da Avenida. Fugimos dela no automóvel. E em breve as praias se lançaram aos nossos pés. Ela me contava que tinha um companheiro. Viviam inexistentes no retiro de Santa Teresa. Ele partira há dois dias, negócios de família em Pernambuco. Aconselhei-a muito sério a enganar o amante comigo. Voltou-se divertida. Apalpou-me com a intensidade pegajosa dos olhos. Sorria. Sorria muito. Às vezes sem razão, por sorrir.

— Não é de todo impossível. E sabe por quê?

— Por quê?

— Usa nas suas conquistas...

— Conquistas!

— Mentiroso!... a princípio uma ingenuidade de pequena criança que tem necessidade de proteção. Isso diverte. Vence qualquer coisa do amor maternal que nós temos todas. Depois...

— Depois?

— Depois aplica esse pequeno ar de... de blague, não é assim que se diz na sua língua? de blague apaixonada e canalha. Isso atrai. Dá raiva. Dá vontade de...

Mordeu os beiços confusa.

A rapidez inesperada verdadeira desse ardor!... Beijei-lhe a roupa no ombro.

— Não faça assim!

E que acento ridículo tomava aquela palavra estrangeira no meio desse falar elástico viril contraditório suavíssimo! Envergonhei-me do meu idioma policiado e nasal. É verdade também que ela gaguejara horrivelmente a palavra. Fora preciso adicionar todos os tremas do universo ao i com que terminara blague para exprimir a ignorância aguda com que a pronunciara.

A tarde ia velha já. Primeiras luzes longe. Niterói. Nós unidos na noite da capota levantada. Momento de confiança. Dois amantes já se contaram todas as ânsias esperanças sentimentos, deram-se todas as explicações. O que precisam saber sabem. Não têm mais nada que dizer. Há como que uma sem vontade do momento de gozo. Uma preguiça. Ora! está-se tão bem assim sem gozar, gozando o sem-gozar... Certeza. Segurança. Os transeuntes ficam atrás. Naturalmente olham ainda para nós...

— Querida!

— É só capricho... Passa.

— Não passa! Juro que não passa.

Longo olhar. Dois sorrisos. Não há mais possibilidade de nos aproximarmos um do outro. Aproximamo-nos um do outro. Reflexão perdida de quando em quando para nos certificarmos de que a felicidade existe realmente. E de novo a familiaridade do silêncio. Descalcei-lhe a luva. Torpor desmotivado. Beijei-lhe lento muitas vezes a mão. Ela olhava de olhos abertos pestanejantes fixo para a frente.

— Como te chamas?

— Iolanda.

— Iolanda?

Tirara o véu. De tempo em tempo virava-se para mim. Percorria-me o rosto na penumbra. Mordia os lábios sofrendo o ímpeto dos beijos impacientes. Sorria. De repente machucava os seios oprimindo contra eles minha mão. Suspiro. Sorria. Felicidade!

— Iolanda!

No silêncio da praia longe escutamos a queda brusca da noite.

Como, num orgulho sem razão, não quisesse violar o ninho de Santa Teresa, depois do jantar leve e caminhada a pé refugiamo-nos num hotel fronteiro ao mar.

Queimados de volúpia nos enlaçamos.

E eu aprendi o amor!

Não dizíamos nada mesmo em nossos cansaços. A linguagem da carne, muda e ardi-da. Não, a conversa das almas, das consciências e da carne. Comunhão!

Vi disseminadas simultaneamente na lembrança não-sei-quantas bocas de mulheres beijadas. Fora aquilo o amor! Tempo perdido! Tão diferentes dessa que delirava a meu lado sem refinamentos tumultuosa exótica selvagem brasileira! Eu não pensava, não refletia mas como em geniais invenções, nos meus delírios pausas delírios desesperos apaixonados afuzilava-me no cérebro uma via-láctea de ideias juízos que não pensava não refletia mas sentidos inteiros repentinamente no fundo de mim: as sábias carícias das mulheres francesas... Desgosto. A espanhola que só tivera na verdade o salero de não saber fandango... Nina... Virgens, viúvas... Mulheres-da-vida... Sábias carícias. Raças decadentes sem vitalidade, pobres da volúpia dos mundos vertiginosos... Sem sangue e sem fogo... Raças decadentes... Sem raiva de amor... Erudição...

E o contraste da noite brasileira!

Iolanda não bebera uma gota de álcool ao jantar. Pedira-me que não bebesse. Era, confessou num incêndio rápido de pele, para que conservássemos mais clara a consciência de amar.

Seus brinquedos agora tinham ignorâncias infantis. Fazia rir. Por certo nunca amara.

Comprazia-me em lhe revelar prazeres de alta-escola. Ela abria risadinhas miúdas de surpresa. Curiosa. Muito curiosa. Parecia temer que nos viessem pegar. Ou que a noite morresse logo. Era rápida. Repetia as minhas lições. Achava graça naquilo. Depois tudo ficava preto na escuridão. Ela parava. Emudecia. Apenas respirava cada vez mais alto. Ofego em rapidez crescente. Grunhido. Um quebrar de comportas. E Iolanda arrebetava como uma onda sobre mim. Tomava posse do meu corpo. Vencia-me. Como uma selvagem cansara-se das sabedorias pequeninas e crescia transbordava e se multiplicava! Fiz luz. Guardou os olhos nas costas das mãos num

— Já!

sorrindo. E seu corpo vergou-se como um galho.

Não era o já. Curiosidade apenas. Ciúmes da escuridão.

— Água!

E não fez gesto para bebê-la. Obrigou-me a servir de bom samaritano. Ergui-lhe a cabeça desprendida. Cheguei-lhe o copo aos lábios. Bebeu como quem não quer. O copo todo. E virou-se no leito fingindo dormir.

Interrompi a luz. Vi duas horas no relógio-pulseira ao criadomudo.

E o amor recomeçou. Amplo sadio florestal.

Pouco a pouco amiudaram-se os cansaços. Ela morria longos minutos amassando-me o braço com o corpo. Escutei-lhe o sussurro das pálpebras batendo na treva como mariposas. Suspirou. Acertou melhor o corpo úmido sobre o linho. O perfume dela entorpecia. Sumarenta!

Compreendi-lhe a perfeita comunhão com a terra natal. Uma terra hercúlea bruta como a do Brasil devia produzir na pletora flores assim de tão delirante sabor. Havia as outras, não há dúvida, manacás de mato ou rosas belíssimas e comuns. Mas esta era a orquídea rara. A terra não se empobreceria em quotidianamente produzir muitas assim. Teve de concentrar-se, guardar o mais violento da seiva, a essência dos estranhos caracteres pessoais para um dia bufando em ardências vermelhas gerar a flor imperatriz.

E no labirinto carioca eu a fora descobrir num esquecimento de bairro... Fremiam meus dedos apalpando a abelha-mestra possante. Sentia-me sublimar nesse voo nupcial. Positivamente eu estava a delirar. Tantas imagens! Saltei do leito. Escancarei as portas da sacada. E a noite como uma onça lenta de pelos elétricos farejou o aposento. Seus olhos abertos vieram grudar-se nos quadriláteros negros. Deitou para dentro do quarto um hálito aderente salino que foi pousar no corpo de lolanda. Ela deixou-se farejar. Fez mais: veio entregar-se à noite na sacada. Molhei-a de beijos duplicados. Com o mento a pesar nos pulsos, cotovelos fixos ao parapeito ela fechou os olhos indiferente muda num langor. Os ventos crespos do alto-mar.

Era quase aurora. Tomei lolanda nos braços para mim. Levei-a ao leito. Uma última carícia de confiança. E o sono de dois irmãos.

A sede me acordou bastante tarde. Acordei lolanda enfurecido de amor.

Depois a conversa alegre camarada. Percebi-lhe inquietação. Telefonou. Dava-me beijos como em adeus. Às treze horas abandonamos o hotel. Propus-lhe que andássemos um pouco pela praia. Obedeceu recusando na frase sob pretexto do muito sol.

Um desses dias loucos de verão carioca. Difícil de romper o espaço vidrado. As lâminas de ar vinham quebrar-se contra mim em ruídos trêmulos desferindo refrações acutilantes de luz. A baleia verde do oceano soprava um gemido continuo encahada na areia cré das praias.

Avançava lolanda com liberdade, filha da terra e do sol, reconhecida e aceita. Eu a seguia um pouco atrás atrapalhado com a matilha de luzes e calores açulada contra o estrangeiro. Repetia-me o pretexto do calor. Queria deixar-me. Dolorida. Sorria grata e humilde. E se esquecia a meu lado, andando sempre, sem coragem de deixar-me. Decidiu-se. Precisava consertar o álibi com a amiga:

— Se ele viesse a saber!... dizia desolada mas sem medo. Ia rápida lépida dentro do sol.

— Eu preciso de ir, meu Deus! Isto não é uma separação... Ver-nos-emos ainda, não é?

Encostei-me nela, consciente e dono. O apito dum vapor, soturno chato esparramou-se pelos entre-seios dos morros. Estava perfeitamente certo de mim. Deixou que lhe amarfanhasse a manga e a carne, escravizada. Então propus-lhe ficar minha.

Teve um deslumbramento. Bater de pálpebras rápido. Olhou o chão. A angústia desmanchou-lhe o rosto. A boca tremeu, boca de quem vai chorar. E comovida, muito baixo:

— É sério!

Repreendia-a:

— lolanda!

— Perdão mas... Eu não sei! Mas mudar de novo... Tantas voltas!... Nunca oh nunca eu amei ninguém!... Consolei-me. Eu vivo muito calma com ele. Eu te amo! Isto eu sei! Eu sei que contigo sou outra mas eu tenho medo... e depois?... Não! Eu vou contigo!

Sorria convulsa perdida escondendo duas lágrimas. Comoção de mulher jamais eu tivera assim. Emudecemos. E sempre andando. Sem rumo. Como o amor.

— Ela é mais alta que ele.

Duas mulatinhas com as chinelas castanholando no chão. lolanda voltou o rosto com violência comparando os nossos ombros.

— Não sou!

Defensivamente derreara o ombro procurando descê-lo à altura do meu. Estava confusa protegendo da realidade a estesia do nosso amor. Aliás a diferença era pequena. Sorri:

— É verdade, lolanda.

— Não sou! Veja bem. É por causa do salto!

— Mas que tem, tolinha! Deixaria de te amar por causa disso?

O automóvel relou em nós o voo aberto. Gesto de cor viva. Palavras? O carro foi parar arrastando-se vinte passos adiante. Uma mulher saltou dele, veio ao nosso encontro. lolanda correu para ela. Abraços. Frases de longa separação em polifonia. E respondiam-se em francês! No mais independente dos franceses! Mesmo **argot!**

O sol bateu-me na cabeça. Fiquei paralisado. Só quando lolanda pretendeu apresentar-me a amiga desembarcei-me da estátua. Fui grosseiro.

— Alors...

Ficou sem sangue. A amargura vive a sorrir. lolanda sorriu. Ficou séria de repente e muito tímida:

— Je suis marseillaise...

Encarou-me franca ofertando-se. Linda, linda no alvoroço do sangue, toda vive-la-France! chamejante de ardências grande maravilhosa... marselhesa.

Tive frio. Essa espécie de nojo que o despeito dá. Quase que uma consciência revoltada de incesto. Sibilei aludindo aos paroxismos da noite:

— J'en étais sur! Il ne pourrait être autrement...

Mesmo a maldade irritada aconselhou-me a disfarçar. Casquei o trocadilho:

— Pourtant cette marseillaise pourrait bien se changer en marche funèbre...

Choravam para mim seus olhos redondos e parados. Cruelmente ferida. Tive prazer. Encontrou unicamente o meu nome para desculpar-se:

— Louis!

A outra protegeu-a com arremesso:

— Tu viens?

— Non.

O automóvel partiu.

Falava convulsiva enérgica. Defendia de mim o nosso amor nascente. Implorava ordenava num riso desapontado discutindo sozinha contra mim. Achava as frases que convencem. Tinha razão. E voltava a se desculpar de ser marselhesa. Exteriormente até lhe achei graça. Que importava isso de ter nascido grega ou finlandesa? O amor desconhece raças. Exige certas virtudes. Iolanda as tinha. Era sincera. Isso bastava. Era ardente. Sabia amar. Oh! esse "sabia" a bater como araponga nos meus juízos amontoados... Sabia amar! Sabia defender-se! Sabia o francês! Sabia tudo!... E a revolta em mim. Vontade de insultar bater. Mas conservava-me discreto, cidadão, bem-educado. Não podia falar. Não podia nada. Evidentemente Iolanda tinha razão. E era sincera... sabia amar... sabia amar... Sabia!

Meus braços muito longos, inertes equilibravam o ritmo do corpo a caminhar. Passou por nós o automóvel 8025... Deve ser dos últimos... Que horas serão... Observei o movimento dos meus braços. Os dela também. Mecânicos como os das inglesas. Como os das marselhesas. Para frente, para trás, para frente... sabia amar... Desilusão.

Separamo-nos.

Ainda a tive minha. Certas reflexões levaram-me quatro passeios até lá. Mas os espaços cresceram entre essas insistências.

Iolanda sempre a mesma extraordinária. Suas carícias explodem cada vez mais espontâneas. Irritantemente espontâneas. Sinceras. Preferiria que fossem calculadas. Teria assim um pretexto para abandoná-la. Não encontro pretexto. E esse pernambucano que não vem!...

Agora creio que não voltarei mais. É impossível. Perdi o entusiasmo daquela noite... brasileira. Iolanda não é mais para mim a projeção das minhas vontades.

Não volto mais. Se o acaso ainda nos puser um diante do outro eu lhe direi tudo isso muito firme. Docemente.

Chorará.

[de "Primeiro Andar", *Obra imatura*, 1921]

Glossário

Fox-trot [foxtrot]: é uma dança de salão caracterizada por movimentos longos e contínuos, cuja direção segue o sentido anti-horário, em andamento suave e progressivo.

Estirpe: linhagem classe social.

Tapuias: indígenas que não falavam línguas do tronco tupi; no caso parece indicar indígena subjugado ao branco, tendo perdido alguns traços de sua própria civilização.

Pletórico: que se encontra em estado exuberante; estuante.

Neurastênico: aquele que se enraivece com facilidade.

Francelha: que tem gosto exagerado pelas coisas francesas, ou que abusa de galicismos na linguagem; francesista, franchinote.

Grumete: graduação mais inferior das praças da Armada; aprendiz de marinheiro.

Contralto: o canto, a voz feminina mais grave, que tem o registro entre o do tenor e o do meio-soprano.

Clow: palhaço.

Blague: piada, pilhéria, graça

Mesmo argot: o mesmo jargão

Traduções

Parlez-vous français? Você fala francês?

Merci: Obrigado

Je suis français: Eu sou francês

Allors: Então

Je suis marseillaise: Eu sou marselesa

J'en étais sur! Il ne pourrait être autrement: Eu sabia! Não poderia ser de outra forma!

Pourtant cette marseillaise pourrait bien se changer en marche funèbre: No entanto esta marselesa pode muito bem se transformar em uma marcha fúnebre. - O narrador faz um trocadilho com o hino nacional francês.

Tu viens? Você vem?

NARRADOR OBSERVADOR

O narrador observador representa o ponto de vista de quem está fora da história contada. Por isso, usa-se a narração em terceira pessoa. Ele pode apenas contar aquilo que observa objetivamente, ou se envolver um pouco, entrando pela cabeça das personagens, revelando aspectos que estão fora da cena, embora as complemente. Esse narrador pode contar o que ouviu de terceiros, pode imaginar tudo o que conta. Como são os narradores desta seção?

ATRÁS DA CATEDRAL DE RUÃO

Às vezes, até mesmo com pessoas presentes, lhe acontecia aquela sensação “afrosa”, como diriam as meninas, na meia-língua franco-brasileira que se davam agora por divertimento. E as duas garotas pararam a leitura, percebendo a quarentona estremecer. Se entreolharam. Alba perguntou, meia curiosa mas também já meia irônica por causa das manias da professora:

- Est-ce que vous avez froid par cette chaleur?!

- Non, ma chère enfant, je...

Hesitava, iniciando uma daquelas reticências que punham sempre as três tão fogosamente na proximidade do perigo. Lúcia ajudou, tomando ar maternal:

- Voulez-vous quelque chose?

- Non! non! non!... je... il faut bien que je vous fasse une confidence, mes petites amies, ah! ah! ah!...

E ria numa das suas risadas atuais, completamente falsas, corando com volúpia nas faces pálidas, sem rouge, a que a camada vasta do pó-de-arroz não disfarçava mais o desgaste. Era o jeito que tinha de não dar nenhuma importância ao que as três pressentiam ser importantíssimo. Afinal pôde continuar, entre confusa e misteriosa, dando de ombros:

- Il y a des jours où je sens à tout moment qu’un... “personnage” me frôle!

E acentuava o “personnage”, que repetia sempre num nojo despeitado. Mas Lúcia:

- Ça vous fait mal!

- “Mâle”, ma chère enfant, “mâ-le”. N'égratignez pas vos mots comme ça. “Mâ-le”.

Mas logo um gritinho de surpresa:

- Oh! je vous demande pardon, Lúcia! Je me suis trompée de lisière! Vous avez parlé du Bien et du Mal, j'ai pensé que vous parliez du maléfice des hommes, ah! ah! ah!...

E ria bem-aventurada.

Dona Lúcia se acaso soubesse o que estava se passando agora, decerto não retomava Mademoiselle para professora das filhas. Fora mais longe: na caridade viciosa a que transportara a sua pobre vida cortada, fizera da solteirona uma espécie de dama-de-companhia das filhas. Lúcia e Alba estavam quase moças, dezesseis e quinze anos desenvoltos, que a viagem desbastara demais, jogadas de criada em criada, de colégio em colégio, de língua em língua, de esporte em esporte. Seria injusto afirmar que sabiam tudo e mesmo ignoravam coisas primárias, fáceis de saber, mas que nunca as surpreenderam naquele aprendizado da malícia, feito ao léu do acaso. Mas isso elas compensavam por um saber em excesso de coisas imaginosas e irrealizáveis, que ficaríamos bem estomagados de saber, nós, usadores do mundo.

1 N. E. - As traduções do francês encontram-se ao final deste conto. Clique na expressão para acessá-las.

Além do inglês e do alemão em que Mademoiselle nem de longe podia agora competir com elas, voltavam falando um francês bem mais moderno e leal que o da professora, estagnada no ensino e nas suas metáforas suspeitas. “N’égrotiguez pas les mots comme ça!”, Mademoiselle vinha com irritação, ciosa da sua pronúncia. Ou, no horror incontrolável aos cotovelos, saltava: “Effacez vos coudes, mon enfant!” E agora mais que nunca ela “se trompait de lisière” – o que tinha uma história. Não vê que desde a infância Mademoiselle cantava uma canção antiga em que Lisette, indo em busca da primeira “paquerette” da primavera, topa com um cavaleiro na lisière du bois. Está claro que o cavaleiro tomava Lisette na garupa e sucedia ser um príncipe trali-lan- lère, trali-lan-la. Mademoiselle já tinha trinta anos feitos no Brasil, quando naquela vida mesquinha de lições e pão incerto, principiou se inquietando com a “paquerette” que ela estava desleixando de colher na primavera. Preocupação não muito grande, porque ela ainda se sentia moça na higiene excessiva do corpo e a blusinha professoral, alvíssima, cheia de rendas crespas. Um dia porém, sem querer, cantarolando a sua canção, no momento em que alcançou a lisière, Lisette parou sufocada, sem poder mais cantar. O que houve? o que não houve? Mademoiselle ficara assim, boca no ar, olhos assombrados, na convulsão duma angústia horrível. Nem podia respirar. Quando pôde respirou fundo, era mais um suspiro que respiro, e não se compreendeu. Naquele tempo ainda não podia “se sentir muito freudiana, hoje”, como as meninas vieram da Europa falando. Mademoiselle apenas não se compreendeu. Porém nunca mais que se lembrou da canção, nunca mais que a cantou. Poucos dias depois ela principiava a “se tromper de lisière” a cada confusão que fazia. E eram muitas as confusões.

Das melhores fora aquela quando se encontraram todas em Paris, porque Mademoiselle, cheia de apreensões, emprestara um dinheiro e partira na esperança de dizer o último adeus à mãe cardíaca. Mademoiselle chegou agitadaíssima no palace, foi sentando esbaforida, “oh, mes enfants!”, esquecida até das alegrias do encontro. É que estava no hol do seu hotelzinho quando entrou um homem de cartola, cavanhaque, fraque, óculos escuros, o cavanhaque era pointu, pointu! Je me suis dit: Ce personnage vient tuer quelq’un. Il monta au salon, pas une minute ne s’était passée, nous entendimes les cinq coups du pistolet. Dans le ventre! E se auxiliou desvairada do gesto homicida: “Poum! poum! poum! et poum!...” Olhou dona Lúcia, olhou as meninas, assustada, indecisa. E numa das reconsiderações leais, de quando se enganava de lisière: J’ai manqué un poum: ça fait cinq.

Dona Lúcia achava graça em Mademoiselle. Quer dizer, talvez nem achasse graça mais, toda entregue altivamente ao seu drama e à representação discreta da infelicidade. As crianças ainda tinham ido com pai à Europa, um pai longínquo, surgindo raro na família e quase sem as enxergar. O dia em que partiram de Paris para os seis meses na Escócia, dona Lúcia lhes contou que o pai fora viajar também, noutra direção. Depois acrescentara pensativa que ele tinha muito negócio, a viagem decerto era comprida... E acabou decidindo que as filhas não deviam reparar na ausência do pai. Só por isso é que elas repararam. Mas tinham apenas dez anos de vida reclusa em São Paulo, nem sequer estimavam o pai: acharam meio esquisito e veio um malestar. Apenas se sentiram mais sozinhas e lhes passou no espírito uma nuvem interrogativa, um floco. Não decidiram nada, mas cinco anos de viagens, colégios, camelos, freiras, Dinamarcas e Palestinas, quando voltaram não supunham mais um pai. Dona Lúcia é que resolvera ficar eternamente infeliz e ficou.

Mademoiselle fora das primeiras pessoas que visitaram as recém-chegadas. Tivera um surto inadequado de lágrimas que até divertira as meninas. Se abraçara muito com elas, soluçando “mes PAUVRES enfants!”, com que ênfase no “pauvres”! Dona Lúcia até não conseguiu guardar o gesto de impaciência, e a professora envelhecida ficara muito reta na cadeira, envergonhada do arroubo anacrônico, aproveitando o esforço das outras visitas no reerguer da conversa, pra consertar a polvadeira lívida do rosto que as lágrimas listravam.

Estava mais destratinada agora, isso via-se, as lições cada vez menos numerosas. Dona Lúcia voltava de alma fatigada, maternidade incorreta que aquele vaivém de colégios e hotéis transformara quase num dever. Adorava as filhas, mas era o êxtase inerte das adorações nacionais. Preferia se meter nas obras de caridade que a emolduravam de beatas de preto, muito deferentes com a riqueza. As meninas estavam mocinhas, carecendo mesmo de alguém, quase uma preceptora que as acompanhasse em festas, visitas, lhes tomasse conta da educação. E assim ajudavam Mademoiselle, coitada.

E Mademoiselle, sempre na sua blusa alvíssima de rendinhas crespas, caíra naquele mundo mágico de anseios que era o das duas adolescentes, como conversaram! Como viajaram e viveram experiências desejadas, aqueles primeiros dias! Mademoiselle soltava *petits cris* excitadíssima, pedindo mais detalhes, detalhes, *ces norvégiens!* e esses catalães, e os árabes, *les touaregs!*...

- Mais nous n'avons pas vu les touaregs, Mademoiselle..

E ela, ar de mistério, sacudindo o dedo profético no ar:

- Heureusement pour vous, mes enfants!

Assim nascera em poucos dias um entrejogo de reticências e curiosidades malignas que agora devastavam a professora. Tudo não passava duma ceva divertida de quase imoralidade para as meninas. Um fraseio sem pontos finais, farto de “vous comprenez”, de “vous savez”, de “n'est-ce pas?”, em que era sempre Mademoiselle a imaginar imoralidades horrosas, esbaforida de sustos.

Na viagem do Mediterrâneo:

- Mme. de Lavellais avait un petit mousse qui venait tous les jours dans sa cabine pour frotter son parquet. Alors... il fallait voir ça, Mademoiselle! ce qu'il frrotait consciemment!

- Ah, ah, ah, ela vinha com o seu riso de disfarce: *p'tite rabelaisienne*, taisez- vous...

As meninas inventavam palavras para se conversar diante dos outros. Eram como onomatopeias pressentidas, sem nenhum sentido nítido, próprias daquele mundo vago em que viviam.

- Vous savez... Nous avons entendu aujourd'hui une conversation entre une femme et son mari...

- Oh, mes enfants, **interrompia**: vous avez une curiosité très malade! Je sais parfaitement quelles sont les conversations entre une femme et son mari, voyons! C'est quelque chose de honteux.

- Je voudrais bien savoir ce que c'est “tarlataner”. Ils parlaient tout le temps de “tarlataner”, de “haut tarlatanage”...

- Alba!... Ne prononcez jamais ce verbe intransitif! C'est très vulgaire.

Vivia resfriada na exigência das blusas brancas. Chegava afrosa, nariz vermelho, pingando. Lúcia lhe propunha logo um chá, mas com bastante rum pour avoir des rêves.

- Je ne veux pas de rêves! ela rufava as rendas, gritandinho, je ne veux pas de rêves! Les chats me suffisent!

E presentira uma vergonha que a inundava de remorsos felizes. Pra que contara o seu olhar na janela enfrestada do quarto, o ouvido, a cara toda enfim na umidade de setembro, aprendendo o esperanto fácil dos gatos da noite? J'attrape mes rhumes à cause de ces chats... E se resfriava inda mais, devorando homeopantias. Nos seus quarenta e três anos de idade, Mademoiselle estava tomada por um vendaval de mal de sexo. Não se compreendia, nunca tivera aquilo em sua virgindade tão passiva sempre. Amara sim, duas vezes, mas nunca desejara. Agora, as meninas tinham chegado, era o vendaval, tão estalantes de experiências próximas, que puseram tuaregues no corpo de Mademoiselle. E Mademoiselle estava... só um verbo irracional dirá no que Mademoiselle estava: Mademoiselle estava no cio.

O vendaval. Ela sentia masculinos, "ces personnages" que a frolavam no escuso do quarto, na fala das meninas, na desvirginação escandalosa das ruas. Agora Mademoiselle anda de a-pé e procura no jornal onde é o lugar de encontro das multidões. Mas não vai lá, tem medo. Não é feliz, mas também não pode-se dizer que ficasse infeliz, Mademoiselle estava gostosa. E nessa paciência compensadora dos tímidos, ela ia saborear todos os dias nas conversas com as meninas um naco elástico dos gozos que em pouco elas irão viver. Quase sempre era assim mesmo: era ela a concluir em malícia as frases inventadas pelas alunas, que por certo ficariam muito atrapalhadas se a quarentona as deixasse continuar o que inventavam até um fim inexistente e sequer presentido.

- Un après-midi nous avons vu un homme avec une barbe, vous comprenez... derrière la cathédrale de Rouen... Alors, vous comprenez..._____

- Ma chère enfant, j'estime que vous allez trop loin. Je vous défends de continuer! E decisória, pxx: Ce qui se passait derrière la cathédrale de Rouen, voyons! se passe derrière toutes les cathédrales!

Mas não só ela concluía assim as investigações das meninas. Era ela mesma a propor os assuntos mais salgados. E quando os propunha, chegando o instante da verdade, sem coragem pra continuar, ela exclamava o "quelle sottise" e retenciava mais claro que tudo:

- Et alors... c'était comme derrière la cathédrale de Rouen.

A catedral contava tudo. E era deliciosamente punidor o tudo que contava a catedral. Mademoiselle arranjava as rendinhas, agitada. Alba esperando, se entregara ao cacoete favorito, aquela mania desagradável de dobrar o pulso, forcejando pra tocar o antebraço com o polegar. Mademoiselle volta à vida, com a irritação:

- Alba, pourquoi faites-vous ça...

E a menina, entre envergonhada e atacante:

- Excusez-moi, Mademoiselle... c'est de la cochonnerie.

- Cochonnerie!

Aquilo a espantava enfim. As meninas andavam empregando "cochonnerie" sem o menor propósito. Alba trocou o olhar preventivo com a mana, mas contendo o riso, se escondeu numa inocência espantada, afirmando que a professora mesmo é que dissera serem "cochonneries" as coisas inúteis.

- Moi, mon enfant!

- V'oui! le jour que les ouvriers se donnaient la main!

O caso é que três dias antes elas liam no jardim aproveitando o solzinho raro daquele setembro chuvoso e passara na rua um casal de operários se dando a mão. Decerto o rapaz estava querendo dizer coisas bem íntimas, porque a moça procurava se desprender, ambos forcejavam e riam numas gargalhadas que enfeitaram toda a rua. Mademoiselle saiu da leitura e se perdeu, seguindo os namorados com os olhos e a vida. As meninas também tiveram a atenção chamada pelos risos, mas percebendo o que era, apenas dois namorados, quiseram voltar à leitura geográfica lhes contando coisas mais novidadeiras. Mas o perdimento de Mademoiselle despertou a vontade de maliciar. Alba disse:

- Qu'est-ce qu'ils font?

Mademoiselle corou vivo e trouxe os olhos para as duas. Mas assim pegada em pecado não lhes aguentou o olhar agudo, já rindo muito. Quis disfarçar, arranjando a rendinha, e murmurou o mais inocente que pôde fingir, uma resposta que considerou perfeita:

- Ils se donnent la main. Mas Lúcia no sufragante:

- Pour quoi faire!

Mademoiselle fitou indignada a menina. Chegou a estremecer na visão. Pois elas bem não tinham visto o que se passara atrás da catedral de Ruão! Deu um daqueles muxoxos, meio nojo, meio desnorreamento, que lhe mereciam todas as cochonarias dessa vida:

- ... pour quoi faire... pxx!...

Alba e Lúcia a examinavam deliciadas. Mademoiselle fazia força pra se acalmar, pour quoi faire... Ela bem sabia que não se deve deixar perguntas de criancinhas sem resposta. Era melhor fingir desinteresse por aqueles dois "personnages gluants", se dando a mão com tanta imoralidade. E voltou ao livro enquanto ainda sussurrava só consigo, aturdida, "pour quoi faire"...

A leitura continuou, e as meninas se engolfaram nela, num átimo esquecidas do incidente que não rendera bastante. Mas Mademoiselle eis que fechava o seu livro de supetão e o põe com ruído na mesinha. A olharam numa surpresa que logo se transformou em assombro quando viram a cara da mestra. Naquela calma veludosa de paz Mademoiselle estava completamente transtornada, olho em desvario pulando de Lúcia pra Alba, de Alba pra Lúcia, boca entreaberta num esgar, as rugas fantasistamente se mexendo.

- Laissez votre livre de coté, mes enfants! Lá, sur le banc!

As meninas obedeceram maquinalmente, sem vontade nenhuma de rir, preocupadas. Mademoiselle ordenou:

- Donnez-vous la main! Non! pas comme ça, pxx! n'éparpillez pas vos doigts! Oui! c'est très bien!

As meninas não ligaram logo o caso, estavam mas assombradas. Passou um tempo. Mademoiselle afinal exclamava, cheia da vitória:

- Et bien!?!...

Não sabiam o que se passava, já meio hirtas agora, garantidas que se se olhassem não aguentavam, caíam na gargalhada.

- Et bien! Mademoiselle as incitava no triunfo: Avez-vous bien réfléchi?

- Je ne sais...

- Taisez-vous! Dites! Vous voilà la main dans la main, tout à fait comme (mastigava sílaba por sílaba, no desprezo colérico) comme ces deux personnages qui se promenaient tout à l'heure, dites! Qu' est-ce que vous sentez, dites!

- Mais...

- Taisez-vous!

Alba, menos capaz, acabou com aquela bobagem:

- Moi, je ne sens rien.

- Et vous, Lúcia! dites! Vous êtes plus agée que votre soeur, vous devez sentir quelque chose! triufante, triufante.

Mas Lúcia, um bocado irritada, se desprende da irmã, dando de ombros. Irritada apenas? Lhe seria impossível se compreender naquela desilusão apreensiva, que a deixava numa vaga esperança de chorar. Mademoiselle estava soberba, muito esguiazinha, magistral. Revelou, se sentindo absolutamente dominadora:

- Voilà. On ne sent rien, vous savez! Il y a des gens ignorants qui font ces cochonneries inutiles, mais on ne sent rien, mes enfants, on ne sent absolument rien. Retournons à notre géographie.

De-noite, quando se arranjavam pra deitar, entrava o ar pesado, oleaginoso, de rosas. Alba se olhou muito no espelho, sentada. Estava velha, com medo. Suspirou fundo e de repente se enforcou com ambas as mãos. Veio descendo com elas pelo corpo, pelos seios nascentes, como naquela página do Médecin malgré lui em que Mademoiselle escrevera em vermelho "page condamnée" pra que as alunas não lessem. Lúcia, escutando o suspiro, chegou-se pra irmã. Alba recusou vivo o contato, mas lhe veio a frase diária, pra se desculpar da grosseria:

- Me sinto freudiana, hoje... Acho que vou sonhar tarlatanagens.

Lúcia censurou:

- Olhe, Alba, você carece acabar com essas histórias... Você anda muito complexenta demais.

Mas perdoou logo. Deu um piparote nos cabelos pesados da mana:

- Cochonneries inúteis.

Caíram na risada as duas. E tanto as cochonneries como as cochonerias tarlantanaram daí em diante no arrulho dúbio delas.

Mademoiselle ficara tonta com a referência de Alba ao casal de operários. Recordou imediatamente a cena de que se saíra com tanto brilhantismo, imaginava. Pois Alba compreendera que o que faziam os dois namorados eram “cochonneries inúteis”! Estava desnortada porque *les cochonneries ne sont pas inúteis, évidemment!* reconhecia no íntimo, imaginando como sair da enrascada. Enxugou lerdo o nariz. Desistiu. Confessou devagar, pesando as palavras, conciliatória:

- *Ma chère enfant... il ne faut pas dire des choses inúteis que ce sont des cochonneries, par exemple!... Les cochonneries sont... des cochonneries!* E exaltada de repente, se sacudindo toda: *S’embrasser sur la bouche, voilà une cochonnerie! Une chair vive contre une chair vive, pxxx!*

Se ergueu pra partir. Tinha que ir à farmácia homeopática, tomar dois bondes, e o Angélica dava uma volta enorme até chegar na praça da Sé, se desculpou. Aquela evocação bruta de carnes vibrantes se ajuntando a escorraçava aos repêlões. Enxugou o nariz.

Descendo do bonde na praça, embora a rua da farmácia ficasse ali mesmo, Mademoiselle é invadida por um vendaval misterioso, sem nexo. Como é que estava andando assim noutra direção, subindo a praça, enveredando para a catedral! O bom-senso a obrigou a se difinir, não era possível *se tromper* tamanhamente de *lisière*. Mademoiselle se dirigiu para a farmácia, inquieta muito, batida por desilusões. Comprou o alho sativo e mais vários tubinhos de pérolas alvas. Chegou à porta, pôs o embrulho na bolsa, estava escurecendo e agora a inquietação já se transformava num desvario completo. Ficou ali, olhando a gente muita que passava apressada. Não sabia. Como que uma voz a chamava, uma voz fortíssima, atordoando. Não era voz, era o brouhaha dos bondes, dos autos, da gente. Mas o destino é que mandava os passos dela. Tinha que voltar e em vez o destino, não era o destino nem a voz não, *quelle sottise!* em vez estava subindo exagitada, frolando nos homens. Contrária à sua direção, Mademoiselle sobe, chamada pela catedral. Apressa o passo, estava quase correndo. O pavor a tomara, era um vento medonho na praça, sopro de sustos tamanhos que os arranhacéus se desmoronam com fragor. Chega o fragor. Chega o medo horrível, mil braços que a enforcassem, mil bocas, *une chair vive contre une chair vive*, lhe rasgam a blusinha, no ventre! e ela trapeça sem poder mais. Tem que parar. Se encostou nas pedras da abside, ia cair. Os homens passando afobados, meio se viraram na indecisão, sem se decidir a perguntar se aquela velhota quer alguma coisa. Pode estar doente, pedir auxílio, perdiam tempo. Passavam. Afinal o guarda deu tento na coitada.

- A senhora precisa alguma coisa?

Mademoiselle tirou a mão dos olhos, muito envergonhada, refeita de súbito com a pergunta. *Non, merci*, mas se percebendo noutra *lisière*, consertou: Não, obrigada. E agora, já sem sustos mais, num desalento vazio, termina de contornar o *derrière* da catedral. Já não era mais ela que “*bousculava*” os outros, como diriam as meninas, a multidão é que a busculava, a empurrava, a sacode. Mademoiselle não enxerga mais, não sente. Nem percebe que afinal toma o terceiro ou quarto Angélica chegado. Nunca que imaginasse o acontecido, o mal de sexo já está grande por demais, e Mademoiselle precisa duma experiência maior pra alcançar a verdade.

As ruas agora já estavam mais visíveis na entressombra, mais largas, seguindo por avenidas ricas. Mademoiselle enfim reconheceu com franqueza que já vinham descendo pela avenida Angélica. Voltava pouco a pouco à vida. Mas se estivesse no seu natural iria até a rua das Palmeiras e tomava outro bonde que a levasse à Sebastião Pereira, onde ficava o segundo andar da sua pensão. Sem elevador. Mademoiselle gosta pouco de caminhar. Mas eis que dá um puxão brusco na campainha, o bonde para espirrando. Mademoiselle desce e se lembra de enxugar o nariz, pra que desceu!

Cortando pelas ladeiras oblíquas se dirige à pensão, anda. Acontece que assim, no crepúsculo caseiro, numa última esperança de antemão desenganada, Mademoiselle passa pelo derrière da igreja de Santa Cecília. Assim mesmo uns sustinhos a tomaram, o respiro cresceu, foi agradável.

Mademoiselle chega sem muita desolação ao seu segundo andar. Havia um rol da engomadeira, difícil de ajustar, blusas e blusas. Mademoiselle examina as rendas com aplicação. De vez em quando para, trata de enxugar o nariz, ah! o remédio. Se esquecera dos remédios mas agora é tarde. Vamos deixar o remédio para depois do jantar. Mademoiselle ergueu súbito a cabeça, voltou-a pro lado, esperando, olhos baixos. Ficou assim por algum tempo, ansiosa, no malestar quase suave, e como nada sucedesse, como sempre, retornou ao cuidado de encrespar com mais minúcia a rendinha engomada da blusa. Agora vivia assim, na virulência nova da sua solidão, eis que estremeceu. Lhe vinha a sensação até brutal de ter alguém junto de si. Sobrestava, tinha que sobrestar por força a ocupação qualquer em que estivesse, meio que se voltava e ficava esperando, olhos baixos. Nunca que ela olhasse com franqueza o lado, o canto, a porta donde lhe vinha a presença do homem. Ela desoladamente sabia não haver ninguém ali.

Mas daquela aventura horrível lhe fica um fraco pelo derrière das igrejas. Não vê igreja solta que não lhe brote a fatalidade de passar por detrás. A desilusão não a desilude nunca. Mademoiselle passa numa brisa agradável de apreensões, apesar do pleno dia, que ela nunca sai de-noite mais, tem um medo! Sabe de-cor os sacristães cuidadosos que não deixam nas reentrâncias das absides a prova dos homens gluants da noite. Não vem mais no seu bonde, da casa de dona Lúcia até a pensão. Para uma esquina antes do largo de Santa Cecília. Até imagina que está precisando andar mais a-pé. Vem. Está muito corretazinha e retazinha. Vem, faz a volta da igreja, lhe bate a brisa de sustos, é agradável. Mademoiselle estuga o passo e chega ofegante à porta da sua pensão.

Nesse dia as meninas a atenazaram por demais. A cidade vinha se arrepiando de pretensões políticas porque afinal tinham lançado mesmo o já muito proposto partido da oposição, o Democrático. Dona Lúcia embarcara na onda que lhe trazia um gasto novo de volúpias. Tinha parente importante no PD e nessa tarde, pela primeira vez depois de sete anos, os salões dela se abriam para o cocktail aos chefes do Partido. Dona Lúcia decidiu que as filhas haviam de aparecer nem que fosse um momento. Fazia questão de se apresentar ornada de resultados, bem matrona, imponente em seus traços de infeliz. Mademoiselle devia comparecer, como preceptora.

As meninas ficaram de lado, era natural. A reunião era quase só de homens, poucas senhoras e vários sonhos políticos de subir. O velho conselheiro comparecera, na sua figura raçadíssima, avec une barbe, vous savez. E assim, olhando de longe tantos homens que a gesticulação política ainda tornava mais ferozes, Alba e Lúcia tinham caído em cima da professora.

Era no fim daquela primavera, et alors, vous comprenez, Mademoiselle chegara mais resfriada que nunca, o nariz até inchara um pouquinho, e com o embrulho esquisito, um cilindro comprido, pajeado cuidadosamente junto ao seio. As perguntas das meninas foram tão insistentes, as suposições tão maliciosas que Mademoiselle precisou confessar. A homeopa-

tia não lhe dava jeito mais ao resfriado, “bronchite” ela insistia, no eufemismo contraído de moça, pra evitar de qualquer forma que esses brasileiros falassem em “constipação” pxx! Pois então se lembrara de comprar aquela garrafa de rum, confessou envergonhadíssima, “un tout petit peu!” que ela quase gritava ameaçadora, diante do riso das meninas.

O jogo principiara logo muito esquentado. Estavam as três mais que freudianas, daquele recanto da saleta espiando tantos homens que deviam ser importantes, fazendo tudo o que desejavam. Os cocktails passavam, cocktails fortes bem pra homem, dona Lúcia se recusava a beber. Mas as meninas principiaram tarlatanando cada vez mais audaciosas. Mademoiselle não continha mais ninguém.

– ... vous savez pourquoi ils se sont installés au dessus du théâtre Santa Helena, n’est-ce pas?...

– Mais non! Racontez-moi ça.

E Lúcia sem saber onde vai parar:

– Après les spectacles ils montent au Parti et font de choses affreuses, vous comprenez, n’est-ce pas!

– Ma chère enfant, taisez-vous. Voyons... mais qu’est ce qu’ils peuvent bien faire alors?

– Vous comprenez, n’est-ce pas! Ils ont fait un trou, Mademoiselle, un énorme trou! Monsieur le Premier Secrétaire s’est mis tout nu sur un énorme plat, et on l’a descendu dans le théâtre, vous comprenez ce qui se passait...

– Lúcia, je vous défends de continuer! peremptória, à bout.

– Mais, Mademoiselle, c’est qu’ils commencent tous a roucouler!

– Tais-toi! tais-toi! ela espirrava na sua binaridade autoritária atual, imagem derradeira da autoridade que ela não conseguia mais ter sobre aquelas pequenas rabelaisianas da primavera. Tais-toi! tais-toi! pulandinho de gozo entre as duas garotas, no desvão da saleta, emborcando a taça de cocktail. Dona Lúcia acabara suspeitando alguma coisa de anormal na alegria daquelas três, ordenara às meninas que subissem. E se foram as três para cima, logo calmas na apreensão de algum malfeito grave.

Só agora percebiam que a noite caíra. O relógio antigo do estúdio marcava oito horas. Um susto gélido de brisa entrou pela janela e invadiu Mademoiselle. Atchim, ela espirrou estremecendo. Foi se encurtando muito, ficou pequeninha, quase um nada vivaz de chair vive, resumida a uma girândola de espirros em surdina. Teve medo, era muito tarde. Ainda imaginou esperar que a festa acabasse, estava no fim, e pedir a dona Lúcia que a fizesse acompanhar por qualquer um dos criados de ocasião. Mas ficou logo horrorizada com as audácias dele, decerto quis kidnapá-la, mas os outros passageiros do bonde intervieram, e ele (preferia o que a servira) lhe deu o braço pra descer e a carregou possante, encostando a mão no peito dela, bem no peito. Criou juízo e decidiu ir só.

O bonde felizmente vinha cheio até demais, tinha uns seis passageiros derramados pelos bancos e Mademoiselle, acalentada, se sonha defendida por eles. Se o criado viesse, eles derramavam sangue na luta, bastante sangue. E que coragem deles, que luta feroz! Os defensores bufavam de cólera, os socos caíam, o auto não respeitava o silêncio da noitinha e num momento, o que foi! os bondes de-noite correm tão desabalados pelos bairros, era aquele mesmo tumulto da praça da Sé que a tomava. Seria uma voz? seria o destino? Mademoiselle já mal respira e toca brusco a campainha. O bonde para com um grito horrível, é um assassi-

nato, aliás, ela corrigiu, “assassínio” em português. Mademoiselle nem desce, salta, pula, foge, se livrando, faz o quarteirão sem pensar, não há multidão que a buscule, as árvores, as árvores é que a machucam, saem sombras kidnapantes delas, os lampiões fazem trous, trous, doloridíssimos no ar desmaiado.

Mademoiselle percebe nítido, mas com uma nitidez inimaginável de tão fatal, que chegou no largo de Santa Cecília. Seguirá reto? É só atravessar o largo pela frente da igreja e, uns cem passos mais, a porta salvadora da pensão... Mademoiselle sabe disso, decide isso, quer decidir isso, mas agora é tarde, os passos a contrariam e a conduzem atrás da catedral de Ruão. É um silêncio de crime, o bairro dorme em paz burguesa. Mas tinha que suceder. Duma das ruas que desembocam na curva da abside, saltam dois homens, *avec une barbe?* não viu bem, mas *très louches*, que se atiram a persegui-la.

Atchim! que ela explodiu, exagerando o grito de socorro com volúpia. C’est pour les advertir que je suis enrhumée, ela se pensa, heroicamente, na presciência de que as “constipações” protegem contra os assaltos à virgindade. E atchim! ela repetiu mais uma vez, sem vontade nenhuma de espirrar, ameaçadora, se escutando vitoriosa no deserto da praça. Poum... poum... poum... Os dois perseguidores vinham apressados, passo igual. E o som dos sapatões possantes, eram possantes, devorava o atchim espavorido da pucela. E as passadas reboam mais vitoriosas ainda no silêncio infeliz do largo, ninguém para a salvar, só as árvores inúteis como *cochonneries*, enquanto os dois homens a vão alcançar. Não pode mais. Cairia nos braços deles, e eles a violariam sem piedade, exatamente como sucedera atrás da catedral de Ruão.

Mademoiselle apressa o passo ainda mais. Mas talvez o temor a imobilizasse como ao passarinho no olho da cobra: dá uns três passos corridinhos e logo quase para de andar, esperançosa, sussurrando uns passos lerdos, curtos. Poum... poum... poum... Ela avistava, era um fragor de catedrais desmoronando, ela enxergava muito bem os coruchéus despencando em linha reta sobre ela, arcobotantes agitados se enrijando, a flecha *zuninte da abside*, o crime seria hediondo porque ela havia de se debater com quanta força tinha, só a encontravam no dia seguinte desmaiada, as vestes rotas, sangrentas, o que diriam as meninas! muito sangue, poum... poum... já lhe punham, se lhe pusessem as mãos gluantes nos ombros, ela havia de berrar.

Afinal um dos homens agarra-a pelo pescoço. Mas segurara mal. Mademoiselle deu um *galeio* pra frente com o pescocinho, mais uma corridinha e conseguiu se distanciar do monstro. Mas o outro monstro agora alargava muito o passo e ela percebeu, a intenção dele era estirar a perna de repente, trançar na dela bem trançado e com a rasteira ela caía de costas pronta e ele tombava sobre ela na ação imensa. Porém ela fez um esforço ainda, um derradeiro esforço, deu um pulinho, passou por cima da perna e aqui ela chorava. Quis correr, não podia, porque o outro monstro veio feito uma fúria, ergueu os braços políticos e espedaçou-lhe os seios que sangravam. Mademoiselle deu um último gritinho e virou a esquina.

Mademoiselle virou a esquina da sua rua. Mademoiselle virou a esquina. Sua rua. Enxergou, era tão oferecidamente próxima a porta da pensão, e ela não teve mais esperança nenhuma. Nunca mais que havia de passar por trás das igrejas, e no dia seguinte as meninas desnorteadas topavam com aquela professorinha de dantes, longínqua, pura, branda. Mademoiselle estava salva, salva! E por sinal que a porta da pensão também estava alvissareiramente iluminada ainda, pois eram apenas vinte e uma horas. O copeiro na porta, homem de seu dever que a defendia se preciso, conversava com as criadas do portão vizinho. Um cheiro leve de acácias.

Mas isto Mademoiselle não podia sentir, nariz que era um tomate raçado de cooperativa. Sentiu mas foi que estava irremediavelmente salva pra toda a vida e então pôde correr. Correu, já num passinho lúcido, sem sofismas, e o pelo do *renard* falso lhe fez uma brisa tão

irônica no nariz que, quando parada na porta, primeiro ela teve que atender ao tiroteio dos espirros. E foram atchim, atchim, atchim e atchim. J'ai manqué un atchim, n'est-ce pas?

Foram cinco. Pois assim mesmo os perseguidores lá vinham chegando atrás dela. Só que agora Mademoiselle estava mesmo salva pra todo o sempre e pôde reagir. Os homens vinham chegando em suas conversas distraídas. Se plantou no meio da calçada, fungou um sexto espirro inteiramente fora de propósito, tirou mais que depressa dois níqueis da bolsa. Os homens tiveram que parar, espantados, ante aquela velhota luzente de espirro e lágrima, que lhes impedia a passagem, ar de desafio. E Mademoiselle soluçava as sílabas, na coragem raivosa de todas as ilusões ecruladas:

- Mer-ci pour votre bo-nne com-pa-gnie!

E lhes enfiou na mão um níquel pra cada um, pagou! Pagou a bonne compagnie. Subiu as escadas correndo, foi chorar.

[de *Contos Novos*. Primeiros esboços, Amazonas, julho e agosto de 1927; versão definitiva junho a 15 de julho de 1944]

Glossário e traduções

Afrosa: por analogia ao francês "affreuse": horrível, abominável

Est-ce que vous avez froid par cette chaleur?... A senhora está com frio nesse calor?

Non, ma chère enfant, je... Não, minha querida criança, eu

Voulez-vous quelque chose?: A senhora deseja alguma coisa?

Non! non! non!... je... il faut bien que je vous fasse une confidence, mes petites amies (...): Não! Não! Não!... eu... preciso fazer uma confidência a vocês, minhas amiguinhas

Il y a des jours où je sens à tout moment qu'un... "personnage" me frôle! : Há dias em que sinto o tempo todo que uma... 'personagem' encosta em mim.

Ça vous fait mal!: Isso lhes faz mal!

"Mâle", ma chère enfant, "mâ-le". N'égratignez pas vos mots comme ça.: 'Macho', minha cara criança, 'ma-cho'.

Je vous demande pardon, Lúcia! Je me suis trompée de lisière! Vous avez parlé du Bien et du Mal, j'ai pensé que vous parliez du maléfice des hommes (...): Peço desculpas, Lúcia! Eu me enganei! Você falou do Bem e do Mal, eu pensei que estava falando do malefício dos homens (...)

N'égratignez pas les mots comme ça! Não deturpe as palavras assim!

Effacez vos coudes, mon enfant! Encolha os cotovelos, minha criança!

trali-lan- lère, trali-lan-la: jogo onomatopaico malicioso.

paquerette: margarida. [na frase, uma referência ao jogo das meninas, com as pétalas de uma flor, "mal-me-quer", "bem-me-quer"].

Se trompait de lisière: confundir as coisas

oh, mes enfants!: Oh, minhas crianças!

(...) pointu, pointu! Je me suis dit: Ce personnage vient tuer quelq'un. Il monta au salon, pas une minute ne s'était passée, nous entendimes les cinq coups du pistolet. Dans le ventre!:

Pontudo, pontudo! Disse a mim mesma: Esse personagem vem matar alguém. Ele subiu para a sala, nem sequer um minuto havia passado, escutamos os cinco disparos. Na barriga!

J'ai manqué un poum: ça fait cinq.: Deixei passar um poum: foram cinco.

Mes PAUVRES enfants!: minhas POBRES crianças!

petits cris: pequenos gritos

Ces norvégiens!: esses noruegueses

Les touaregs!: os tuaregues

Mais nous n'avons pas vu les touaregs, Mademoiselle. : Mas não vimos os tuaregues, Senhorita.

Heureusement pour vous, mes enfants!: Felizmente para vocês, minhas crianças!

"vous comprenez", "vous savez", "n'est-ce pas?": Vocês compreendem, vocês sabem, não é?

Mme. de Lavellais avait un petit mousse qui venait tous les jours dans sa cabine pour frotter son parquet. Alors... il fallait voir ça, Mademoiselle! ce qu'il frrotait consciemment! : Senhora de Lavellais possuía um aprendiz marinho que limpava a sua cabine todos os dias. Então... era precisa ver isso, Senhorita! o que ele esfrrregava conscienciosamente!

p'tite rabelaisienne, taisez-vous...: pequena rabelaisiana, cale-se... [rabeleisiana - adepta do humor mordaz, cáustico do escritor francês François Rabelais].

Vous savez... Nous avons entendu aujourd'hui une conversation entre une femme et son mari...: Sabe... Hoje ouvimos um conversa entre uma mulher e o marido dela...

Oh, mes enfants, interrompia: vous avez une curiosité très malade! Je sais parfaitement quelles sont les conversations entre une femme et son mari, voyons! C'est quelque chose de honteux. : Oh, minhas crianças, interrompeu: vocês têm uma curiosidade muito doentia! Eu sei perfeitamente quais são as conversas entre uma esposa e seu marido! É uma coisa vergonhosa.

Je voudrais bien savoir ce que c'est "tarlataner". Ils parlaient tout le temps de "tarlataner", de "haut tarlatanage"... : Eu gostaria realmente de saber o que significa 'tarlataner'. Eles falavam o tempo todo de 'tarlataner', de alta 'tarlatanagem'...

Ne prononcez jamais ce verbe intransitif! C'est très vulgaire.: Não pronuncie jamais este verbo intransitivo! É muito vulgar.

Pour avoir des rêves: para sonhar: Je ne veux pas de rêves! [...], je ne veux pas de rêves! Les chats me suffisent! Eu não quero sonhos, eu não quero sonhos! Os gatos são suficientes!

J'attrape mes rhumes à cause de ces chats O motivo das minhas gripes são esses gatos

Ces personnages: Esses personagens

Un après-midi nous avons vu un homme avec une barbe, vous comprenez... derrière la cathédrale de Rouen... Alors, vous comprenez... Uma tarde, nós vimos um homem de barba, a senhora compreende... atrás da catedral de Ruão, então, a senhora compreende...

Ma chère enfant, j'estime que vous allez trop loin. Je vous défends de continuer! Ce qui se passait derrière la cathédrale de Rouen, voyons! se passe derrière toutes les cathédrales! Minha querida criança, está indo longe demais. Eu a proíbo de continuar! O que acontece atrás da catedral de Ruão, vejamos! Acontece atrás de todas as catedrais".

Quelle sottise Que bobagem!

Et alors... c'était comme derrière la cathédrale de Rouen. Então... era como atrás da catedral de Ruão

Alba, pourquoi faites-vous ça...: Alba, por que você faz isso...

Excusez-moi, Mademoiselle... c'est de la cochonnerie. Peço perdão, senhorita... é uma obscenidade

Cochonnerie!: Obscenidade!

Moi, mon enfant! Eu, minha criança !

V'oui! le jour que les ouvriers se donnaient la main! A senhora, sim! O dia em que os operários se deram as mãos!

Qu'est-ce qu'ils font? O que eles estão fazendo?

Ils se donnent la main. Estão se dando a mão

Pour quoi faire! Para que!

personnages gluants personagens pegajosos

... pour quoi faire...pxx para que...pxx

Laissez votre livre de coté, mes enfants! Lá, sur le banc Deixe os livros de lado, minhas crianças! Ali, no banco

Donnez-vous la main! Non! pas comme ça, pxx! n'éparpillez pas vos doigts! Oui! c'est très bien! Deem-se as mãos! Não! assim não! não afaste os dedos! Sim! Muito bem!

Et bien!?... : E então!?

Et bien! Mademoiselle [...]: Avez-vous bien réfléchi?_Então! Senhoritas: Vocês pensaram bem?

Je ne sais...: Eu não sei...

Taisez-vous! Dites! Vous voilà la main dans la main, tout à fait comme [...] comme ces deux personnages qui se promenaient tout à l'heure, dites! Qu'est-ce que vous sentez, dites! Calem-se! Digam! Estão com as mãos dadas, exatamente como os dois personagens que passavam há pouco, digam! O que vocês sentem, digam!

Mais... Mas...

Taisez-vous! Calem-se!

Moi, je ne sens rien. Eu, não sinto nada

Et vous, Lúcia! dites! Vous êtes plus âgée que votre soeur, vous devez sentir quelque chose. E você, Lúcia! diga! Você é mais velha que sua irmã, você deve sentir alguma coisa!

Voilà. On ne sent rien, vous savez! Il y a des gens ignorants qui font ces cochonneries inutiles, mais on ne sent rien, mes enfants, on ne sent absolument rien. Retournons à notre géographie. Pronto. Não se sente nada, vocês sabem! Há pessoas ignorantes que fazem essas safadezas inúteis, mas não se sente nada, minhas crianças, não se sente absolutamente nada. Voltemos à nossa geografia.

Médecin malgré lui_ médico apesar de tudo

Page condamnée página censurada

Cochonneries inutiles. Safadezas inúteis

Les cochonneries ne sont pas inutiles, évidemment!: as safadesas não são inúteis, obviamente!

Ma chère enfant... il ne faut pas dire des choses inutiles que ce sont des cochonneries, par exemple!... Les cochonneries sont... des cochonneries! [...] S'embrasser sur labouche, voilà une cochonnerie! Une chair vive contre une chair vive, pxxx! Minha querida... Coisas inúteis e safadezas não são a mesma coisa, por exemplo!... As safadezas são... safadezas! Beijar na boca, isso sim é uma safadeza! Uma carne viva contra uma carne viva, ...

se tromper: confundir

Quelle sottise! Que bobagem

lisière: limite

une chair vive contre une chair vive: uma carne viva contra uma carne viva

Non, merci_Não, obrigado

derrière: por trás, parte de trás

bousculava [por analogia a bousculade]: se agitava

absides: recinto semicircular ou poligonal, de teto abobadado

gluants: pegajosos

Estuga o passo: caminha rapidamente

cocktail: coquetel

avec une barbe, vous savez: de barba, a senhora sabe

bronchite: bronquite

et alors, vous comprenez: e então, a senhora entende

un tout petit peu! só um pouquinho!

... vous savez pourquoi ils se sont installés au dessus du théâtre Santa Helena, n'est-ce pas?... A senhora sabe o motivo de eles estarem morando em cima do teatro Santa Helena, não sabe?

Mais non! Racontez-moi ça_Não sei. Conta-me

Après les spectacles ils montent au Parti (partie) et font de choses affreuses, vous comprenez, n'est-ce pas! Depois dos espetáculos eles sobem até o partido e fazem coisas horrosas, a senhora compreende, não é?

Ma chère enfant, taisez-vous. Voyons... mais qu'est ce qu'ils peuvent bien faire alors? Minha querida, cale-se. Vejamos... mas o que é que eles podem fazer, então?

Vous comprenez, n'est-ce pas! Ils ont fait un trou, Mademoiselle, un énorme trou! Monsieur le Premier Secrétaire s'est mis tout nu sur un énorme plat, et on l'a descendu dans le théâtre, vous comprenez ce qui se passait... A senhora entende, não é mesmo! Eles fizeram um buraco, Senhorita, um enorme buraco! O senhor primeiro secretário se pôs totalmente nu sobre um enorme prato, e o carregaram para o teatro, a senhora entende o que acontecia...

Lúcia, je vous défends de continuer! [...], à bout, Lúcia, eu a proíbo de continuar! Chega...

Mais, Mademoiselle, c'est qu'ils commencent tous a roucouler! Mas, Senhorita, eles comecem todos a sussurrar!

Tais-toi! tais-toi!: Cale-se, cale-se

Chair vive: carne viva

kidnapá-la: raptá-la, sequestrar.

[sombas] kidnapantes: raptantes

avec une barbe? de barba?

très louches: muito suspeitos

cochonnerie: safadezas

zuninte da abside: objeto pontiagudo que cai com o teto, como o sibilar de uma flecha atirada.

galeio: movimento rápido e repentino do corpo para um lado ou para trás; requebro

C'est pour les advertir que je suis enrhumée: É para previni-los que estou resfriada

renard: [pelo] da raposa

J'ai manqué un atchim, n'est-ce pas?_Faltou um espirro, não foi?

Mer-ci pour votre bo-nne com-pa-gnie! Obrigado pela sua bo-a companhia!

bonne compagnie: boa companhia

NELSON

- Você conhece?
- Eu não, mas contaram ao Basílio o caso dele.

O indivíduo chamava a atenção mesmo, embora não mostrasse nada de berrantemente extraordinário. Tinha um ar esquisito, ar antigo, que talvez lhe viesse da roupa mal talhada. Mas que por certo derivava da cara também, encardida, de uma palidez absurda, quase artificial, como a cara enfarinhada dos palhaços. Olhos pequenos, claros, à flor da pele, quase que apenas aquela mancha cinzenta, vaga, meio desaparecendo na brancura sem sombra do rosto.

Deu uma olhadela disfarçada, bem de tímido, assuntando o ambiente mal iluminado do bar. Ainda hesitou, numa leve ondulação de recuo, mas acabou indo sentar no outro lado da sala vazia. Percebeu se acalmar e depôs as duas mãos, uma agarrando a outra, sobre a toalha. Mas como se arrependeu de mostrá-las, retirou-as rápido pra debaixo da mesa. Se lembrou de repente que não tirara o chapéu, estremeceu, quis sorrir, disfarçando a encabulação. Mas corou muito, tirou num gesto brusco o chapéu, escondeu-o no banco em que sentara, ao mesmo tempo que lançava novo olhar furtivo, muito angustiado, meio implorante, aos rapazes. E estes fingiram que não o examinavam mais, envergonhados da curiosidade.

- Não parece brasileiro...
- Diz-que é. Mora só, numa daquelas casinhas térreas da alameda do Triunfo, perto de mim. Ele mesmo faz a comida dele...

Parou, gozando o interesse que causava. Era desses vaidosos que não contam sem martirizar o ouvinte com pausas de efeito, perguntas de adivinhação, detalhes sem eira nem beira. Continuou: – “Vocês todos sabem onde que ele faz as compras dele!...” Nova pausa. Os rapazes se mexeram impacientes. Um arrancou:

- Você garante que ele é brasileiro, enfim você sabe ou não sabe alguma coisa sobre ele!
- Eu sei a história dele completinha!... – Olhou lento, imperial os três amigos. Sorriu.
- Mas, puxa! que lordeza de vocês!... Eu disse que ele mora no Triunfo, pertinho de mim ... Então vocês não são capazes de imaginar onde ele compra as coisas!...
- Ora, desembucha logo, Alfredo! que diabo de mania essa!...

Diva passava levando dois duplos escuros. Era visível que ambos pertenciam ao desconhecido, pois não havia mais ninguém no bar. Recebendo os duplos o homem ficou envergonhado, tornou a corar forte, mandando outro olho de relance aos rapazes. Falou qualquer coisa à garçonete que ficou esperando. Então ele emborcou o primeiro chope com sofreguidão, bebeu tudo duma vez só, entregando o copo à moça. E Diva se retirou, sorrindo ao “muito obrigado” quente que o homem lhe dizia.

Os rapazes voltavam pensativos aos seus chopos, o desconhecido era de fato um sujeito extravagante... Alfredo aproveitou a preocupação de todos, pra retomar importância. Mas agora “desembucha” mais rápido.

— Pois ele compra tudo no Basílio, e o Basílio é que sabe a história dele bem. Põe tamanha confiança no vendeiro que até pede pra ele fazer compra na cidade, camisa, roupa de baixo... Diz-que foi até bastante rico. Ele é de Mato Grosso, possuía uma fazenda de criar no sul do Estado, não tinha parente nenhum depois que a mãe morreu. De vez em quando atravessava a fronteira que ficava ali mesmo, dava uma chegada em Assunção que é a capital do Paraguai...

— Não sabia! pensei que era Campinas!

— ... ia lá só pra farrear, vivendo naquele jejum da fazenda... — Achou graça em si mesmo e quis tirar mais efeito: — Em Assunção desjejuava a valer. Mas um dia acabou trazendo uma paraguaia pra fazenda, com ele. Era uma moça lindíssima e ele tinha paixão por ela, dava tudo pra ela. Trabalhava e era pra ela; ia na cidade por um dia, imaginem pra que!... voltava carregado de presentes muito caros. Mesmo na fazenda ela só arrastava seda. Mas que ela merecesse, merecia porque também gostava muito dele e os dois viviam naquele amor. Mas a maior besteira dele, isso dava um doce se vocês imaginassem.

Quis parar, mas um dos companheiros percebendo *asperejou* irritado:

— Não dê o doce, e continue, Alfredo!

— Pois acabou passando a fazenda com gado e tudo e ainda umas casa que tinha em Cuiabá, passou tudo para o nome dela, porque ela já fizera operação, mocinha, e não podia ter filho que herdasse. Não sei se vocês sabem:... mesmo casada no juiz, se não tivesse filho e ele morresse, ela não herdava um isto. E agora é que estou vendo que o Basílio não me informou se eles eram casados, amanhã mesmo vou saber...

— Mas... me diga uma coisa, Alfredo: isso interessa pro caso!

— Quer dizer... interessar sempre interessa... Mas afinal aquela vida era chata pra moça tão bonita que não podia ser vista nem apreciada por ninguém, não durou muito ela principiou enristecendo. Ele vinha e perguntava, porém ela sempre respondia que não tinha nada e virava o rosto pra não dar demonstração que estava chorando. Ele fez tudo. Comprou uma vitrola, comprou um rádio e a casa se encheu de *polcas* paraguaias. Depois até principiou aprendendo o guarani com ela, o castelhano já falava muito bem. Era que ele imaginou ficar mais tempo junto da moça, em vez de passar o dia inteiro no campo, cuidando do gado.

— Mas também que sujeito mais besta — interrompeu um dos rapazes irritado. — Ele era rico, não era?

— Era...

— Pois então porque não ia fazer uma viagem!

— Pois fez, mas aí é que foi a causa de tudo. Eles resolveram ir passear em Assunção, se divertiram tanto que passaram dois meses lá. Quando voltaram ela até parecia outra, de tão alegre outra vez, e fizeram projeto de todos os anos ir passear assim, se divertindo com os outros, o amor é que não havia meios de afrouxar. Já antes da viagem, no tempo da tristeza, ele assinara uma porção de revistas, até norte-americanas, pra ver se ela se distraía, ela nem olhava pras figuras. Pois agora de volta na fazenda adivinhem pra o que ela deu!...

— Ora, deu pra ler as revistas!

— Não!

— Deu pra ficar triste outra vez.

- Não!
- Se acostumou...
- Não!
- Ora foi ver se você estava na esquina, ouviu!

Os rapazes estavam totalmente desinteressados da história do Alfredo. Um deles olhou o homem, de quem a garçonette se aproximava outra vez, levando mais um chope. O homem, percebendo a moça, retirou brusco as mãos que descansavam na mesa, uma sobre a outra. Novo olhar angustiada aos rapazes.

— Parece que ele tem qualquer coisa na mão esquerda, o rapaz avisou interessado. Não! não virem agora que ele está olhando pra cá, mas nem bem Diva ia chegando com o chope, ele escondeu a mão. Diva!

A moça veio se chegando, familiar.

- Mais chope. Diga uma coisa... chegue mais pra cá.

A moça chegou contrafeita, depois de uma leve hesitação. Ela sabia que iam lhe falar do desconhecido, e quando o rapaz perguntou o que o homem tinha na mão, ela quase gritou um "Nada!" agressivo. E como o rapaz procurasse agarrá-la pelo braço, ainda perguntando se o homem não tinha um defeito qualquer, ela se desvencilhou irritada, murmurando "Não!", "Não sei!", partiu confusa. O contador interrompido pretendeu readquirir importância, afirmando apressado:

— É uma cicatriz medonha, não queiram saber! Foi numa briga, parece que até ele perdeu um dedo, só que isso eu não sei como foi, o Basílio...

O quarto rapaz, que se conservava calado, olhando com uma espécie de riso o sabido, murmurou vingativo:

— Eu sei.
— Você sabe!
— Quer dizer: sei... Sei o que me contaram. É o polegar que ele perdeu. Parece que nem é só o polegar que falta, mas quase toda a carne do braço, é tudo repuxado, sem pele... Foi piranha que comeu.

— Safa!

— Eu não sei bem... tudo no detalhe. Como o Alfredo, eu não sei... Foi na Coluna Prestes... nem tenho certeza se ele estava com o exército ou com os revolucionários. Devia ser com estes porque ele era rapaz, se vê que não tem trinta anos.

— Isso não! garanto que já passa dos quarenta.

— Você está doido!

— Não... — arrancou o Alfredo, meio contra a vontade. — Isso eu também sei garantido que ele é novo ainda, o Basílio viu a caderneta dele... Tem vinte e sete, vinte e oito anos.

— Mas conta como foi a piranha.

— ... diz que estava em Mato Grosso, um grupinho perseguido pelos contrários, desgarrado, pra uns nove homens quando muito. Tinham se arranchado na casinha dum caboclo que ficava perto dum rio, quando o inimigo deu lá, era de noite. Foi aquele tiroteio feroz, eles dentro da casa, os outros no cerco. Quando viram que não se aguentavam mais, a munição estava acabando, decidiram furar pra banda do rio, onde o bote do caboclo estava amarrado na maromba...

— O que é maromba?

— É assim um estrado grande, pra servir de chão dos bois, quando o rio enche.

— Qual! tudo isso é história! pois você não vê logo que os policiais já deviam estar tomando conta do bote!

— Você está com despeito de eu saber, quer me atralhar à toa: pois é isso mesmo! Deixe eu acabar, você vai ver. Já era de madrugada, mas estava escuro ainda. De repente eles deram uma descarga juntos, e saíram embolados, frechando pro rio. Ainda conseguiram passar, que os... contrários, eu não falei que era polícia que cercava! enfim, os... outros, só tinha dois amoitados no caminhinho que levava ao porto, se acovardaram. Eles passaram na volada, gritando, desceram o barranco aos pulos, mas quando chegaram lá tinha pra uns dez, de tocaia, na maromba. Se atracaram uns com os outros, e esse um aí se abraçou com um inimigo e os dois rolaram no rio, afundando. Bem, mas quando voltaram à tona, sempre grudados um no outro, lutando, o diabo é que tinham vindo parar bem debaixo ... não sei se vocês sabem... lá, por causa de enchente, eles usam construir um cais flutuante pra embarcar e desembarcar. O desse porto por sinal que era bem feito e mais grande, porque era por ali que a estrada do governo atravessava o rio: uma espécie de caixão grande bem chato, feito de pranchões. Pois justo debaixo disso que os dois vieram surgir e já estavam desesperados de vontade de respirar, não se aguentavam mais. Por cima era aquele barulhão de gente brigando, o caixão sacudia muito, mais outros caíam n'água... Os dois não queriam, decerto nem podiam se largar, mas não sei como foi, se uma das pranchas da parte inferior estava podre e cedeu, ou se havia o buraco mesmo... sei é que num balanço que o caixão fez com os homens que brigavam em cima deles, esse um ali sentiu que ia saindo fora d'água e pôde respirar. Mas estava com a cabeça enforcada dentro do caixão chato, até batendo no plano dos pranchões de cima, parece que estou vendo! quem me contou foi o Querino do gás.. Mas ele respirou fundo, foi ganhando consciência e percebeu que os músculos do adversário afrouxavam. Se ele largasse, o outro afundava, ia sair lá mais no largo e denunciava o esconderijo dele, apertou mais. Por cima o inferno já estava diminuindo, o caixão sacudia menos, paravam com a gritaria dos insultos. Afinal ele percebeu que os inimigos tinham dominado a situação, eram muito mais numerosos. Um que mandava nos outros, dava ordens, afirmava que faltavam dois do grupo inimigo, um era ele, está claro. A manhã principiava branqueando o rio. Procuravam no largo pra ver se tinha alguém nadando. Alguns foram mandados percorrer o matinho ralo da margem. Dois outros, no bote, se metiam pelas canaranas pra ver se descobriam os fugitivos. Foi quando deram pela falta de um chamado Faustino, gritavam "Faustino! Faustiiiiino!", e ele percebeu que tinha matado um sujeito chamado Faustino. Mas quem disse largar o cadáver que agarrava pelo gasnete com a mão esquerda. O corpo era capaz que boiasse, saindo de baixo do caixão, haviam de desconfiar. Na margem e na maromba ao lado, o pessoal se acalmava, era um dia claro. Não tinham achado nem os fugitivos nem Faustino, vinham contando os que voltavam da procura. Então o chefe mandou que dois ficassem de vigia na maromba, e o resto dos perseguidores foram lá na casa do caipira ver se faziam um café. Ele estava quase vestido, calça cáqui, botas. Mas não tivera tempo de vestir o dólma, com a surpresa do ataque, e a camisa tinha se rasgado muito, justo no braço esquerdo que estava dentro d'água, agarrando o corpo do Faustino. Fazia já algum tempo que ele vinha percebendo uns estremeções esquisitos na cara do morto, pois

súbito sentiu uma ferroada na mão. O rio não era de muita piranha, mas tinha alguma sim. Outra ferroada mais forte e logo ele conferiu que era piranha mesmo, não havia mais dúvida. E acudia cada vez mais piranha, o que ele não aguentou! As piranhas mordiam, arrancavam pedacinhos da mão dele e depois do braço também, mas ele ali, sem se mover. Lá em cima na maromba as duas sentinela conversavam na calma. Ele percebeu, ia desfalecer na certa, porque já quase nem se aguentava mais, vista turvando. Então, com muito cuidado, muita lentidão pra os vigias não repararem, cuidou de enfiar mais que a mão direita, o braço inteiro no buraco dos pranchões porque assim, se desmaiasse, pelo menos ficava enganchado ali. Foi quando perdeu os sentidos. Até fica difícil garantir que perdeu os sentidos ou não perdeu, nem ele sabe, nem sabe o tempo que passou. Só que as forças acabaram cedendo, teve um momento em que ele foi chama-do à consciência porque estava engolindo água, sem ar, se afogando. Mesmo fraco como estava, bracejou, voltou à tona, se agarrou nas canaranas, conseguiu chegar num chão mais firme e então desmaiou de verdade. Quando voltou a si, o sol estava bem alto já, devia ser pelo meio do dia. Os inimigos já tinham ido-se embora. Então o pobre, ainda ajuntando um resto de força que possuía, conseguiu se arrastar até próximo da casa do caboclo. Quando este voltou, mais a mulher, lá dum vizinho longe onde tinham se refugiado, encontraram o homem estendido no terreiro, moribundo. Trataram dele. É o que sei... o Querino é que anda contando porque até eu vi, isso eu vi, ele conversando animado com esse homem, porque andou vários dias indo na casa dele pra fazer uma instalação de gás. Ele acabou sarando mas diz que ficou meio amalucado... Se não ficou, parece.

Olharam o homem. Ele já estava no quarto ou quinto duplo, já agora como inteiramente esquecido de mais ninguém. Tinha o queixo no peito, se derreara no banco, olhando fixamente o chope escuro. A mão direita inquieta tamborilava sobre a mesa, mas a esquerda se escondera preventivamente no bolso da calça. Um dos rapazes se lembrou do caso que o Alfredo estava contando.

— Safa! mas que caso mais diferente do do Alfredo! Mas este, ríspido:

— Nnnnã... deve ser o mesmo...

— Mas o que foi que sucedeu com a mulher?

— ... Nnnnã tem importância.

— Ora, deixa de besteira! Alfredo! que sujeito mais complicado, você!

— Não tenho nada de complicado não! Essa história de piranha comer braço de gente, eu nunca soube. O Basílio também me falou que o homem era de Mato Grosso, leu na caderneta de identidade... Mas ele ficou meio tantã não foi por causa de piranha não, foi a paraguaia. Quando ela voltou curada pra fazenda, como eu dizia, ela até às vezes acompanhava o marido a cavalo no campo, mas quando no geral ficava em casa, ficava ali, rádio aberto, lendo a quantidade de romances policiais e os outros livros que trouxera da cidade. E não tinha semana que um peão não trouxesse aquela quantidade de revistas que vinham do correio. Pois um dia, quando ele chegou em casa, a mulher estava fechada no quarto e não quis abrir a porta. Ele bateu, chamou de todo jeito, ela gritava que não amolasse, até que ele perdeu a paciência e ameaçou arrombar a porta. Daí ela abriu e se percebia que tinha chorado muito. Olhou pra ele com ódio e gritou:

— O que você me quer! me deixa!

E coisa assim. Ele estava assombrado, perguntava, ela não respondia, foi no terraço e se atirou na rede, chorando feito louca. Mas isso?... ele que nem tocasse de leve nela com a mão, ela fugia o corpo como se ele fosse uma cobra. Não valeu carinho, não valeu queixa: ela estava muda, longe dele, olhando ele com ódio, e de repente falou que queria ir embora pra terra dela. Ele não podia entender, foi discutir, mas ela agarrou dando uns gritos, que ia-se embora

mesmo, que não ficava mais ali parecia uma doida, saltou da rede, desceu a escadinha do terraço e deitou correndo pelo pasto, como indo embora pro Paraguai. Foi um custo trazer ela pra casa, agarrada. Ele muito triste fazia tudo pra acalmar, jurava que no outro dia mesmo partiam pra Assunção, ela berrava que não! que havia de ir sozinha e não queria saber mais dele. Ninguém dormiu naquela casa. A moça acabou se fechando no quarto outra vez. Ele não quis insistir mais imaginando que o passar da noite havia de acalmar aquela crise. Puxou uma cadeira e sentou bem na frente da porta, esperando. Não dormiu nada. Mas também a moça não dormiu, não vê! Toda a noite ele escutou ela remexendo coisas, era gaveta que abria, que fechava, móvel arrastando, coisas jogadas no chão.

Diva acabara de levar mais um chope ao homem. Veio se abraçar a um dos rapazes, perguntando se não pagavam um aperitivo. Dois dos rapazes se ajeitaram no banco em que estavam, cedendo o lugarzinho no meio onde ela se espalhou, encostando muito logo nos dois, pra ver se ao menos um mordida a isca. O homem do bar mesmo sem chamarem, muito acostumado, veio servir o vermute.

— ... bem, mas como eu estava contando, no dia seguinte, ainda nem ficara bastante claro, que a paraguaia abriu a porta do quarto. Vinha simples, até estava ridícula e bem feia com aquele rosto transtornado, num vestidinho caseiro, o mais usado, e uma trouxinha de roupa debaixo do braço. E falou dura que ia-se embora. Foi tudo em vão e esse homem...

- Que homem? Diva perguntou meio inquieta.
- Esse que está bebendo chope escuro.
- Santa Maria! mas será que vocês não podem deixar o pobre do homem em paz!
- Fica quieta aí, Diva!
- Mas...
- Tome seu vermute.

Diva se acomodou de má vontade, irritada, enquanto o contador continuava:

— Pois ele gostava tanto da paraguaia que acabou cedendo, imaginando que aquilo havia de passar se ela partisse como estava exigindo. Mandou um próprio acompanhá-la. Depois ele ia atrás, Assunção é pequena, e o camarada ia industriado pra ficar por lá, seguindo a moça de longe. E ela foi embora, só, com a trouxinha, sem uma despedida, sem olhar pra trás. Quando ele foi pra entrar no quarto quase nem se podia andar lá dentro, tudo aos montes jogado no chão. Os vestidos estavam estraçalhados de propósito, picados devagar com a tesourinha de unha. As jóias arrebetadas, pedras caras, até o brilhante grande do anel, fora do aro, relumeando na greta do assoalho. E os livros, os objetos, as meias de seda, até as roupas dele, ela não poupou nada. E não tinha levado absolutamente nada. Até a roupa de cama, também picada com a tesourinha, não sobrara nada sem estrago. Mas agora é que vocês vão se assombrar!... Só bem por cima dos dois travesseiros grandes, amontoados de propósito no meio da cama, um por cima do outro, tinha um livro. Esse não estava estragado como os outros. Imaginem que... bom, pra encurtar: era simplesmente uma "História do Paraguai" em espanhol, desses livros resumidos que a gente estudou no grupo. Folheando o livro, ele descobriu justamente na última página do capítulo que falava da guerra com o Brasil, está claro que tudo cheio de mentiras horríveis, ele descobriu naquela letrona dela que mal sabia assinar o nome: "Infames!"

- Quem que era infame?
- Safa, Diva, sua gente mesmo!

- Que “minha gente”?
- Os brasileiros, Diva!
- Eu não sou brasileira!

O rapaz sorrindo acarinhou os cabelos louros, frios dela. O contador ia comentando:

– Foi por causa da guerra do Paraguai... O homem ficou feito doido, não podia mais passar sem ela, se botou atrás da moça, porém ela não houve meios de ceder. E pra não ser mais incomodada, acabou desaparecendo de Assunção, ninguém sabe para onde. Foi uma trapalhada dos dianhos vocês nem imaginam, porque a fazenda, as propriedades não eram mais dele, e ela nunca reclamou nada, desapareceu pra sempre. Até andaram falando que ela suicidou-se, porque continuava apaixonadíssima pelo brasileiro, apesar. Mas isto nunca se conseguiu tirar a limpo. Ele é que vendeu o gado e ficou viajando por todo o sul, sempre com pensão na amante. Quando foi da revolução de 30, se meteu na revolução, sem gosto, sem acreditar em nada, só porque era revolução contra o Brasil. Diz que ele ia ficando maníaco, odiava o Brasil e dava razão pra Solano Lopes que foi quem declarou a guerra do Paraguai contra nós. Afinal conseguiu vender a fazenda e as casas de Cuiabá, mas dizem que na casa onde ele mora não tem nada. Só que ele prega na parede tudo quanto é notícia ofendendo o Brasil.

- Ah, não! isso não deve ser verdade senão o Querino me contava!
- Ele entrou vários dias na casa pra instalar o gás, já falei!
- Uhm...

Diva não se conteve mais, arrancou:

- Tudo isso é uma mentira muito besta! Por que vocês não conversam noutra coisa!
- Você conhece ele, é?
- Diva hesitou.
- nnnão. Mas ele sempre vem aqui.
- Você já foi com ele?
- Não, ele quis. Mas falou que eu desculpasse, é muito mais delicado que vocês todos juntos, sabem!
- Isso de delicadeza... Deve ser é algum viciado, vá ver que não é outra coisa.

A garçonette ficou indignada. Se ergueu com brutalidade.

– Arre que vocês também são uns... Ia insultar, enojada, mas se lembrou que era garçonette: Por favor, não olhem tanto pra ele assim! Ele vai sair...

De fato, o homem estava mexendo exagitadamente em dinheiro. Diva foi pra junto dele, achando jeito, com o corpo, de o esconder da curiosidade dos rapazes. Fingia procurar troco. Olhou-o com esperança tristonha:

- Por que o senhor não toma mais um chope... Está quente hoje...

Ele estremeceu muito, devorou-a com os olhos angustiados:

— Por que a senhora quer que eu tome mais chope hoje! Seis não é a minha conta de sempre! Estavam falando de mim naquela mesa, não!

E foi saindo muito rápido, escorraçado, sem olhar ninguém, sem esperar resposta nem troco. Era incontestável que fugia.

Na rua andava com muita pressa, apenas hesitante nas esquinas que acabava dobrando sempre, procurando desnortear perseguidores invisíveis. Afinal, seis quarteirões longe, parou brusco. Estava ofegante, suave muito na noite abafada. Olhou em torno e não tinha ninguém. Certificou-se ainda se ninguém o perseguia, mas positivamente não havia pessoa alguma na rua morta, era já bem mais de uma hora da manhã. Enfim tirava a mão esquerda do bolso e enxugava com algum sossego o suor do rosto. A mão era mesmo repugnante de ver, a pele engelhada, muito vermelha e polida. E assim, justamente por ser o polegar que faltava, a mão parecia um garfo, era horrível.

Depois de se enxugar, olhou o relógio-pulseira e tornou a esconder a mão no bolso. Voltou a caminhar outra vez, e agora andava em passo normal, sem mais pressa nenhuma. Aos poucos foi se engolfando lá nos próprios pensamentos, o rosto readquiriu uma seriedade sombria enquanto o passo se mecanizava. Tomou aquele seu jeito de enfiar o queixo no pescoço, cabeça baixa, parecia numa concentração absoluta. Algum raro transeunte que passava, ele nem dava *tento* mais. Às vezes fazia gestos pequenos, gestos mínimos, argumentando, houve um instante em que sorriu. Mas se recobrou imediatamente, olhando em volta, apreensivo. Não estava ali ninguém pra lhe surpreender o riso — e era aquele sorriso quase esgar, apenas uma linha larga, vincando uma porção de rugas na face lívida.

Mas decerto perseverara o receio de que o pudessem descobrir sorrindo: principiou caminhando mais depressa outra vez. Lá na esquina em frente despontavam alguns rapazes que vinham da noite de sábado, conversando alto. O homem pretendeu parar, hesitou. Acabou atravessando apenas a rua, tomando o outro passeio pra não topa de frente com os rapazes. Enfim chegara na alameda do Triunfo. Três quarteirões mais longe devia ser a casa onde morava, pelo que afirmara o Alfredo. Na esquina era o botequim de seu Basílio, que estava fechando. O português chegou na última porta ainda entreaberta, pediu licença aos três operários, fechou a porta com um “boa noite” malcriado. Mas os operários estavam mais falantes com a cerveja do sábado, chegaram até à beira da calçada e se deixaram ficar ali mesmo, naquela conversa.

O homem vinha chegando e aos poucos diminuía o andar, observando a manobra do botequim. Diminuiu o passo mais, dando tempo a que os operários se afastassem. Afinal parou. Os três homens tinham ficado ali conversando, e ele estacou, olhou pra trás, pretendendo voltar caminho, talvez. Depois ficou imóvel, aproveitando o tronco da árvore, disposto a esperar. Dali espiava os operários sem ser visto. Lhe dava aquela inquietação subitânea, voltava-se rápido. Parecia temer que alguém viesse pela calçada e o apanhasse escondido ali. Mas a rua estava deserta, não passava mais ninguém.

A situação durava assim pra mais de um quarto de hora e os operários não davam mostra de partir. O homem esperando sempre, só que a impaciência crescia nele. Olhava a todo instante o relógio, como se tivesse hora marcada, olhos pregados nos três vultos da esquina. Falavam alto, a conversa chegava até junto dele, uma conversa qualquer. Agora vinha lá do lado oposto da alameda, o rondante, na indiferença, bem pelo meio da rua, batendo o tacão da botina, no despolicamento proverbial desta cidade. O guarda, fosse pelo que fosse, ao menos pra mostrar força diante da gente na cerveja, resolveu enticar com os operários. E parou na esquina também, olhando franco os homens, rolando o bastão no pulso. Os operários nem se deram por achados.

De longe, meio esquecido do esconderijo, o homem agora imóvel, devorava a cena, olhos escancarados sem piscar. O guarda, vendo que os operários não se intimidavam com a presença dele, resolveu fazer uma demonstração de autoridade. Se dirigiu calmo aos homens, que pararam a conversa, esperando o que o polícia ia falar. O homem chegou a sair com o corpo todo de trás do tronco, na ânsia de escutar o que o guarda dizia. Mas este falava baixo, resolvido a principiar pelo conselho, paternal. Nasceu uma troca de palavras mas pequena, acabou logo, porque os operários não estavam pra discutir com um rondante ranzinza. Resolveram obedecer. Aliás era tarde mesmo. Foram-se embora, ainda conversando mais alto de propósito, forçando a voz, só porque o guarda falara que eles estavam acordando quem dormia nas casas. O polícia percebeu, ficou com raiva, mas também não estava muito disposto a se incomodar, que afinal os operários eram três, bem fortes. Ficou olhando, mãos na cinta, ameaçador, quando os três já estavam bem longe, sacudiu a cabeça agressiva e dobrou a esquina, continuando o seu fingimento de ronda, batendo *tacão*.

O homem se viu só. Houve um relaxamento de músculos pelo corpo dele, os ombros caíram, veio o suspiro de alívio. Reprincipiou a andar devagarinho, calmo outra vez. Na esquina ainda parou, espiando se o guarda ia longe. Nem sombra de guarda mais. Atravessou mais rápido a rua, passou pelo boteco do português, e agora andava com precaução, tirando o molho volumoso de chaves do bolso. Chegado em frente duma porta, foi disfarçadamente se dirigindo para a beira da calçada. Parou sobre a guia, aproveitando a sombra da árvore pra se esconder. Virou os olhos para um lado e outro, examinando a alameda. Num momento, se dirigiu quase num pulo para a porta, abriu-a, deslizou pela abertura, fechou a porta atrás de si, dando três voltas à chave.

[de *Contos Novos*. São Paulo, 12/04/1943 - 15/06/43; versão nova do final, 21/04/43]

Glossário

Asperejou: repreender com violência.

Polcas: dança de andamento rápido, em compasso de 2 por 4, de origem polonesa

Dólmã: Casaco cintado, abotoado de cima a baixo, mais comumente usado por militares.

Canaranas: cana brava, planta gramínea.

Dianhos: o mesmo que diabos.

Tento: atenção; juízo, tino.

Tacão: Salto grosseiro de um calçado. [FIG] batida de pés no chão, com gesto de autoridade.

HISTÓRIA COM DATA'

a Antônio V. de Azevedo

Agitação desusada no hospital. Telefonemas e telefonemas. A todo instante chegavam automóveis particulares. Numa das salas a cena difícil das pessoas que perderam alguém. As lágrimas já cansadas paravam pouco a pouco nos olhos de irmãos tias e da sra. Figueiredo Azoé mãe do "infeliz rapaz"². Entrelaçavam-se na penumbra do aposento soluços desritmados suspiros frases vulgares de consolo.

- Viverá.
- Tenha esperança, minha amiga.
- Meu filho... meu filho!
- Sossegue!
- Quanto tempo!... desespero!...
- Tome um pouco de café.
- Não.
- Tome!
- Não quero.
- Tome... Reabilita.

O pai acabou tomando o café. Telefonemas e telefonemas. A todo instante chegavam automóveis particulares.

Tratava-se de Alberto de Figueiredo Azoé 25 anos aviador, descendente duma das mais antigas famílias do Jardim América. Nessa manhã de 13 abriu asas no Caudron. Ao realizar uma acrobacia a pouca altura o motor não funcionara a tempo. O avião se espatifara na rua Jaguaribe a 20 metros do Hospital. Pronto socorro. Telefone. E fortificados pelo pedido da família os três grandes cirurgiões tomaram conta do "imprudente moço"³. Era ainda um desses exemplos do que Gustavo Le Bon chamou a "ironia dos desastres."⁴ Nenhuma lesão no corpo. Apenas um estilhaço de motor esmigalhara parte do cérebro do "arrojado aviador."⁵ Transportaram-no ainda vivendo pra sala das operações.

Dois médicos perplexos:

- Morre. É inútil.
- Morre.

O terceiro curioso inventivo. Riquíssimo subconsciente.

Um homem pobre ultrapassando talvez os 40 anos morria duma lesão cardíaca no hospital. Ninguém que o chorasse. Linda morte.

1 N. E.- Com base na edição de *Obra imatura*, editora Agir, 2009, com texto estabelecido por Aline Nogueira Marques e cordenação editorial de Telê Ancona Lopes. Este conto é acompanhado de notas originais do autor, anotadas como N.O. Neste conto, optamos, pela brevidade, traduzir os textos em francês em notas de rodapé.

2 N.O. - *Jornal do Comércio*, 14 de fevereiro de 1931.

3 N.O.- *Estado de S. Paulo*, 14 de fevereiro de 1931.

4 N.O. - G. Le Bon: *La psychologie du hasard*, p. 836. Alcan.

5 N.O. - *Gazeta*, 14 de fevereiro de 1931.

O terceiro operador falou. Repulsas. Risadas. O terceiro operador mesmo sorrindo insistiu com mais energia.

— Porque não! Ele morre mesmo. O outro morre fatalmente, sem lesão alguma no cérebro. Poderemos salvar ao menos um. Vocês parecem estar ainda no tempo do doutor Carrel... E Chimiowsky, com o coração?... Tenta-se!

Depois deu de ombros e derrubou a cinza do charuto. Houve perguntas para fora da sala-de-operações. As freiras correram. Transportes.

A madre superiora abriu a porta da sala-de-visitadas. A ansiosa interrogação dos olhos, das mãos de todos. A comovente interrogação das lágrimas da sra. Figueiredo Azoé.

— Vai tudo bem. A operação acabou agora. Dr. Xis garante a salvação.

Pouco depois o Dr. Ípsilon amigo da família apareceu. Rodearam-no puxaram-no. Ensurdeceram-no de perguntas.

— Sossegue, dona Clotilde. O caso é gravíssimo, não posso negar mas a operação foi bem. Alberto é forte, perdeu pouco sangue... Fizemos. Uma trepanação... Esperemos que se salve...

Pendiam-lhe dos óculos umas vergonhas hesitantes.

Em trêmula sequela a mãe, o pai, os irmãos foram ver de longe Alberto a dormir. Depois o Dr. Xis exigiu o afastamento da família até a cura do rapaz. A comoção, explicava, provocada pela revivescência das imagens poderia causar até a morte⁶ ou no mínimo uma idiotia de 1º grau. Quanto a qualquer possível lesão que o mecanismo cerebral apresentasse sempre seria tempo de “constatá-la” (sic).

O período da morte passou. Alberto convalescia rápido.

Nada quase falava. Beijava comovido a mão da freira que o tratava. Tinha lágrimas de gratidão para os médicos.

Fato curioso registrado pelas freiras é que à medida que Alberto sarava o Dr. Xis tornava-se mais e mais inquieto. Agitação contínua. Cóleras sem razão. Perguntas esquisitas que espantavam a enfermeira. Se o doente ia tão bem! Passava os dias mirando as próprias mãos. Nada de anormal.

Mas o Dr. Xis sentado à cabeceira do rapaz. Que dedicação! O sr. Felisberto Azoé ouviu que pretendia presenteá-lo com um cheque de 40 contos (quarenta contos de réis). E tão dedicado quanto inflexível. Nada de permitir que a família se aproximasse do moço. Por uma das janelas do hospital apenas o viam passear agora pelo braço do Dr. Xis nos pátios de sol.

O Dr. Ípsilon é que esfregava as mãos satisfeitíssimo. Um dia perguntara a Alberto:

— Lembras-te de mim?

O outro chorando lhe beijara a mão:

— Lembro sim senhor.

6 N.O. - Vide a totalidade dos romances do séc. 19.

Desde então o Dr. Ípsilon esfregava as mãos satisfeitíssimo.

— O nosso trabalho foi admirável. Quando o comunicarmos à Sociedade de Medicina e Cirurgia creio que o mundo inteiro se espantará. Dona Clotilde, seu filho está salvo!

E ao Dr. Xis três vezes por dia:

- Não começaste ainda o relatório?
- Espere.

Alberto estava bom. Caminhava por si.

Dr. Xis estava mal. Hesitava.

Um dia no entanto encontrou o moço gesticulando suecamente. Sorriu. Alberto parara a ginástica.

- Seu doutor, já estou bom. Queria sair.
- Sairás breve. Agora vamos dar uma volta pelo jardim.

Alberto caminhava firme alegre. O Dr. Xis seguia-o lateralmente um pouco atrás. Na aleia de trânsito junto à porta um automóvel. Alberto parou olhando a máquina. Caminhou para ela. Sentou-se no lugar do motorista. A máquina moveu-se rápida habilíssima. Fez a volta do gramado e descansou no ponto de partida⁷. Dr. Xis acendeu o charuto.

- Sabes guiar automóvel?
- ...sei?... murmurou espantadíssimo.

Depois de olhar muito as pernas vago quase sorrindo Alberto murmurou:

- Parece que espichei, seu doutor!

Era curiosa a agitação do Dr. Xis. Dedos de gelatina. Até deixou cair o charuto.

- Não é nada. Voltemos.
- Não começaste ainda o relatório?
- Vais dizer ao sr. Azoé que lhe levo o filho amanhã. Que a casa esteja como sempre sem modificação alguma.

E o Dr. Xis fez o barbeiro entrar no quarto do rapaz.

- Vai fazer-te a barba...

Alberto sentou no lugar que lhe indicavam. O barbeiro trabalhou entre dois silêncios.

⁷ N.O. - Ebbinghaus: *Der Gedachtnis und der Muskel*, p. 777. Schmidt und Gunther.

— Agora vem lavar o rosto no quarto pegado. O lavatório de lá é maior.

No quarto de Alberto o Dr. Xis fizera substituir o lavatório por uma mesa onde se de-
sera bacia e jarro.

Alberto foi. Ao inclinar-se para lavar o rosto viu-se refletido no espelho. Parou: Depois,
quase a gritar horrorizado guardando os olhos no braço:

— Não!

Imediatamente o médico se fechara por dentro com o rapaz.

— Não... Não sou!...

Entressorria medroso. Depois começou a chorar. Dr. Xis seguia-lhe os movimentos, Al-
berto voltou ao espelho. Fugiu dele apavorado. Quis partir. Foi esconder-se no corpo do Dr. Xis
como uma virgem.

— Quem é, seu doutor!... Quem é esse homem...

— Sossega, meu rapaz. Sou eu.

— Não, o outro!

— Estamos sós. Vem comigo!

Atraía-o para o espelho. Alberto com lindas forças venceu o médico.

— Não quero!

— Sossega, Alberto!!

— Alberto?... quem é Alberto!

— És tu.

— Eu!... Não! deve ser o outro... o moço!...

Apalpava-se desesperado. Os olhos giragiravam no limite das órbitas, infantis como
num esforço para ver o rosto a que pertenciam.

— Acalma-te. Qual é teu nome então?

— ...o outro... Não! Eu... eu sou José!

Dr. Xis aguentou a custo o golpe. Ficou gelo. Voltando do espanto: Acalma-te e escu-
ta. És Alberto.

— Não! Sou José!

— Escuta primeiro, já disse! Estiveste muito doente ouviste? Segue bem o que te digo.
És Alberto de Figueiredo Azoé. És aviador. Tua mãe é dona Clotilde de Figueiredo Azoé ouviste?
Caíste do aeroplano. Quebraste a cabeça. Fizemos uma operação muito difícil. Por isso estás

assim como quem não se lembra. Pensas que és outro. Mas tu és Alberto de Figueiredo Azoé. Vamos, repete o teu nome!

— Alberto de Figueiredo Azoé...

— Sou eu que te digo, ouviste bem? Teu médico. Que te salvou da morte. És filho do sr. Felisberto Azoé teu pai. És aviador. Não te lembras... És muito rico.

Alberto, Alberto ou José? escutava. O médico parou observando-o. Desenhou-se um sorriso mal feito nos lábios do moço. Sacudiu a cabeça desolado. Apertava as faces com mãos desesperadas. Não sentia⁸ Alberto de Figueiredo Azoé.

— Agora estás mais calmo. Vem ver o teu rosto no espelho.

— Não, seu doutor! pelo amor de Deus! faz favore... no!!

Empuxado, reagia quase com grito.

— Vem! Quero que sejas Alberto de Figueiredo Azoé⁹.

— Não! non ancora!... lo...

Parou indeciso. Escutou as últimas palavras que saltavam fugitivas no aposento. O doutor:

— Lei parla italiano?

— Si! Sono proprio d'Italia!... ma... não... Não!

As palavras saíam perturbadas com acento inverídico de quem não sabe falar italiano. De boca desacostumada a pronunciar o italiano.

— Descansa. Vamos pro teu quarto.

E lá:

— Deita-te. Fico a teu lado. Pensa bem, Alberto: tua cabeça ainda está doente pelo choque. Perdeste a memória. Só te lembras de coisas de que ouviste falar¹⁰. Pensa bem no que te digo: és Alberto Figueiredo Azoé. Amanhã verás teus pais e irmãos de que não te lembras. Deves conhecê-los ouviste? Sofrerão muito se te mostrares esquecido. Pensa agora em tudo isto. Não és José ouviste bem! Responde que estás ouvindo, acreditando... Responde, Alberto!...

Alberto ou José moveu lábios sem frase abúlico.

E o doutor sentado à cabeceira do moço falou e continuou falando. Meia hora depois inda remoía persuasões. Alberto adormecera entre elas. Duas fundas rugas penduradas das abas do nariz guardavam como parênteses as frases que aquela boca falaria e não lhe pertenceriam.

8 N.O. - Ribot: Pathologie frénétique des changements de personnalité, Alcan p. 83.

9 N.O. - Bergson: Le règne de la volonté, Garnier p. 135; W. James: The Irradiations of Wish, Century Co. pp. 14 e 15.

10 N.O. - Ribot: op. cit., p. 249.

Às 17 horas acordaram-no para o jantar. Comeu bem. Era pequeno o abatimento. O Dr. Xis quando ambos sós tentou a experiência:

- Alberto!
- Que é?

O médico sorriu agradecido. Aproximou-se. Pôs-lhe sob os olhos o livro aberto e apontou para as letras.

- Conheces isto?
- Como não!... são letras.
- Sabes ler?

Os olhos de Alberto fixaram mais as letras, correram fácil e exatamente pelas linhas. Espantado o moço murmurou como se perguntasse:

- Não?...

E voltou a seguir as linhas do papel numa ânsia de reconhecimento. Dr. Xis fê-lo sentar-se junto à mesa. Deu-lhe o lápis.

- Escreve.

Sobre as folhas esparsas o moço traçou a princípio firme, com letra esportiva:

“Rose mon chouchou 120 cavalos Part Alberto 30 record Rose-Roice mon chouchou Caudron Grevix¹¹ mon choudron...”¹²

Dr. Xis arrancou-lhe o lápis da mão.

Às 20 horas deu-lhe uma beberagem. Alberto adormeceu. Foi transportado, assim dormindo, para casa.

– Minha senhora, seu filho sarou. Mas a lesão foi muito grave... Ficou com a memória um tanto perturbada...

- Meu filho está louco!

– Sossegue. Não se trata de loucura. Apenas a memória... Abandono parcial de memória. Mas sara. Sarará! É preciso aos poucos incutir-lhe no espírito quem ele é. Por um fenómeno que... se dá frequentemente nesses traumatismos acredita ser outra pessoa... Naturalmente cuja história o impressionou.

- Meu filho!

O pranto necessário.

¹¹ N.O. - Célebre boxista senegalês da época. V. La vie au grand air, dezembro 1932.

¹² N. E. - Tradução aproximada de um suposto telegrama: “Rose, minha querida, 120 cavalos compartilhar Alberto 30 grave Rose-Roice meu querido Caudron Grevix, minha querida”.

— Afirmo-lhe que sara. Devemos aos poucos reeducá-lo. Esqueceu-se um pouco por exemplo... de ler. Mas a memória voltará. É preciso que tudo se passe como antigamente.

— Meu pobre filho! Naturalmente nem se lembra de sua mãe!...

— Minha senhora, descanse em mim! O quarto dele está pronto?

— Sim. Não alteramos nada.

— É preciso fazer-lhe reviver os costumes antigos...

— Era eu que ia acordá-lo sempre quando ele não se (solução) levantava muito cedo para ir nadar...

Levava o café para ele...

— Pois a senhora continuará a levar-lhe o café. Irá acordá-lo amanhã. Estarei aqui. Não: prefiro passar a noite aqui, nalgum quarto pegado ao dele, não tem?

— Não tem.

— Pois terá a bondade de ordenar que me deixem uma poltrona junto da porta. Dormirei nela.

— Doutor! quanta bondade!... Doutor...

Alberto dormia sossegadamente.

Às nove horas do dia seguinte a senhora Figueiredo Azoé num penteador muito roxo acordou o médico. O sobressalto do Dr. Xis espantou-a:

— Que é!

— Desculpe, doutor. Apareço assim porque era assim que ia acordá-lo. Alberto gostava de roxo...

— Fez bem.

— Geralmente acordava às nove... Já são oito e três quartos... Trago o café...

Num arranco de desesperada aventura o médico largou:

— Pois vamos!

Entraram. Ela entreabriu uma das janelas. O raio curioso esquadrinhou o aposento.

— Era assim mesmo que ele dormia.

O rapaz tirara a coberta leve que lhe tinham posto sobre o corpo e de pernas abertas pousando a cabeça num dos braços era como um lutador cansado.

— Alberto! Alberto!...

O “digno sucessor de Edu Chaves”¹³ se moveu mole, abriu os olhos. Consertou a posição dormindo outra vez. Dona Clotilde estava com medo do filho. Venceu-se:

— Alberto!... Sou eu! Tua mãe...

Parava indecisa. Esforçava-se por repetir as frases costumeiras. Não se lembrava. Tudo agora lhe parecia tão artificial, tão inexato!

— São horas... Trago o café!!

O moço resmungou inconsciente. Abriu os olhos acordado. O reflexo do espelho iluminava o corpo da “ilustre dama”¹⁴. Alberto sorriu-lhe como sempre e murmurou o eterno:

— Ora, mamãe!...

Escutou-se atraído. E fixou mais a mulher. E num pulo sentou-se na cama. Dona Clotilde recuou amedrontada. Dr. Xis aproximou-se.

— Bom-dia, Alberto.

Agarrado ao médico, doído, pedindo proteção:

— Seu doutor!

— Sou eu, Alberto.

— Alberto!?!...

— Sim: Alberto. Esta senhora é tua mãe.

— Não tenho mãe!...

— Esta senhora é tua mãe. Lembra-te do que te disse ontem, Alberto. Estiveste doente! Esqueceste!

— Não, seu Doutor! Quero ir s’embora! vamos!

E no espelho da guarda-casacas viu um moço quase conhecido agarrado ao doutor. Olhou para este. Procurou-lhe em torno... Encontrou suas próprias, não, mãos longas musculosas agarradas ao paletó do médico. Começou a chorar todo infeliz.

A senhora Azoé chorava também, sem naturalidade uma das mãos ocupada com a xícara. O duplo sofrimento das mães! Sofrem a dor dos filhos e a sua dor de mães! Como se não lhes bastassem as deformações prematuras e o castigo luminoso dos partos como outros tantos pelicanos...

O Dr. Xis procurou dar fim à cena. Ia pronunciar o “sossega, meu rapaz” mas reparou que já dissera essa frase muitas vezes e mudou:

— Acalme-se, Alberto! Precisas acostumar-te à tua nova situação. Não te recordas por que estiveste doente.

13 N.O. - Diário Popular, 22 de março de 1931.

14 N. O. - Cigarra, 20 de dezembro de 1929. Sob uma fotografia da Liga das Senhoras Católicas.

O médico falava dificilmente agora. Devido ao caso do “sossega”, sem querer, contra a vontade mesmo começara a policiar a própria fala. Em vez de “lembras” corrigira para “recordas”. Foi Alberto que terminou a situação cansado de reagir:

— Não me lembro de nada disso tudo que seu doutor está dizendo... Eu não tinha... mãe. Sou José... Eu me lembro de mim sozinho (aqui fazia esforços de rugas para lembrar). Em criança fiz viagem... Tinha um homem com um dente na boca que fumava um cachimbo fedido... não me lembro!... O homem com uma ferida sarada parecia de navalha na cara... Outro homem dizia que era meu tio... Meu tio e minha tia... Depois na colônia... Eu fugi mocinho...

A senhora Figueiredo Azoé soluçava alto.

— ...Minha mãe...?

E José, não, Alberto, Alberto ou José? queria lembrar sofria. Muita coisa nos olhos nas mãos que dizia que parecia que era assim mesmo¹⁵. Mas se sabia que não era assim!

— Alberto, estás martirizando tua mãe. Cala-te! Contas alguma história que te impressionou. Sossega, meu... Veste-te. Estou aqui!

Alberto cedeu como quem cede para o aniquilamento.

Desceu da cama pela direita onde moravam as chinelas. Abriu as torneiras do lavatório. Lavou-se. Penteou-se. Foi buscar as meias limpas na gaveta exata. E calçava as calças depois as botinas depois pôs a camisa o colarinho a gravata... Parava às vezes indeciso, outras envergonhado de saber... Então era preciso que o doutor lhe desse as calças... e depois o colarinho... Alberto continuava maquinalmente entregue à dura sorte feliz.

— Estás vendo como te lembras?... Se fosses esse outro como saberias onde estavam as meias as botinas?... Agora precisas de paciência ouviste? Irás de novo aprendendo o que esqueceste, verás.

Alberto procurava qualquer coisa. Devia ser o paletó... Assim ao menos pensava o Dr. Xis dando-lhe o paletó. Alberto vestiu-o. Exausto foi tirar duma gaveta a escova de roupas. Esfregou vivamente as calças, unicamente as calças como se o paletó não merecesse limpeza. Depois jogou a escova sobre a cama e abrindo o guarda-roupa tirou o pijama de seda roxa. Começou a vesti-lo sobre o paletó. Parou percebendo o engano. Envergonhado olhou o médico. Guardou o pijama de novo.

— Agora, Alberto, vais ver teus irmãos, teu pai, Felisberto Azoé.

Ao saírem do aposento houve do outro lado da galeria um esvoaçar fugitivo de saias passos que desciam a escada. Alberto olhava desconfiado para o Dr. Xis. A família estava toda no hall. Impaciência irreprimível em cada olhar. Talvez dor. Aquela reunião tantas pessoas o criado que espiava... O moço sentiu-se em terra estranha. Fez um movimento de recuo.

— Teu pai, Alberto. Não te lembras? tua irmã, teus irmãos...

¹⁵ N. O. - Ribot: Les reconnaissances musculaires, Alcan p. 101.

– Seu doutor, vamos embora!...

Apertava a mão do operador. Criança a proteger-se. E baixinho dolorido:

– Não... não... Não lembro!... sou o outro... sou...

– Cala-te, Alberto! Já te disse que não és o outro! Esta é a tua família... teu pai...

Alberto chorava sem largar o médico. A família chorava. O Dr. Xis... Mas o rapaz levantara a cabeça resolvido. Cessaram-lhe as lágrimas.

– Vamos embora! Não fico mais aqui!

– Sossega, Alberto. É tua famil...

– Não é minha família! Sou o outro. Sou José! Quero ir embora!!

– Ir para onde, então!

– Para casa!

– Aonde?

– Para minha casa, com a Amélia. Minha mulher... rua Barbosa... Quero ir!

E procurava alguma coisa. Dirigiu-se enfim para a porta que dava no jardim interior. O médico alcançou-o.

– Espera um pouco. Mando buscar tua mulher. Verás que a não conheces. Espera!

– Quero ir com Amélia!¹⁶

– Escuta, Alberto, estou falando! Já disse que mando buscar essa Amélia! Vais esperar. Esperas comigo, não te deixo. Rua Barbosa... que número?

– Rua Barbosa... não tem número. Última casa da direita.

Ninguém sabia onde era a rua Barbosa.

– Onde fica a rua Barbosa, Alberto?

– Na Lapa... Atrás da fábrica de louças. Um dos Azoés partiu rápido.

Alberto esperava impaciente. Parecia não ver ninguém. Andava pela sala. Sentava-se. Erguia-se. Reparava em todos francamente. Depois envergonhava-se. Vinha para junto do médico. Um momento, com gestos largos cheios de liberdade sentou-se na grande cadeira preguiçosa. Assobiou dum modo especial. Logo os latidos dum cão. E o enorme policial apareceu. Que festas para o dono! Alberto quis reconhecê-lo. Seus lábios juntaram-se abriram-se como querendo dizer um nome... Teve medo daquele cão. Quis erguer-se. Defendeu-se.

– É Dempsey, meu filho!

– Tirem esse cachorro! Me morde!...

¹⁶ N. O. - Ribot: Les reconnaissances musculaires, Alcan p. 101.

Foi preciso tirar Dempsey dali. E daí em diante os uivos do cão compassando as cenas.

Trinta minutos depois o automóvel voltava. Luís fez entrar a mulata forte com as mãos gretadas pela aspereza das águas no ofício de lavar. Entrou olhando sem medo. Saudou consentando o xale preto.

— Conheces, Alberto? É Amélia.

Alberto correu para ela. Segurou fortemente o braço da admirada.

— Vamos embora, Amélia! Não fico aqui!

— Largue de mim, moço!

— Sou eu, teu homem!... José...

— Meu homem morreu na Santa-Casa... Deus Nosso Senhor Jesus Cristo lhe tenha!

— Não morreu! Sarei! Sou eu, José!

Amélia recuou amedrontada:

— Esse moço está doido, credo!

Alberto agarrava desesperado raivoso suplicante:

— Não me deixe aqui! Estão caçoando de mim... Sou José!

O Dr. Xis que se aproxima toma um soco no peito.

— Me largue, moço! Que é isso agora!

— Amélia, não te lembras! Me leve!... Teu...

— Me largue já disse! Meu pobre José está no Araçá! Foi então para isso que me cham... ahm... me largue!

Debatia-se nas mãos do rapaz. Dois fortes a lutar. Esfregavam-se na parede junto à porta.

— Tirem esse moço daqui. Eu grito! Socorro!

Acudiram. O sr. Azoé o médico os rapazes. Alberto não largava a mulata. Desenvenciou-se repentinamente do irmão que o agarrara por trás, moveu o cacho de gente, empurrou-o para o centro da sala. Correu para a porta. Fechou-a. E olhou todos com olhos duplicados da loucura de resolução.

— Não queres me levar, desgraçada! Eu conto tudo! assassina!... me leva?...

Amélia resoluta armara-se dum vaso onde uma palmeirinha lutava por viver. Que saudades do aclave aquoso sempre verde, onde junto das irmãs e das *avencas* faceiras escutava noite e dia o reboio pluvial da cascata! Nas tardes, quando o céu arcoirizado...

— Segurem o moço que eu atiro!... atiro mesmo... se ele vier outra vez...

A senhora Figueiredo Azoé levantou-se diante do filho, como a estátua do devotamento e do sacrifício, protegendo-o. O sr. Azoé os rapazes lutando com a lavadeira.

— Ah!... (rascante) É assim? Não queres me levar, desgraçada!... Vou para a correição... Mas tens de ir também. Não ficas com o Júlio, já sei! Ela matou! Assassina! Matou os dois filhos... Quando nasceram. Matou os dois filhos! Não queríamos crianças... Ela enterrou no quintal. Em Moji. O outro antes de nascer. Assassina! Vou parar na cad...

— Cachorro!

O vaso, desviado, se espatifou no meio da sala. Coitada palmeirinha!

— Prendam ela!... Figlia dun cane (cão)! É verdade... lo... juro!...

— É mentira! Não conheço esse homem!

— Prendam! Assassina!... No jardim perto da escada...

— Não!... não conheço!... Não me prendam! não fiz nada!... Foi ele que quis... Perdão!... Não conheço esse moço... nunca vi... Foi o outro, foi José que quis... Perdão!

— Fui eu! mas foi ela também!

Atirou-se sobre a mulata. Ela voltou-lhe uma punhada na cara. Alberto desviou com gesto grácil de boxista¹⁷. Atracaram-se de novo. Ela dilacerou-lhe a mão com os dentes. Prendam!... Sujo! Maldito!... Foi um custo. Assassina! Com o barulho os criados, o motorista acorreram. Prendam! Ela também!... Me largue!... Braços punhos. Embrulho. Barulho. Foi difícil. Afinal os homens conseguiram separar os dois. Amélia liberta fugiu por uma porta. Desapareceu. A cólera de Alberto, Alberto ou José? foi tremenda. Berrava termos repetidos numa língua infame. Socava os que o prendiam. Machucara fortemente um dos irmãos. Depois diminuiu a resistência pouco a pouco. Suor frio lhe irisava a fronte. A palidez. E desmaiou.

O esforço para livrá-lo do desmaio continuava... A campanha tocou. Um repórter. Mandado embora. Depois do desmaio a prostração. A campanha tocou. Outro repórter. Mandado embora. A campanha tocou. O primeiro repórter insistia. Mandado embora. Desordem. Criados comentando... Automóvel de prontidão. O motorista lia desatento uma passagem do romance em folhetos A filha do enforcado. O conde de Vareuse, devido a velho ódio de família fora enforcado por um sobrinho. Apenas o filho corcunda de Jacquot fiel criado do sr. de Plessis amigo íntimo do conde presenciara o assassinio. Aconteceu porém que justamente na noite do delito Germaine a filha do conde era roubada por uns ciganos espanhóis. Isto se deu no reinado de Carlos V. Germaine tinha nesse tempo apenas cinco anos. Ora o corcundinha irmão-de-leite do sobrinho assassino hesitava ainda em contar o que vira quando é roubado também pelos ciganos. Mas ele não conhecia Germaine. O procurador ou coisa que o valha, da imensa fortuna do conde de Vareuse, mestre Leonard vendo a condessa viúva enlouquecer com a perda da filha concebe um plano diabólico. Apossa-se da personalidade do conde de Vareuse com o qual muito se parecia más línguas davam-no mesmo como filho-postiço

¹⁷ N.O. - Ribot: Les reconnaissances musculaires, Alcan p. 101.

do velho pai do conde ainda vivo mas cego e paralítico numa velha propriedade no Languedoc. O procurador pois apossa-se de todos os papéis do conde e muda-se para a Inglaterra onde se domicilia. Atinge logo uma das mais fulgurantes posições na elite londrina. Casa-se com a filha de Lord Chaney¹⁸ e tem desta uma filha. Passam-se doze anos. O filho do assassino do conde então com vinte-e-três anos brilhantíssima inteligência parte numa comissão diplomática para a Rússia. É nesse instante justamente que a condessa de Vareuse que o procurador mandara para a casa duns antigos apaniguados seus na Boemia recobra a razão ao ouvir um lindo moço de seus vinte anos mais ou menos e que aparentava grande riqueza e sangue puro, viajante recém-chegado na aldeia entoar uma balada. Ora o interessantíssimo do caso é que essa balada fora composta pela própria condessa, exímia tocadora de harpa que porém não a revelara a ninguém. (A balada) Somente cantarolava-a às vezes para adormentar a filha, que era doentia e sofria de insônias. E se a condessa jamais cantava perto de qualquer pessoa essa balada, era porque dizia a própria história dela. Tratava-se dum moço que se deixara levar pelos encantos dum estudante e que diante da impossibilidade de casar com o namorado pois era de grã nobreza (a condessa) entregara-se voluntariamente a ele num assomo de paixão. Nasceu um filho que a família encobriera e fizera desaparecer. Nesse tempo Germaine com o corcundinha desesperadamente apaixonado por ela conseguiram livrar-se das garras dos ciganos e fugir para a Itália num navio de vela pertencente a mercadores marseheses. No mesmo navio seguia também um rapaz nobre italiano que fora chamado urgentemente a Nápoles onde uma terrível conspiração se organizava entre os membros dum sociedade secreta indiana, os Treze Irmãos da Pantera Vermelha, para assassinar Carlos V. Ora o príncipe Lotti que tal era o nome do moço viajante a bordo da Reine Marie estava disposto a se dedicar pelo rei por gratidões de família que não interessam aqui. Eis que a Reine Marie é atacada por piratas tunisianos. Prestes a entregar-se já. O príncipe defendia Germaine heroicamente tendo ao lado o fiel Jean o corcundinha. Mas surge a todo pano velejando uma fragata de guerra francesa. Fogem os piratas. A maruja da Reine Marie canta vitória. Germaine e o príncipe Lotti, pois que a guerra lhes revelou o mútuo amor estão abraçados ouvindo as últimas palavras de Jean agonizante. Jean que durante toda a vida se calara por não criar um sentimento de ódio na alma pura de Germaine pretendendo ele só vingá-la mais tarde vê-se obrigado agora a revelar tudo o que sabe. O príncipe Lotti e Germaine ainda trêmulos de horror vão para bordo do navio de guerra francês onde os recebe justamente quem! O filho do assassino do pai de Germaine, o jovem diplomata que por desfastio se partira para a Rússia por caminho que a fantasia aconselhava. Mas imediatamente o filho do assassino concebe infinito amor por Germaine. Esta, o príncipe e o filho do assassino descem em Gênova. E justamente para a hospedaria onde vão está a condessa de Vareuse e o filho. No momento em que Germaine é perseguida pelo filho do assassino e surge o irmão para defendê-la, um criado vem conversar com o motorista.

— Vamos almoçar. É quase meio-dia.

O Dr. Xis, que dedicação! sempre ao lado do doente.

Falara-lhe longamente, persuasivamente. Contou-lhe então toda a aventura. Era a última esperança: dizer tudo. O Dr. Xis disse tudo: o desastre, a operação, a substituição de cérebros e descreveu-lhe por fim a fortuna dele, José, cérebro de José, agora moço rico feliz...

Alberto abandonado sobre o leito como que ouvia e aceitava. Muito calmo. Quando o operador parou maior momento Alberto ou José abanou a cabeça.

— Não... Sou José. Quando eu... o outro agora me lembro estava morrendo fiz uma promessa para S. Vito de contar tudo se salvasse. Estou vivo. Sinto que estou vivo... Mudei...

¹⁸ N.O. - Não confundir com Lon Chaney.

Não! não sou eu!... Este não!... Sou o outro!... Sou o outro!... Sou o criminoso!... Este é inocente!... não matou meus dois filhos... Foi o outro, eu, José... Dio!...

Soluçava horrorizado, desesperado. Neste momento o Dr. Xis viu o rosto do Dr. Xis refletido no espelho. Era um homem de trinta anos, no máximo. Ardido aventureiro mas trazia nos lábios abertos em pétalas de rosa qualquer coisa dessa sensualidade que faz ser bom, ser nobre e sentimental. Perturbado por esses vinhos parecia ao médico que os raios da luz elétrica formavam na superfície do espelho uma grade de prisão. Por trás da grade um moço. Inocente?... Criminoso?... Tão linda a operação! mas o cérebro é que sente... que manda¹⁹ mas o corpo... aviador... avião... memória muscular o incidente do automóvel... é melhor... É MILHOR!... sim, é melhor. Acaba-se duma vez...

E o Dr. Xis pôde tirar os olhos do Dr. Xis porque firmara a decisão. Telefonou para o aeródromo. Mandou ordens ao motorista.

— Como vai?...

— Alb... ele está calmo agora.

— O doutor precisa tomar alguma coisa... Vinte-e-duas horas já...

— Aceito um café... café bem forte.

— Não quer uma almofada? doutor... Passar mais uma noite assim! Como lhe poderemos pagar tanta dedicação!...

— Não fale nisso, minha senhora. Quero muito bem Alberto... Estimo-o muito (aos arrancos) muito mesmo... como... Porque, minha senhora, na minha profissão há momentos maravilhosos... Sentir-se diante dum homem moço ainda que morrerá por certo... e confiante orgulhoso diante da fatalidade... combatê-la... vencê-la pela inteligência... oh! como eu o amo... minha senhora... como a [um] filho!... sim, perdão, como se fosse meu filho também!...

E escarninhas brilhantes alegres e lépidas fugiram dos olhos do Dr. Xis as duas primeiras lágrimas da sua cirurgia.

— Amanhã tentarei uma prova... uma prova decisiva! A senhora verá! Alb... ele já aceita o que eu digo... As roupas de aviador estão aqui?

— Guardava-as no aeródromo...

— Está bem.

O Dr. Xis inflexivelmente mau para consigo escrevendo passeando fumando contou o tempo até seis da manhã.

— Acorda... meu rapaz!

Como no dia antecedente Alberto se vestiu mais ou menos bem. Começava sempre certo e firme.

Depois invariavelmente na continuação dos gestos parava indeciso. José não sabia onde estavam as botinas. Indicava-as o "imprudente e glorioso cientista"²⁰. Alberto continuava certo e firme.

19 N.O. - Lombroso: Criminologia degli irresponsabili. t. II, p. 240; F. Treves, Milano

20 N.O. - Gazeta desse dia, 22 de março de 1931.

— Seu doutor, vamos embora!

— Vamos!

O auto esperava à porta.

— Para o aeródromo.

O caudron de Alberto, 120 cavalos, riscava uma sombra de *avantesma* na relva aguda do prado. O mecânico esperava. José admirado deixou-se vestir. Menos admirado, deixou-se sentar no aeroplano. As mãos ágeis hábeis manobriram a máquina. O mecânico impulsionava a hélice lustrosa. O Dr. Xis entrava para o lugar do passageiro... O caudron deslizou subiu numa linha oblíqua macia... Os dois “ilustres representantes da ciência e do esporte paulista”²¹ foram se espedaçar muito longe nos campos vazios²².

[de “Primeiro Andar”, *Obra imatura*, 1921]

Glossário

trepanação: peração que consiste em fazer uma abertura num osso, especialmente do crânio; trépano.

idiotia: Deficiência mental, geralmente decorrente de lesões cerebraise que pode levar à incapacidade de aquisição da linguagem e à impossibilidade de uma vida autônoma.

aleia: fileira ou renque de arbustos dispostos lado a lado.

abúlico: incapacidade relativa e temporária de iniciar o que quer que seja.

avencas: plantas muito apreciadas pela beleza e delicadeza de sua folhagem, e que crescem nas rochas úmidas e nas florestas de quase todo o mundo.

apaniguados: apadrinhados; partidários apaixonados, extremados

adormentar: causar sono a, produzir sonolência; adormecer.

avantesma [abantesma]: alma de outro mundo; aparição, fantasma aterrorizante.

²¹ N.O. – Correio Paulistano, 23 de março de 1931.

²² Este conto é plagiado do AVATARA de Teófilo Gautier que eu desconhecera até hoje sem a bondade do amigo que me avisou do plágio. Mas como geralmente acontece no Brasil o plágio é melhor que o original. Quanto a Germaine conseguiu casar com o príncipe Lotti depois de mais vinte-e-três fascículos a quinhentos réis cada.

CONTO DE NATAL

a Joaquim A. Cruz

Seriam porventura dez horas da noite...

Desde muitos dias os jornais vinham polindo a curiosidade pública, estufados de notícias e reclamos de festa. O Clube Automobilístico dava o seu primeiro grande baile. Tinham vindo de Londres as marcas do *cotilhão* e corria que as prendas seriam de sublimado gosto e valor. Os restaurantes anunciavam orgiácos *revelhões* de natal. Os grêmios carnavalescos agitavam-se.

Seriam porventura dez horas da noite quando esse homem entrou na praça Antônio Prado. Trazia uma pequena mala de viagem. Chegara sem dúvida de longe e denunciava cansaço e tédio. Sírio ou judeu? Magro, *meão* na altura, dum moreno doentio abria admirativamente os olhos molhados de tristeza e calmos como um bálsamo. Barba dura sem trato. Os lábios emoldurados no crespo dos cabelos moviam-se como se rezassem. O ombro direito mais baixo que o outro parecia suportar forte peso e quem lhe visse as costas das mãos notara duas cicatrizes como feitas por balas. Fraque escuro, bastante velho. Chapéu gasto dum negro oscilante.

Desanimava. Já se retirara de muitos hotéis sempre batido pela mesma negativa:

– Que se há-de fazer! Não há mais quarto!

Alcançada a praça o judeu estacou. Pôs no chão a mala e recostado a um poste mirou o vaivém. O povo comprimia-se. Erravam maltrapilhos aos grupos conversando alto. Os burgueses passavam esmerados no trajar. No ambiente iluminado dos automóveis esplendiam os peitinhos e as carnes desnudadas e aos cachos as mulheres-da-vida roçavam pela multidão, bamboleando-se, olhos pintados, lábios incrustados de carmim. Boiando no espaço estrias de odores sensuais.

O homem olhava e olhava. Parecia admiradíssimo.

Por várias vezes fez o gesto de tirar o chapéu mas a timidez dolorosa gelava-lhe o movimento. Continuava a olhar.

– Vais ao baile do Clube?

– Não arranjei convite. Você vai?

– Onde irás hoje?

– Como não! Toda São Paulo estará lá.

– Ao *réveillon* do Hotel Sportsman.

– Vamos ao Trianon!

– Por que não vens comigo à casa dos Marques? Há lá um Souper-rose.

– Impossível.

– Por quê?

– Não Posso. Vou ter com a Amélia.

– Ah...

Tirando respeitoso o chapéu, o oriental¹ dirigiu-se por fim ao homem que dissera “ir ter com a Amélia” e perguntou-lhe com uma voz suave como os olhos – caíam-lhe os cabelos pelas orelhas, pelo colarinho:

– O senhor vai sem dúvida para o seu lar...

Decerto um louco. Não, bêbedo apenas. O outro deu de ombros. Descartou-se:

– Não.

– Mas... e o senhor poderia informar-me... não é hoje noite de Natal?...

– Parece. (E sorria.) Estamos a 24 de dezembro.

– Mas...

O homem da Amélia tocara no chapéu e partira.

Desolação, no sacudir lento da cabeça. Agarrando a maleta o judeu recomeçou a andar. Tomou pela rua de São Bento, venceu o último gomo da rua Direita, atingiu o Viaduto. A vista era maravilhosa. À direita, empinando sobre o parque fundo, o Clube Automobilístico arreado de lâmpadas de cor. A mole do edifício entrajada pelo multicolorido da eletricidade parecia um enorme foco de luz branca. Do outro lado do viaduto na esplanada *debruava* a noite o perfil dum teatro.

O judeu perdia-se na visão do espetáculo. Aproximava-se do largo espaço da esplanada onde no asfalto silencioso escorregava outro cortejo de autos. Cada carro guardava outra mulher risonha a suportar toda a riqueza no pescoço. Feixes de operários estacados aqui e além. O rutilar daqueles monumentos, o anormal da comemoração batendo na pele angulosa dos vilões fazia explodir uma faísca de admiração e cobiça. Toda a população dos bairros miseráveis despejara-se no centro. Viera divertir-se. Sim: divertir-se.

O sírio entrou por uma rua escura que *entestava* com o teatro. Incomodava-o a maleta. Num momento, unindo-se a uma casa em construção, deixou cair o trambolho entre dois suportes de andaime. Partiu ligeiro, atirando as pernas para frente, como pessoa a quem chamam atrás e não quer ouvir.

Obelisco. E na subida vagarosa, lido numa placa de esquina: Rua da Consolação. Aqui o alarido já *se espraiava* discreto na surdomudez das moradias adormecidas.

Subiu pela rua. De repente parou diante da porta. Bateu e esperou. Acolheu-o uma criada de voz áspera:

– Por que não tocou a campainha? não tem olhos? Que quer?

– Desculpe. Queria falar com o dono da casa...

– Não tem ninguém. Foram na festa.

Partiu de novo. Mais adiante animou-se a bater outra vez. Nem criada. E na aspiração de encontrar uma família em casa, batia agora de porta em porta. Desesperação febril. Persistência de poeta. Uma vez a família estava. Que divino prazer lhe paga o esforço! Mas o chefe não podia aparecer. Lamentações lá dentro. Alguém está morrendo. Deus o leve!

Mais ou menos uma hora, depois de ter subido toda a rua, o judeu desembocou na avenida. A faixa trememente da luz talhava-a pelo meio mas dos lados as árvores escureciam o

¹ Como um personagem judeu, é um homem vindo do Oriente Médio. Mas vale destacar a indeterminação na caracterização do personagem, sírio ou judeu?, diz o texto.

pavimento livre das calçadas. Entre jardins onde a vegetação prolongava sombra e frescor, as vivendas enramadas de trepadeiras, como bacantes, dormindo. Sono mortuário. Apenas ao longe gritava um edifício qualquer num acervo de luzes. O judeu parou. O pó caíara-lhe as botinas e a beirada das calças. O cansaço rasgara-lhe ruga funda sob os olhos e os lábios sempre murmurantes pendiam-lhe da boca secos e abertos. O pergaminho rofo do rosto polira-se de suor. Limpando-se descuidado, recomeçou a andar muito rápido para o lado das luzes.

Atravessados quase em carreiras vários quarteirões chegou ao trecho iluminado. Era uma praça artificial construída ao lado da avenida. Alguns degraus davam acesso à praia dos ladrilhos, onde passeavam pares muito unidos. Sob ósseos caramanchões de cimento armado agrupavam-se em redor da cerveja homens de olhares turvos, bocas fartas. Entre o zunzum da multidão brincavam nas brisas, moderadas pela distância, melodias moles de danças. Por toda a parte a mesma alegria fulgindo na luz.

Daquele miradouro via-se a cidade irrequietamente estirada sobre colinas e vales de surpresa. Os revérberos confundiam-se na claridade ambiente e nos longes recortados um grande halo mascarava de santa a Paulicéia. Apoteose.

Mas o judeu mal reparou nos enfeites com que o homem recamara aquela página da terra. Olhava apenas a multidão, perscrutava todos os olhares. Procuraria alguém?... Quase que corria no meio dos passeantes ora afastando-se ao contato de uns ora atirando-se para outros como que reconhecendo. Desiludia-se entretanto e procurava mais, procurava debatendo-se na turbamulta. Enfim desanimado partiu de novo. Ao descer os degraus do miradouro notou duas escadinhas conducentes ao subsolo. Espiou. Outro restaurante! Fugiu para a rua. A fila imóvel dos autos. Corrilhos de motoristas e a guizalhante frase obscena. Passou. Ia afundar-se de novo no deserto da avenida. Mudou de resolução. Retornou de novo para a luz. Era um espelho de suor. Caíra-lhe o chapéu para o lado e uma longa mecha de cabelos oscilava-lhe na frente como um pêndulo. Os motoristas repararam nele. Riram-se. Houve mesmo um prelúdio de vaia. Nada ouviu. Entrou de novo no miradouro. Desceu os degraus. Um negrinho todo vermelho quis recusar-lhe a entrada. O oriental imobilizou-o com o olhar. Entrou. Percorreu os compartimentos. O mesmo desperdício de luz e mais as flores, os tapetes... Bem-estar! Numa antítese à brancura reta das paredes o sensualismo de couros almofadados. E o salão nobre. E a orgia escancarada.

Todo o recinto era branco. Dispostas a poucos metros das paredes as colunas apoiavam o teto baixo no qual os candelabros plagiavam a luz solar. Esgalgos espelhos no entre-mio das portas fenestradas eram como olhos em pasmo imóvel. As flores feminilizavam colunas e alampadários, poluíam seu odor misturando-o à emanção das carnes suarentas e nessa decoração de fantasia apinhava-se comendo e bebendo sorrindo e cantando uma comparsaria heterogênea.

Bem na frente do judeu sentados em torno duma mesa estavam dois homens e uma mulher. Falavam língua estranha cheia de acentos guturais. Seriam ingleses... Os homens louros e vermelhos denunciavam a proporção considerável da altura pelo esguio dos torsos e dos membros mas a perfeição das casacas dava-lhes à figura um alto quê de aristocracia.

A mulher era profundamente bela. Trajava preto. Gaze. A fazenda envolvia-lhe a plasticidade das ancas e das pernas, dando a impressão de que o busto saísse duma caligem. O vestido como que terminava na cintura. Um tufo de tules brancos subia sem propriamente encobrir até parte dos seios, prendendo-se ao ombro esquerdo por um rubim. Sobre a perfeição daquele corpo a cabeça era outra perfeição. Na brancura multicolor da pele queimava uma boca louca rindo alto. As narículas quase vítreas palpitavam voluptuárias como asas de pombas. Os olhos eram da maior fascinação no arqueado das sobrancelhas, na ondulação

das pálpebras, no verde das pupilas más. E colmava o esplendor uma cabeleira de pesadas ondas castanhas.

Já tonta, meneando o corpo, estendendo os braços virgens de joias sobre a toalha, oferecia-se à contemplação abusiva da luz. E era também no alaranjado de sua carnadura que os dois ingleses apascentavam os olhares.

Em torno de todas as mesas, como refrão do prazer rico repetia-se a mesma tela: homens rudes acoçados pelo desejo, mulheres incastas perfeitas maravilhosas.

Do outro lado do salão a orquestra vibrou. Ritmo de dança, lento brutesco. Balançaram dois ou três pares num círculo subitamente vazio. Um dos ingleses e a mulher de preto puseram-se a dançar. Inteiramente abraçada pelo homem ela *jungia-se* a ele, agarrava-se-lhe de tal jeito que formavam um corpo só. Ondulavam na cadência da música: ora partiam céleres como numa fuga, parando longamente depois como num espasmo. Ora se afastavam um do outro num requebro, ora mais se uniam e o braço esquerdo dela rastejava como um *crótalo* no dorso negro da casaca. Dançavam com os sentidos e a mulher na ascensão do calor e da volúpia, mostrava na juntura esquerda dos lábios um começo de língua.

O judeu continuava a olhar. Seguia os pares no baloiço do tango, esforçando-se por disfarçar com a imobilidade a excitação interior. Mas seus olhos chispavam. Mas juntas nas costas tremiam-lhe as mãos mordidas pelos dedos.

Enfim vibrados os últimos acordes os dançarinos pararam. A inglesa seguida pelo parceiro, arrebatando os olhares que lhe impediam a passagem, viera sentar-se. Incrível! O judeu bufando enterrara o chapéu na cabeça, abriu o fraque com tal veemência que os botões saltaram e tirando dum bolso interno uma trífida correia de couro fustigara a espádua da mulher. Tal fora a energia da relhada que o sangue imediatamente brotava no vergão enquanto a infeliz uivava ajoelhando. O golpe arrebatara a gaze junto ao ombro. Seio lunar!

Mas o judeu malhava indiferente todas as formosuras.

Um primeiro imenso espanto paralisou a reação daqueles bêbedos. O fustigador derribando cadeiras e mesas atravessava os *renques de pusilânimes*, cortava caras braços nus. Tumulto. Balbúrdia dissonante. O mulherio berrava. Os homens temendo serem atingidos pela correia do louco fugiam dele na impiedosa comicidade das casacas. Arremessavam-lhe de longe copos e garrafas. Mas ele percorria em alargados passos o salão, castigando todos com furor. Onde a correia assentava negrejava um sulco, chispava um uivo.

Nos primeiros segundos... Depois, açulados pelo número, os homens já se expunham mais aos golpes na esperança de bater e derrubar. O círculo apertava-se. O oriental teve de defender-se. Vendo junto à parede um amontoado de mesas saltou sobre ele. Abandonara o chicote, empunhara uma cadeira, *esbordoava* com ela os que procuravam aproximar-se. Impossível atingi-lo. Seus braços moviam-se agílimos tonteando cabeças, derreando mãos.

As mulheres agrupadas à distância reagem também. As taças pratos copos atirados por elas sem nenhuma direção, acertavam nos alampadários cujos focos arrebatavam com fofos estampidos soturnos. As luzes apagadas esmoreciam a nitidez do salão e as sombras enlutavam o espaço, diluindo os corpos numa semiobscuridade pavorosa.

Mais gente que acorria. Os passeantes do miradouro atulhando as portadas saboreavam em meio susto a luta. Os motoristas procuravam roubar bebidas. A polícia telefonava pedindo reforços.

Mas o oriental já começava a arquejar. Seus lábios grunhiam entrechocantes. Uma garrafa acertara-lhe na fronte. O chapéu saltando da cabeça descobriu na empastada desordem das madeixas a rachadura sangrando. O sangue carminava-lhe o rosto, cegara-lhe o

olho esquerdo, entrava-lhe na boca e escorrendo pelo hissope da barba, espirrava sobre a matilha gotas quentes.

Afinal alguém consegue agarrar-lhe a perna. Puxa-o com força. Ele tomba batendo-se. Todos tombam sobre ele. Ninguém lhe perdoa a desforra. Os que estão atrás levantam os punhos inofensivos para o alto esperando a vez. Desapareceu. O molho de homens.

Chega a polícia. A autoridade só com muita luta usando força, livra o mísero. No charco de champanha sangue vidros estilhaçados ele jaz expirante pernas unidas, braços estendidos para os lados, olhos fixos no alto, como querendo perfurar as traves do teto e espraiar-se na claridade fosca da antemanhã.

Levaram-no entre insultos.

Todo jornal comentava o caso no dia seguinte. O público lia, rebolcado no inédito do escândalo, as invenções idiotas, as mentiras sensacionais dos noticiaristas.

Entanto, nas múltiplas edições dos diários, relegado às derradeiras páginas, repetia-se o estribilho perdido que ninguém leu. Homessa! curioso... Um guarda-noturno achara rente a uma casa em construção uma pequena mala de viagem. Aberta na mais próxima delegacia, encontraram nela entre roupas usadas e de preço pobre uma tabuinha com dizeres apagados, quatro grandes cravos carcomidos pela ferrugem e uma coroa feita com um trançado de ramos em que havia nódoas de sangue velho e restavam alguns espinhos.

[de "Primeiro Andar", *Obra imatura*, 1914]

Glossário

Reclamos [reclame]: toda sorte de publicidade feita por meio de cartaz, anúncio, prospectos etc.

cotilhão: "as marcas do cotilhão" referem-se aos acessórios ('chapéu, confete, serpentinhas etc) usados na dança do cotilhão, antiga contradança de salão, de passos complexos, semelhantes aos da quadrilha, que reunia músicas, folguedos e fantasias e com que se costumava concluir um baile. Costumavam haver brindes nessas danças.

revelhões: aportuguesamento de *réveillon*; festa de ano novo.

meão: nem grande nem pequeno; mediano.

debruava = Vem do verbo debruar que significa: Orlar com fita estreita ou cadarço uma peça de vestuário; ornar. (DICIO, 2022)

entestava: defrontar. Fazer limite com; limitar.

espraiava: [Fig.] Derramar-se, estender-se; alastrar-se, expandir-se.

pergaminho rofo: pergaminho é a pele de cabra ou ovelha, preparada com leite de cal para nela se escrever; rofo é o que tem a superfície áspera, não polida. O texto estabelece uma comparação desta pele com a pele do rosto do personagem.

halo: brilho que emana de algo ou alguém. No caso, da cidade.

guizalhante: que produz ruído semelhante ao de guizo.

Esgalgos: os espelhos eram altos e estreitos.

caligem: nevoeiro denso.

colmava: completava.

jungia-se ligava-se, ou atava-se ao parceiro.

crótalo: cascavel. No conto, a imagem dos braços como uma cascavel e seus chocalos em torno do cavalheiro.

renques de pusilânimes: No conto, uma fileira de homens fracos, frouxos, sem coragem; frouidão de caráter.

esbordoava: dar bordoada em; desferir golpes.

rebolcado: revolver-se em; charfudar-se.

OS SÍRIOS¹

Um dia afinal, depois de vinte anos de *mascate* por conta própria, se soube que aquele terreno valorizadíssimo era propriedade de Nedim. Vendera metade. Construíra aquela casa branca enfeitada, com dois andares. Botara hotel e o café em baixo. Fora buscar, não se sabia onde, uma companheira tão gasta como ele, síria medonha de feia e jorrando malvadeza pelos ângulos. Ela ficava no hotel. Ele no café e... no hotel também. Tinha olhos pra tudo e agora a economia era insultante. Mas Nedim ficara desgraçado e o sofrimento é que mudara inteiramente o jeito dele. Gastara tudo na construção do hotel. Viera, e ficara firme, a sensação de que principiara novamente do começo a ajuntar cruzado por cruzado. A coragem fora mais forte que ele e o quebrara. Tudo ia muito bem; o hotel imundo e o café lhe davam juro duma grandeza *gatuna*, mas subsistia no coitado uma sensação estragosa de que era *espoliado*, de que estavam morando na casa dele, que estavam comendo a comida dele. Quando essas fraquezas vinham, fechava os olhos pra não ver os frequentadores do café. Jamais pudera se acomodar com a sala de jantar do hotel. Não comia nela, nem passava por ela nas horas de refeição. Vinham-lhe impulsos de botar pela porta fora toda aquela gente *sugadeira*, sofria muito.

(...) De primeiro, por instinto natural mais do que por bondade, tomara o costume de dar esmolas. Dava principalmente aos paráliticos, por uma transposição curiosa de personalidade. Mascateava a pé por esses mundos e em cada parálítico que via, se via impossibilitado de caminhar, ou via toda uma profissão itinerante acabada, pela impossibilidade física dum só. Então dava. Dava com a mesma irregularidade sentimental da maioria dos *esmoleres*, conforme a impressão de horror que recebia do mendigo. Quanto mais feio este, mais dava, no desejo único de se libertar pelo maior sacrifício, e se o mendigo era *loquaz* nas gratidões então fugia perseguido, até com raiva do outro.

Pois mesmo o costume de dar mudara agora. Vivia numa luta mesquinha com a mulher. Esta era menos sensível e sabia que estavam ricos. Dava esmolas também, como o marido, e embora o gesto físico de dar fosse nela um insulto pro mendigo, isso não era culpa dela. Era, culpa do corpo horroroso. Não concebia as esmolas de mais de tostão e muito comentara com Nedim os desperdícios deste, algumas vezes até mil réis indo parar nas mãos embebedadas. E agora Nedim que a censurava pelos poucos tostões dos sábados. Nedim tomava conta das esmolas da mulher. Achava mesmo sempre um jeito de *surripiar* uns três tostões à sabatina esmolar da companheira, não pra conservar mas pra eles darem durante a semana. E esse dinheiro ele dava bem, sem nenhuma luta com a economia. Dava pelo prazer pessoal de dar. Mas a mulher, está claro que percebia o roubo, e por seu lado roubava em qualquer compra à equivalência do perdido, pra dar exatamente, friamente, o quanto destinava à esmola. Não falava nada pro marido, mas Nedim conhecia a mulher e tinha consciência de, ou antes, vergonha por ela perceber os roubos. Nem por isso deixava de roubar; e numa ilusão, só mesmo possível em seres assim tão fatais, se desintegrava da vida econômica da esposa e continuava imaginando que tinha alguma forma de economizar naqueles roubos.

Afora isso, que vida maravilhosamente unânime a dos dois! Só havia entre eles a confiança perfeita e o silêncio. Quase não se falavam. Não tinham o que se dizer, pois um *bisava* a consciência do outro, apesar de seres diferentíssimos. Tudo o que era espontaneidade em Nedim, se repetia sistematizado, conscientemente nela, e da mesma forma como ele, sem querer, era naturalmente bom, ela era naturalmente má. (...) O que ela sentia por Nedim era o mais completo, mais frio, mais sistematizado ódio. Está claro que isso jamais lhe atingira o conhecimento, mas o fato é que odiava Nedim. Viviam em muito perfeita harmonia; e as rugas que tinham eram rugas de Nedim, uns gritos ásperos, uns insultos de "cadela por sua

¹ O conto é um fragmento do romance *Café*, conforme anota o autor ao final do texto original.

mãe que foi cadela” pra baixo, tudo parado no meio, de repente, sem razão pra continuar. A megera estava acostumada e não sofria. Obedecia quando era justo obedecer, desobedecia se não. Não se sentia feliz, porém, não haveria modos de a fazerem desgraçada. Se o marido morresse, a vida continuava, e na certa que encontraria logo alguém que, pretendendo lhe gozar a herança, lhe servisse de objeto pra supliciar. Suplício sutil, feito mais duma criação de ambiente que de gestos reais. Porém, estes existiam também e eram conscientes.

Uma das formas com que ela supliciava Nedim era o gamão. Nedim, não se pode afirmar que gostasse do gamão, jogava-o. O fraco dele era esse gamão, jogado a leite de pato com a mulher. Desde os tempos de casamento, se estavam juntos e sem que fazer, jogavam o gamão. Nedim às vezes, fatigadíssimo duma viagem, e agora, exausto com os terrores financeiros do dia, se atirava numa cadeira na entressombra familiar. A danada largava o servicinho ou calmamente continuava acabando um arranjo. Depois trazia o jogo. Muitas vezes a fadiga de Nedim era tamanha, que ele nem mexia, olhos fechados. A danada arranjava as pedras de ambos e ficava ali, sem uma frase, esperando. Nedim se remordia desesperado. Uma vontade imensa de não jogar, despeito por causa de ter perdido na véspera, aquele número seis que não viera nem uma vez pra ele na negra... Abria os olhos e principiava jogando com afobação. E eram duas horas de martírio. Uma luta de espertezas. Os dois roubavam. O interesse do jogo não estava na vitória, estava na trapaça. Tomavam mais cuidado em somar os pontos do adversário que os próprios. Nos próprios, se errassem, nunca jamais que errariam de maneira a se prejudicar, mas a mínima desatenção que tivessem, era certo que o adversário trapaceava. Somava como lhe convinha, ou na conta dos dados, ou no pulo das pedras. Um gamão que consistia apenas nisso: não deixar o inimigo trapacear.

Pra esse jogo escuso, das horas noturnas, a leite de pato, separados dos homens, no quarto solitário, eles tinham transportado todo o instinto de roubo que a honestidade não deixara eles praticarem na vida. No gamão é que conseguiam a maior intimidade entre si, de seres ávidos, duma ganância fixada em finalidade, capaz de todos os sacrifícios morais. Se detestando no momento, um buscando de qualquer forma prejudicar o adversário, no jogo é que eles se emparceiravam melhor, um encontrando no outro, como num espelho, a única verdade fixa de ambos, que uma espécie de puerilidade moral não os deixava praticar na vida. E quando um pegava o outro na trapaça, vinham as palavras ásperas, os “gatunos!”, os “filha de cadela!”, cantar os passes daquele gamão desgraçado. Mas a verdade é que estavam se insultando a si mesmos. O insulto era uma espécie de auto-sugestão com que se incitavam a roubar inda mais; um cilício de excitação e ao mesmo tempo uma espécie de qualificação cheia de desprezo pelo que queriam ser. E aquilo esquentava o manejo. Jogavam rápido, numa habilidade prodigiosa de somas e gestos, loucos pra andarem mais depressa, acabar com aquilo e fugirem de si mesmo. Pouco a noção de jogo se transformara inteiramente neles. Não havia a mínima consciência de roubo. Se ganhavam por alguma trapaça escapada, a sensação da vitória vinha, absolutamente virtuosa, dar um gosto indizível pra Nedim. Pra ela não: dava apenas um olhar de confidência deslavada: “Roubei e você não percebeu!” Ela jogava friamente, ele com toda paixão, mas ambos agastadíssimos. E continuavam assim até que o sírio não suportava mais o suplício, ia dormir, com um sono inexato, bordado de memórias e de raivas. A megera vinha, como um insulto desafiando, se deitar ao lado dele. Nedim recuava com nojo. Outras vezes se lançava sobre ela feito uma fúria, mais por vingança que outra coisa. Ela se deixava gozar pacientemente, pronta sempre. Mas não tivera jamais um suspiro de amor.

[de “Primeiro Andar”, *Obra imatura*, abril de 1930]

Glossário

mascate: vendedor ambulante de objetos manufaturados, tecidos, joias etc.

gatuna: ladra.

espoliado: aquele que foi desapoderado, privado de um bem por meios ilícitos.

sugadeira: [gente] aproveitadeira; que extorque por meio de manhas ou fraudes.

esmoleres: quem dá esmolas; caridosos, caritativos, generosos.

loquaz: quem fala em excesso; eloquente ou fluente no falar. [Fig.] Que faz grande barulho.

surripiar: subtrair algo de alguém às escondidas; roubar.

bisava: tornar a fazer, dizer etc.; repetia.

gamão: jogo de azar e de cálculo entre dois parceiros, com 15 tábulas cada um.

cilício: sacrifício ou mortificação a que alguém se sujeita voluntariamente.

agastadíssimos: muito agastados, encolerizados, irados.



FIM

BREVE CRONOLOGIA

1893. Nascimento de Mário Raul de Moraes Andrade, a 9 de outubro, em São Paulo (capital).

1917. Publica, por conta própria, seu livro de estréia, *Há uma gota de sangue em cada poema*, sob o pseudônimo Mário Sobral.

1919. Visita Minas Gerais, deslumbrando-se com o barroco mineiro. Passa a colaborar em várias revistas.

1922. Lança sua primeira obra, *Pauliceia desvairada*. Conhece o poeta Manuel Bandeira em viagem ao Rio de Janeiro. Participa da Semana de Arte Moderna, recebendo, posteriormente, o título de escritor “subversivo e devasso”. Em julho desse ano, conhece Tarsila do Amaral, tonaram-se amigos próximos e formaram, junto a Oswald de Andrade, Menotti del Picchia e Anita Malfatti, o conhecido “grupo dos cinco”.

1924. Realiza a “viagem do descobrimento do Brasil” ao estado de Minas Gerais acompanhado por Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Olívia Guedes Penteado e Blaise Cendrars. Escreve os poemas “O poeta come amendoim” e “Noturno de Belo Horizonte” e a série “Tempo de Maria”. Colabora, também, nas revistas *Estética* e *Revista do Brasil*. Publica no formato de livro, sob o subtítulo “Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista”, o texto *A escrava que não é Isaura*.

1926. Escreve a primeira versão de *Macunaíma*, o herói sem nenhum caráter.

1927. Em viagem ao Norte do país, levanta informações e impressões que ajudarão na construção da parte inicial do livro *O turista aprendiz*. No mesmo ano, mantém trabalho na obra *Macunaíma* e publica, também, o poema “Clã de jabuti” e o romance *Amar, verbo intransitivo*.

1928. Publica as obras *Macunaíma, Ensaio sobre a música brasileira* e o poema “Manhã”.

1929. É publicado o livro *Compêndio de história da música*.

1930. Ano marcado pela Revolução de 1930, a qual conta com o apoio do autor, que em breve cairá por terra ao deparar-se com o estado (São Paulo) sob ações de coação e hostilidade pelo governo. Neste mesmo ano publica os poemas *Modinhas imperiais* e *Remate de males*.

1934. Publica a crítica *Música, doce música* e os contos de *Belazarte*.

1935. Após redução de sua produção literária em virtude da nomeação ao Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, entre os períodos de 1935 e 1938, Mário neste ano, no Rio de Janeiro, os ensaios *O Aleijadinho* e *Álvares de Azevedo*.

1945. Falece aos 51 anos, vítima de um ataque cardíaco.

Referências

CASTRO, Moacir Werneck de. Mário de Andrade: exílio no Rio. 2. ed. Belo Horizonte:

Autêntica Editora, 2016.

FRAZÃO, Dilva. Mário de Andrade. *eBiografia*. Disponível em:

https://www.ebiografia.com/mario_andrade/. Acesso em: 30 out. 2022.

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Sujeitos ficcionais. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais: introdução à teoria da literatura*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 1-41. (Texto e linguagem).

OBRAS DO AUTOR

Conto

Primeiro Andar (1926)

Belazarte (1934)

Contos Novos (1946) – publicado postumamente

Crônica

Os Filhos da Candinha (1943)

Poesia

Há uma gota de sangue em cada poema (1917)

Pauliceia Desvairada (1922)

Losango Cáqui (1926)

Clã do Jabuti (1927)

Remate de Males (1930)

Poesias (1941)

Lira Paulistana (1946) – publicado postumamente

O Carro da Miséria (1946) – publicado postumamente

Romance

Amar, Verbo Intransitivo (1927)

Macunaíma (1928)

Ensaio

A Escrava que não é Isaura (1925)

O Aleijadinho (1935)

Álvares de Azevedo (1935)

O Baile das Quatro Artes (1943)

Aspectos da Literatura Brasileira (1943)

O Empalhador de Passarinhos (1944)

O Banquete (1978) – publicado postumamente

Ensaio sobre a Música Brasileira, 1928

Compêndio da História da Música, 1929

Modinhas e Lundus Imperiais, 1930

Música, Doce Música, 1933

Namoros com a Medicina, 1939

Música do Brasil, 1941

Padre Jesuíno de Monte Carmelo, 1946 – publicado postumamente

Poesias Completas, 1955

Danças Dramáticas do Brasil, 3 vol., 1959 – publicado postumamente

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário. *Obra imatura*. Estabelecimento de texto Aline Nogueira Marques; coordenadora da edição: Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. Estabelecimento do texto Hugo Camargo Rocha e Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CASTRO, Moacir Werneck de. *Mário de Andrade: exílio no Rio*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FRAZÃO, Dilva. *Mário de Andrade. eBiografia*. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mario_andrade/. Acesso em: 30 out. 2022

SANTOS, Luis Alberto Brandão. Sujeitos ficcionais. In: SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Sujeito, tempo e espaço ficcionais*: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 1-41. (Texto e linguagem).

CRÉDITOS INSTITUCIONAIS

LED

Coordenadora
Elaine Amélia Martins

Vice-coordenadora
Ana Elisa Ribeiro

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro
Profa. Dra. Elaine Amélia Martins
Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.
Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira
Prof. Dr. Rogério Barbosa da Silva
Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)
Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)
Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)
Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)
Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)
Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)
Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)
Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNF-BH, Brasil)
Prof. Dr. Mário Vinícius Ribeiro Gonçalves (CEFET-MG, Brasil)

LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras: Tecnologias de Edição do CEFET- -MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.

<https://www.led.cefetmg.br/>

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Diretora-Geral
Carla Simone Chamon

Vice-Diretor
Conrado de Souza Rodrigues

Chefe de Gabinete
Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretora de Educação Profissional e Tecnológica
Lilian Aparecida Arão

Diretor de Graduação
Moacir Felizardo de França Filho

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação
Laíse Ferraz Correia

Diretor de Planejamento e Gestão
Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário
Patterson Patrício de Souza

Diretora de Governança e Desenvolvimento Institucional
Carolina Riente de Andrade

Diretor de Tecnologia da Informação
Sandro Renato Dias

Diretor de Desenvolvimento Estudantil
Leandro Braga de Andrade

Departamento de Linguagem e Tecnologia

Chefe
Renato Caixeta da Silva

Chefe Adjunta
Natália Moreira Tosatti

Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição

Coordenador
Luiz Antônio Ribeiro

Coordenador Adjunto
Guilherme Lentz da Silveira Monteiro

Este volume faz parte da série **E-Leituras**, que visa a divulgar textos de domínio público, em especial da literatura brasileira. Após um tratamento editorial adequado, essas obras são disponibilizadas gratuitamente, em formato eletrônico, oferecendo suporte ao ensino nos níveis fundamental e médio. Pretendemos, com isso, incentivar a leitura de textos primordiais da literatura, dando aos leitores as ferramentas – o livro reeditado – para a apreciação das obras. O projeto é desenvolvido semestralmente na disciplina Projeto Editorial II e integra as produções da LED, a editora-laboratório do curso de Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG.

"Diziam-me em criança que eu era espírito de contradição... Não sei. É bem verdade porém que dois meses depois de abordar o Brasil um desejo alastrou-se por mim de tal forma a inutilizar-me algum tempo como obsessão." [do conto "Brasília"]

Numa leitura apressada poderíamos até nos confundir, achando tratar-se este texto de uma confissão do autor. E talvez seja, mascarada pela ficção. Porque Mário de Andrade tomou o Brasil nas mãos e tentou extrair dele, em sua matéria ficcional, o que havia de mais profundo e autêntico. Macunaíma é um bom exemplo de como essas coisas podem estar interligadas, o arcaico e o moderno. Aqui, nestes "Contos selecionados", podemos também apreciar esta espetacular fusão entre uma visão crítica da realidade e sua potente imaginação.

